A POESIA DE ARQUÍLOCO

NELY MARIA PESSANHA

Rio de Janeiro

UFRJ/ Faculdade de Letras

1989

EXAME DE TESE

PESSANHA, Nely Maria. A poesia de Arquíloco. Tese de Doutorado em Letras Clássicas - Língua e Literatura Grega. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1989.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Guida Nedda Barata Parreiras Horta - UFRJ
(Orientadora)

Suzanna Teixeira Mendes de Mello

Profª. Dra. Suzanna Teixeira Mendes de Mello - UFRJ

Carlos Antônio Kalil Tannus

Prof. Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus - UFRJ

Maria da Glória

Profª. Dra. Maria da Glória Novak - USP

Donaldo

Prof. Dr. Donaldo Schüler - UFRGS

Profª. Dra. Maria Adília Pestana de Aguiar Starling - UFRJ
(Suplente)

Profª. Dra. Marilda Evangelista dos Santos Silva - UFRJ
(Suplente)

Examinada a Tese

Conceito: Excelente

Em 05 / 07 / 1990.

A POESIA DE ARQUÍLOCO

8734

por

NELY MARIA PESSANHA

Sub-área de Letras Clássicas

Tese de Doutorado em Língua e Literatura Grega, apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientador Acadêmico: Profª. Dra. Guida Nedda Barata Parreiras Horta.

Rio de Janeiro
UFRJ/ Faculdade de Letras
1989

A minha Mãe, presente na lembrança e na saudade,

e

A meu Pai, presente, por dádiva dos deuses, a este momento,

meus iniciadores na arte de viver.

À Profª. Dra. Guida Nedda Barata Parreiras Horta, minha dedicada Orientadora, minha Mestra e amiga, a quem devo a minha trajetória acadêmica

e

Ao Dr. José Hamilton Gonçalves de Farias, que me ensinou a vencer, dentre outras muitas, as dificuldades deste percurso,

a minha mais sincera gratidão.

À Dra. Maria Helena da Rocha Pereira, Professora Titular da Universidade de Coimbra, pela gentileza de ter acompanhado meu estágio na Atenas portuguesa

e

Ao Prof. Dr. Américo da Costa Ramalho, Diretor do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por ter-me aberto as portas dessa casa,

os meus mais respeitosos agradecimentos.

Aos meus queridos colegas Professores do Departamento de Letras Clássicas, companheiros de muitas jornadas, que, além da palavra amiga do incentivo, me prestaram auxílios muitos, em momentos vários deste exercício,

Hilda Costa Amorim
Hime Gonçalves Muniz
Manuel Aveleza de Sousa
Mára Rodrigues Vieira
Maria Adília Pestana de Aguiar Starling
Marilda Evangelista dos Santos Silva
Marinete José de Oliveira Santana Ribeiro
Miguel Barbosa do Rosário
Shirley Fátima de Almeida Peçanha
Suzanna Teixeira Mendes de Mello
Tânia Martins Santos Fernandes
Vanda Santos Falseth
Vera Regina Figueiredo Bastian

e

Glória Braga Onelley, a quem devo também a datilografia dos textos em língua grega,

Carlos Antônio Kalil Tannus, de quem também recebi mil outras gentilezas e expressões inúmeras de afeto,

o meu agradecimento, a minha estima e admiração.

Aos Professores da Universidade de Coimbra,

Francisco de Oliveira
João Nunes Torrão
José Manuel Rebelo
José Ribeiro Ferreira
Maria Aparecida Ribeiro Pinho
Maria de Fátima de Sousa e Silva
Maria Teresa Schiappa de Azevedo
Nair Nazaré de Castro Soares
Sebastião Tavares de Pinho
Zélia de Sampaio Ventura
Walter de Medeiros,

agradeço a acolhida amável
na terra lusa.

Às Profªs. Eliana Bueno Ribeiro e Maria da Graça Assis Cretton, pelo incentivo,

A Luiz Augusto Maria da Costa Pessanha, meu sobrinho, pelos muitos préstimos e pelo carinho com que datilografou a primeira versão deste trabalho,

e

A Magda Vianna Torres, que, com esmero e dedicação, datilografou esta tese,

os meus agradecimentos.

À CAPES, que tornou possível a minha ida a Coimbra,

agradeço.

SINOPSE

Arquíloco e seu tempo. Informes biográficos. Considerações acerca da elegia e iambo. Tradução dos fragmentos mais expressivos. Arquíloco, poeta de transição entre dois mundos.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO

2 - O POETA E SUA ÉPOCA

2.1 - Momento histórico
2.2 - Dados biográficos

3 - A ELEGIA E O IAMBO

3.1 - A elegia
3.2 - O iambo

4 - TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS

4.1 - Elegias
4.2 - Trímetros
4.3 - Tetrâmetros
4.4 - Epodos
4.5 - De gênero incerto
4.6 - Duvidosos
4.7 - Espúrios
4.8 - Pap. Col. inv. 7511.1-35 = Fragmento 196a West

5 - ARQUÍLOCO E A TRADIÇÃO

5.1 - A sabedoria do poeta
5.2 - A instabilidade da fortuna

6 - A POESIA DO ΨΟΓΟΣ

6.1 - Temas militares
6.2 - Temas políticos
6.3 - Temas amorosos

7 - CONCLUSÃO

8 - BIBLIOGRAFIA

9 - NOTAS

1 - INTRODUÇÃO

Pouco estudada tem sido, entre nós, a produção poética - dita lírica pelos teóricos modernos -, que floresceu na Grécia arcaica, a partir do século VII a.C. Trata-se, contudo, de um dos momentos mais importantes da literatura grega, visto que a poesia, embora se revele herdeira, sobretudo em sua forma externa, das obras homérica e hesiódica, delas se distancia na medida em que reflete uma nova cosmovisão. Abandonando a glorificação do passado, o poeta volta-se para o momento presente, para o "hic et nunc" e modula os acordes de sua poesia, ora pelo tom das ondas revoltas da emoção, ora pelo tom imposto pelo momento de sua πόλις . Busca, ainda, em canções populares de motivos outros que os heróicos, subsídios para o exercício de seu mister e afina-os pelo diapasão de sua arte. Quis, porém, a fortuna que essa floração poética chegasse até nós bastante fragmentada, privando, assim, a posteridade de usufruir de muitas de suas belezas.

Dentre os poetas gregos do período arcaico, destaca-se Arquíloco de Paros, que se notabilizou como cultor de iambos e que é considerado hoje o primeiro lírico do mundo ocidental, visto que, embora se valha do código literário à sua disposição, contido na poesia homérica e na hesiódica, muita vez desconstrói-o, subverte-o e constrói um outro em que não se privilegiam a contemplação e a exaltação do passado como tempo ideal e em que a palavra poética deixa de ser apenas expressão do ἔπαινος dos atos de bravura, das façanhas dos ἄριστοι e se insere numa or-

dem mais próxima da contemporaneidade do poeta.

Tem ele merecido especial atenção dos helenistas europeus e norte-americanos, sobretudo a partir de 1973, após a descoberta do Pap. Col. 7511, do qual tivemos conhecimento, em setembro de 1987, através da Profª Dra. Maria Helena da Rocha Pereira, da Universidade de Coimbra, quando de sua visita ao Brasil. Trata-se de achado de grande importância, pois abre possibilidades a uma melhor compreensão não só da obra desse iambógrafo, mas também da poesia grega do período arcaico, principalmente do gênero iâmbico.

Convém assinalar que os trabalhos apresentados durante os "Entretiens" sobre Arquíloco, promovidos pela Fundação Hardt, em 1963, abriram caminho para uma nova interpretação de sua obra, sobretudo o de K. J. Dover, "The poetry of Archilochos". A partir de então, os fragmentos do poeta de Paros deixaram de servir, apenas, à reconstituição do contexto histórico de Paros e Tasos do séc. VII a.C. e da biografia do poeta e passaram a ser analisados à luz de sua literariedade.

Pretende-se, pois, neste trabalho, estudar a obra do poeta de Paros, procurando demonstrar sua importância como poeta inovador, marco miliário de uma nova fase do helenismo.

Para levar-se a termo esta tarefa, julgou-se relevante proceder, primeiro, à análise do contexto histórico-social em que viveu o poeta. De grande valia para essa etapa do trabalho foram as obras de J. Pouilloux e de Claude Mossé, citadas na bibliografia. Foram também uti-

lizados aqueles fragmentos de Arquíloco que podem ser considerados fontes primárias de um estudo histórico, visto que coincidentes com os dados hauridos da epigrafia e da arqueologia.

Procurou-se, a seguir, estabelecer as características essenciais dos gêneros elegíaco e iâmbico, para o que foi de grande valia a teorização de Martin L. West, em Studies in Greek elegy and iambus. Trata-se de trabalho importantíssimo, publicado em 1974, verdadeiro marco nos estudos acerca da elegia e do iambo gregos arcaicos, de que se têm utilizado os helenistas para fundamentarem seus posicionamentos acerca de tais variedades poéticas.

Passou-se, depois, à tradução dos fragmentos, desprezando-se aqueles que, por muito mutilados, não ofereciam condições de interpretação. Optou-se, para o presente trabalho, pelo texto estabelecido por Martin L. West, em Iambi et elegi Graeci, ante Alexandrum cantati, vol. 1, publicado em 1971 por Oxford University Press, após tê-lo cotejado com dois outros: a edição publicada, em 1958, pela Société d'édition "Les Belles Lettres", cujo texto foi estabelecido por François Lasserre e traduzido e comentado por André Bonnard e o estabelecido por Giovanni Tarditi, editado em 1968, pela Ateneo, de Roma. Motivou a escolha o fato de ser a edição crítica do helenista inglês considerada, hoje, a mais digna de fé. Seguiu-se, então, a numeração dos fragmentos adotada por Martin L. West; mas, como, entre os estudiosos de nosso País, a edição francesa é a mais difundida, teve-se a preocupação de indicar a correspondência numérica dessa edi-

ção. É bom acrescentar que, como um dos fragmentos contidos no Pap. Col. 7511, embora tenha recebido de West o número 196a, não consta de nenhuma das três edições acima referidas, julgou-se de bom alvitre apresentá-lo, em separado, após a tradução dos outros fragmentos. Precedeu a essa tradução a transcrição do texto grego e ligeiros comentários acerca da discussão de sua autenticidade.

A seguir, examinou-se a obra do poeta de Paros no contexto da poesia arcaica da Grécia, procurando-se verificar, inicialmente, a relação de sua poesia com a tradição poética anterior. Centrou-se a análise em dois pontos: o poeta visto como sábio e o homem face ao divino. Visou, por fim, essa investigação, a determinar como e até que ponto se manifestava o espírito irreverente do poeta, transgressor dos códigos literários vigentes até então, uma vez que merecera ele, na Antigüidade, o epíteto de ψογερός. Deve-se esclarecer que, desde a fase inicial desta pesquisa, se pensou que a parte da obra de Arquíloco aqui intitulada de "poesia do ψόγος", se enquadrava na teoria baktiniana do sério-cômico. Temeu-se, a princípio, utilizá-la como fundamento teórico. No entanto, foi encorajadora a lição de Bruno Gentili, em Poesia e pubblico nella Grecia Antica :

> As implicações postuladas por Baktin podem, a meu ver, ser aprofundadas e reconduzidas, como se viu, a uma época muito mais remota da cultura grega [1].

Convém, ainda, observar que, tanto no capítulo 5, quan

to no 6, ao serem analisados os fragmentos, foram feitas referências a textos de outros poetas da Grécia arcaica, o que visou a estabelecer as semelhanças e dessemelhanças entre estes e os do iambógrafo, objeto deste estudo. Preferiu-se, por isso, não se dedicar um capítulo às inovações introduzidas por Arquíloco no fazer poético da Grécia pré-clássica, mas apontá-las à medida que se julgou relevante fazê-lo.

Impõe-se um esclarecimento final, acerca das citações, feitas de três maneiras diversas: como o capítulo 4 é dedicado à tradução dos fragmentos do poeta de Paros, cita-se, nos outros capítulos deste trabalho, somente o original grego; as citações dos demais autores helênicos são feitas em grego e vêm seguidas de tradução, visto que, freqüentes vezes, é necessária a apresentação do texto original, para que se possam estabelecer paralelos entre eles e os do poeta estudado; as demais citações são feitas, obedecendo às normas estabelecidas pela ABNT, em vernáculo.

2 - O POETA E SUA ÉPOCA

2.1 - Momento histórico

No século VII a.C. em que viveu Arquíloco, os regimes monárquicos já haviam desaparecido da Hélade. Viviam as cidades gregas sob governos oligárquicos, de caráter eminentemente aristocrático, cujos representantes fundamentavam seu poder na ancestralidade, reconhecida como divina, e na riqueza, indissoluvelmente ligada à propriedade rural.

Essa época se caracteriza por profundas transformações sociais e políticas, cujas raízes podem ser buscadas nos movimentos de expansão do mundo grego, através da bacia do Mediterrâneo, ou seja, em movimentos de colonização que se iniciam em meados do séc. VIII a.C. e se prolongam até os inícios do séc. V a.C.

Consideram-se, como fatores determinantes da emigração: o superpovoamento que trouxe como conseqüência a στενοχωρία ; a pobreza do solo, impróprio ao cultivo de cereais; a busca de matérias-primas, principalmente, metais e madeira. Acresce, ainda, que, como afirma Claude Mossé, "a mentalidade grega arcaica associava intimamente o direito de cidadania à posse de um lote de terras" [2], o que determinava, após a sua instalação, a divisão de solo entre os colonos.

Estabelecem-se as primeiras colônias gregas no sul da Itália e na Sicília. Assiste-se, depois, a movimentos migratórios, que, provenientes da Grécia insular e das

cidades gregas da Ásia Menor, se dirigem para o norte do mar Egeu. Destaca-se, dentre eles, a colonização, no primeiro quartel do séc. VII a.C., de Tasos pelos parienses, motivada, provavelmente, pela ambição de riquezas. Sabe-se hoje que a ilha de Paros, rica em mármore, era bastante próspera e Tasos representava um posto avançado, ideal para se atingir a Trácia, região rica em ouro, portanto, muito cobiçada. Talvez o fragmento 102W expresse, de preferência, avidez pelas riquezas a uma verdadeira situação de miséria:

Πανελλήνων οἴζὺς ἐς Θάσον συνέδραμεν.

A fundação de uma colônia se revestia também de um caráter religioso e, ao fundá-la, competia ao οἰκιστής introduzir no território da colônia os cultos praticados na metrópole. Assim é que Pausânias[3], ao descrever um vaso de Polignoto, datado do século V a.C. que figurava na Λέσχη de Delfos, informa que o pintor Tásio representara, na barca de Caronte, a Télis, o avô do poeta, ainda efebo e a jovem Cleobéia, com um cofre nos joelhos tal qual se costumava fazer em honra de Deméter. Fora Cleobéia, diz o erudito grego, a primeira a trazer de Paros para Tasos os mistérios de Deméter. Não houve, porém, colonização anterior a Telesicles, pois, como crê Pouilloux, Télis não foi um οἰκιστής, mas

> os primeiros 'Missionários' chegaram nos fins do VIII século, antes do primeiro núcleo político, por volta de 680, antes da dominação incontestada nos meados do século[4].

Pode-se inferir da afirmação do arqueólogo francês que a colonização de Tasos deve ter sido precedida, como muitas vezes acontecia, de uma expedição de reconhecimento da ilha, pois admite-se que, entre 710 e 680 a.C., houve deslocamentos de habitantes de Paros para o norte do Egeu.

Convém assinalar que pouco se sabe acerca das atribuições conferidas aos primeiros οἰκισταί, mas, a julgar de colonizações posteriores, das quais se conhecem os decretos de fundação, pode-se dizer que eram eles investidos de poderes políticos, militares e religiosos.

O οἰκιστής de Tasos foi Telesicles, pai de Arquílo - co. Recebera ele, segundo Enomeu de Gádara[5], e Estêvão de Bizâncio[6], do oráculo de Delfos a ordem de fundar a nova cidade:

> ἄγγειλον Παρίοις, Τελεσίκλεες, ὥς σε κελεύω
> νήσῳ ἐν Ἠερίῃ κτίζειν εὐδείελον ἄστυ.

(Trad.: Anuncia aos Parienses, ó Telesicles, que eu ordeno que tu fundes, na ilha Eéria, uma cidade visível ao longe)

É bom lembrar que se tem notícia de vários oráculos de fundação de colônias, o que, além de evidenciar os aspectos religiosos existentes nesses movimentos migratórios, permite admitir que os sacerdotes de Apolo deveriam ter reunido, desde uma época muito remota, conhecimentos geográficos, bastante preciosos, capazes de orientar o estabelecimento de colonos.

Fundada uma colônia, mantinham-se entre ela e a metró-

pole laços religiosos muito intensos; mas os liames políticos são, por vezes, bastante fracos, a ponto de desenvolverem as colônias estruturas sociais distintas das da cidade-mãe. Esta poderia, contudo, socorrer a colônia em momentos de dificuldade. No tocante às relações entre Paros e Tasos, sabe-se que foram bastante estreitas e, em tempos posteriores, outros grupos provenientes daquela ilha Cicládica se estabeleceram nesta última, ao norte do Mediterrâneo, visando, primeiro, a manter a nova colônia e, depois, a auxiliar os tásios em suas incursões pela Trácia.

Estabelecia-se, no entanto, entre as colônias e as metrópoles, um sistema de trocas, embrião de uma economia mercantil. A Grécia propriamente dita importa, das colônias, cereais e matérias-primas, tais como metais preciosos, madeiras, lãs e exporta vinho, azeite e produtos manufaturados.

A estabilidade do poder dos oligarcas, verdadeiros plutocratas, começa, ainda no século VII a.C., a sofrer pressões de uma classe "média" nascente, oriunda do enriquecimento através do comércio e que passa a reivindicar sua participação no poder. A extensão dos domínios rurais vai perdendo o prestígio de critério único na avaliação da riqueza, face à fortuna constituída por bens móveis, resultado da introdução do uso da moeda nas transações comerciais, no Mediterrâneo.

A nova "burguesia" aspira ao poder. A aristocracia teme perdê-lo. Reformas se impõem. Instaura-se, então, nos meados do século VII a.C. e durante o século VI a.C., em

muitas cidades, a tirania. É bom lembrar que esta palavra ocorre, pela primeira vez, na literatura grega, no fragmento 19W de Arquíloco. Parece que o poeta conheceu tal regime político, como se pode inferir do fragmento 115W:

νῦν δὲ Λεώφιλον μὲν ἄρχει, Λεωφίλου δ' ἐπικρατεῖν,
Λεωφίλωι δὲ πάντα κεῖται, Λεώφιλον δ'†ἄκουε.

Dois achados arqueológicos importantes fornecem informações preciosas acerca da história de Paros: a inscrição de Sósthenes, que data do séc. I a.C., descoberta no fim do século passado e publicada em 1900; e a inscrição de Mnesiepes, que data da metade do séc. III a.C., descoberta em novembro de 1949 e publicada em 1955 por Koutoleon.

A epígrafe de Sóstenes, que se baseia em Demeas, cronista pariense do séc. III a.C. e na obra do poeta, informa a respeito da existência de arcontes na ilha, o que constitui uma revelação importante acerca de sua organização política:

* ἀν]αγέγραφεν δὲ ὁ Δημέας ἕκαστα [τῶν τε πεπραγμέ-]
ν]ων καὶ γεγραμμένων ὑπὸ Ἀρχιλόχου κατ[ἄρχοντα]
ἕκαστον, καὶ ἤρκται ἀπὸ ἄρχοντος πρῶτον Εὐρ[*,

(Trad.: Demeas registrou cada um dos feitos e escritos de Arquíloco, segundo cada arconte, e começa pelo arconte Eur...)

No tocante às alianças ocorridas na época da colonização, há, ainda na inscrição, referência a uma embaixada milésia, provavelmente enviada a Paros para pedir ajuda

na guerra contra Naxos. Mencionam-se, ainda, as rivalidades com os trácios, motivadas pela ambição despertada pelas suas minas de ouro.

Na inscrição de Mnesiepes, encontra-se uma alusão às lutas contra os Náscios, povo que hoje se sabe ter sido um dos maiores adversários de Paros na época da colonização:

πολέμου γάρ ποτε πρὸς τοὺς Ναξίους ἰσχυροῦ ὄντος

(Trad.: pois, havendo uma guerra terrível contra os náxios...)

Ressonâncias do momento histórico encontram-se na obra de Arquíloco, em que, muitas vezes, os acordes de sua poesia são modulados pelo momento vivido por sua πόλις . Usa, freqüentes vezes, da magia da palavra poética para exteriorizar seus posicionamentos e suas aspirações em relação ao microcosmo em que vive e, desta maneira, exerce seu dever de cidadão. Sob este aspecto, à poesia de Arquíloco poder-se-ia aplicar a afirmação de Francisco Rodriguez Adrados:

> a lírica é um instrumento de ação, ainda que por vezes inclua a auto-justificação do poeta ou a expressão de um sentimento profundo [7].

2.2 - Dados biográficos

Poucos e imprecisos são os dados biográficos de Arquíloco, provenientes, de um modo geral, de indicações ex-

traídas da obra do poeta e de informações fornecidas pela epigrafia e pela arqueologia. Sabe-se que o poeta era natural de Paros, ilha rica em mármore, pertencente ao Arquipélago das Cicládicas, e que viveu no séc. VII a.C.. A julgar pelas referências em escritores posteriores e em dados da epigrafia, apesar da pecha de difamador, gozou de renome e estima, mormente em sua terra natal. Testemunha-o, entre outros, Alcidamas, citado por Aristóteles, em Retórica 1398b: " Πάριοι γοῦν Ἀρχίλοχον καίπερ βλάσφημον ὄντα τετιμήκασι "
(Trad: Os Pários, com efeito, estimaram Arquíloco, embora fosse ele difamador).

Desconhecem-se, contudo, as datas limites de sua existência, mas admite-se que atingiu a ακμή por volta de 650 a.C., datação que se baseia, sobretudo, na análise dos fragmentos 19W, 20W e 122W.

No fragmento 20W, há referência à destruição de Magnésia do Meandro, ocorrida, como se sabe hoje, em 652 a.C.:

κλαίω τὰ Θασίων, οὐ τὰ Μαγνήτων κακά.

Ainda que a expressão " τὰ Μαγνήτων κακά " tenha, segundo a Suda, adquirido a conotação de "as maiores e as mais dolorosas desgraças" e, portanto, foros de provérbio, símbolo dos infortúnios humanos, é possível formular-se a hipótese de que tal fato ocorrera na época de Arquíloco. Segundo Estrabão 14, 1, 10, a destruição de Magnésia foi obra dos Treres, povo da raça dos Cimérios. Afirma ele, ainda, que tanto Arquíloco, como Calino aludem, em suas obras, aos Magnésios: enquanto o poeta de Éfeso lembra a

época de prosperidade do povo da Cária, Arquíloco faz menção à desgraça que lhe acontecera. Opinião idêntica encontra-se em Clemente de Alexandria [8]. Informam eles que ambos os poetas foram contemporâneos.

A destruição de Magnésia do Meandro coincide com o final do reinado de Giges, fixado entre 687 e 651, por F. Jacoby que, para tal, se baseou em documentos assírios comprobatórios da contemporaneidade de Giges e Assurbanipal. À conclusão análoga, no tocante a essa datação, chegou Van Campernolle. A menção ao rei da Lídia ocorre no fragm. 19W:

> οὔ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,
> οὐδ' εἶλέ πώ με ζῆλος, οὐδ' ἀγαίομαι
> θεῶν ἔργα, μεγάλης δ'οὐκ ἐρέω τυραννίδος·
> ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

Aristóteles, que cita o primeiro verso desse fragmento, a título de exemplificar o uso do procedimento retórico denominado "persona loquens", nada informa sobre o rei da Lídia.

No entanto, Heródoto, em História 1, 12, ao referir-se ao rei, afirma ter sido este contemporâneo do poeta de Paros:

> καὶ μετὰ ταῦτα ἀναπαυομένου Κανδαύλεω
> ὑπεκδὺς τε καὶ ἀποκτείνας αὐτὸν ἔσχε καὶ
> τὴν γυναῖκα καὶ τὴν βασιληίην Γύγης· τοῦ
> καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον
> γενόμενος, ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη.

(Trad.: Depois disso, enquanto Candaulo repousava, Giges

tendo escapado secretamente, mata-o e toma-lhe a esposa. Arquíloco, que viveu na mesma época, a ele se refere em trímetros iâmbicos).

Para Heródoto, Giges reinou entre 716 e 679 a.C. Cícero [9], que parece ter-se apoiado nesse historiador, afirma que Giges vivia "regnante Romulo", ou seja, entre 753 e 716 a.C. Eusébio também atesta a sincronia entre a ἀκμή de Arquíloco e o reinado de Giges: " ὁ δὲ Ἀρχίλοχος ἤκμασε περὶ Ὀλυμπίαδα τρίτην καὶ εἰκόστην, κατὰ Γύγην τὸν Λυδόν."

(Trad.: Arquíloco alcançou a ἀκμή por volta da 38ª Olimpíada, na época de Giges).

Há, pois, entre os Antigos, a despeito da variação de data, concordância quanto à contemporaneidade do rei da Lídia e do poeta de Paros.

Pode-se evocar, ainda, como fundamento para essa datação, os versos 2-4 do fragm. 122W:

ἐπειδὴ Ζεὺς πατὴρ Ὀλυμπίων
ἐκ μεσαμβρίης ἔθηκε νύκτ', ἀποκρύψας φάος
ἠλίου † λάμποντος,

Refere-se esse fragmento a um eclipse do sol. Segundo os dados da astronomia [10], houve dois eclipses totais do sol, visíveis em Thasos: um, em 711 a.C.; outro, em 648 a.C. Crê a maioria dos helenistas que Arquíloco esteja fazendo menção ao eclipse de 648 a.C.. Tal hipótese está em consonância com a lição que se pode inferir dos fragmentos 19W e 20W.

Ora, se se estabelece a ἀκμή de Arquíloco nos meados do século VII a.C., o poeta deve ter nascido no primeiro quartel desse século e, como parece indicar a inscrição anônima do séc. I d.C., gravada junto à efígie do iambógrafo, num copo de prata - Ἀρχίλοχος Μυριναῖος - seria ele originário da cidade de Myrina.

Embora descendesse, pelo lado paterno, de uma família aristocrática de Paros, é dito bastardo pela tradição, pois, no dizer de Crítias [11], que chega à conclusão baseado, ao que parece, na própria obra do iambógrafo, a mãe deste, Enipo, era escrava:

αἰτιᾶται Κριτίας Ἀρχίλοχον, ὅτι κάκιστα ἑαυτὸν εἶπεν· " εἰ γὰρ μή, φησίν, ἐκεῖνος τοιαύτην δόξαν ὑπὲρ ἑαυτοῦ ἐς τοὺς Ἕλληνας ἐξήνεγκεν, οὐκ ἂν ἐπυθόμεθα ἡμεῖς οὔτε ὅτι Ἐνιποῦς υἱὸς ἦν τῆς δούλης, οὔθ' ὅτι καταλιπὼν Πάρον διὰ πενίαν καὶ ἀπορίαν ἦλθεν ἐς Θάσον, οὔθ' ὅτι ἐλθὼν τοῖς ἐνταῦτα ἐχθρὸς ἐγένετο, οὔτε μὴν ὅτι ὁμοίως τοὺς φίλους καὶ τοὺς ἐχθροὺς κακῶς ἔλεγε. Πρὸς δὲ τούτοις, ἦ δ' ὅς, οὔτε ὅτι μοιχὸς ἦν, ᾔδειμεν ἄν, εἰ μὴ παρ' αὐτοῦ μαθόντες, οὔτε ὅτι λάγνος καὶ ὑβριστής, καὶ τὸ ἔτι τούτων αἴσχιον, ὅτι τὴν ἀσπίδα ἀπέβαλεν. Οὐκ ἀγαθὸς ἄρα ἦν ὁ Ἀρχίλοχος μάρτυς ἑαυτῷ, τοιοῦτον κλέος ἀπολιπὼν καὶ τοιαύτην ἑαυτῷ φήμην". Ταῦτα οὐκ ἐγὼ Ἀρχίλοχον αἰτιῶμαι, ἀλλὰ Κριτίας.

(Trad.: Crítias acusa Arquíloco de dizer as piores coisas a respeito de si próprio, pois, afirma o ateniense, se não espalhasse, entre os gregos, tal fama a seu próprio respeito nós não saberíamos nem que era filho da escrava Enipo; nem que, após ter abandonado Paros por causa da pobreza e falta de recursos, chegara a Tasos; nem que, aí chegando, se tornara inimigo dos que lá estavam; nem que falara mal tanto dos amigos quanto dos inimigos. Além disso, afirma Crítias, não saberíamos que fora adúltero - a não ser tomando conhecimento por ele próprio -, nem que era libertino e violento e, o mais vergonhoso de tudo isso, que jogara fora o seu escudo. Então, Arquíloco não era boa testemunha de si mesmo, visto ter deixado tal reputação e fama a seu próprio respeito. Não sou eu quem acusa Arquíloco dessas coisas, mas Crítias).

Esse testemunho é, no entanto, questionado por muitos estudiosos, dentre os quais Tarditi, que observa não haver prova segura de que Enipo tivesse sido escrava e supõe que talvez se trate de um acréscimo tardio, criado para justificar a atitude de desafio e de freqüente invectiva por ele assumida. Relaciona o helenista italiano o nome próprio Ἐνιπώ, ao contrário da aproximação geralmente feita com o substantivo ἐνιπή, - ῆς (ἡ) - censura, ameaça, cólera -, a Ἐνιπεύς, divindade das águas. Pensa ele, ainda, que Ἐνιπώ deveria ser uma sacerdotisa, amesquinhada, posteriormente, por obra dos comediógrafos.

Aceite-se ou não a postulação de Crítias, pode-se a-

firmar que não era Arquíloco nenhum "pobre diabo". Seu pai Telesicles, o οἰκιστής de Tasos, fundador da colônia por volta de 680 a.C., deve tê-lo reconhecido como filho. Devia, assim, gozar dos direitos de cidadão, ainda que não lhe coubesse, provavelmente, nenhuma parte da herança paterna. Essas ligações com a aristocracia, provam-nas não somente o nome próprio - Ἀρχίλοχος - Comandante de tropa - ao estilo dos antropônimos da nobreza, mas também a esmerada educação que provavelmente recebera, como se depreende de seus versos, impregnados da tradição literária anterior. Além disso, o poeta, se não participou da classe dirigente de sua terra, deve ter usufruído da amizade desta e alguns dos nomes próprios que figuram em sua obra, devem referir-se a personagens históricos. Dentre eles, destaca-se Glauco, nomeado, por exemplo, nos fragmentos 105W, 15W, 117W. Segundo Jean Pouilloux, tais versos

> atestam o papel de Glauco como comandante, seja para conduzir a Tasos uma nova expedição, seja para guerrear no continente trácio [12].

Deve ter sido Glauco um dos notáveis da cidade, como veio comprovar o precioso achado da Arqueologia, descoberto em 1954. Segundo Pouilloux [13], perto da entrada de Tasos - um μνῆμα , datado do séc. VII a.C., onde se lê a seguinte inscrição:

Γλαύ[κ]ω εἰμὶ μνῆμα τῶ Λεπτίνεο
ἔθεσαν δέ με οἱ Βρέντεο παῖδες

(Trad.: Eu sou o monumento de Glauco, filho de Leptino;
ergueram-me os filhos de Brentes)

Também na inscrição de Sóstenes, referida anteriormente, aparece o nome de Glauco.

De Paros, Arquíloco emigrou, seguindo o percurso já vencido por seu pai, ou talvez antes por seu avô Telis, numa nova leva migratória para Tasos. Referência à emigração pode-se descobrir nos fragmentos 102W

Πανελλήνων οἴζυὸς ἐς Θάσον συνέδραμεν.

e 116W

ἔα Πάρον καὶ σῦκα κεῖνα καὶ θαλάσσιον βίον.

Não se pode, no entanto, afirmar, como quer Crítias, que a emigração fora motivada, simplesmente, por penosas dificuldades de sobrevivência. Ora, se o poeta conheceu a indigência, motivou-a, segundo Gentili, a sua insensatez política. O certo é que, por volta de 660 a.C., o poeta já vivia suas aventuras em Tasos, cerca de 20 anos depois da fundação da colônia. E os fragmentos 21W e 22W parecem evocar essa pequena ilha:

ἥδε δ'ὥστ'ὄνου ῥάχις
ἔστηκεν ὕλης ἀγρίης ἐπιστεφής,

(21W)

οὐ γάρ τι καλὸς χῶρος οὐδ'ἐφίμερος
οὐδ'ἐρατός, οἷος ἀμφὶ Σίριος ῥοάς.

(22W)

Completam as informações acerca da biografia de Arquí-

loco os dados que se podem extrair da inscrição de Mnesiepes e da de Sóstenes, ainda que o véu do lendário envolva a figura do poeta.

A inscrição de Mnesiepes pode ser relacionada não só à tendência de heroicização do poeta, mas também à de inserir sua obra na órbita délfica. Baseia-se esta última suposição no fato de a epígrafe conter três respostas oraculares iniciais, que ordenam a Mnesiepes construir um τέμενος para honrar: primeiro, às Musas, a Apolo Musageta e a Mnemósine; depois a Dioniso, às Ninfas e às Horas e, por último, a Arquíloco. Além disso, a epígrafe narra a iniciação poética de Arquíloco, bem aos moldes da tradição helênica, conforme se explicitará no capítulo 5. Nesse processo de apolinização, merece relevo, ainda, a referência à imortalidade do poeta, profetizada a Telesicles pelo oráculo délfico:

ἀθάνατός σοι παῖς καὶ ἀοίδιμος, ὦ Τελεσίκλεις,
ἔσσετ' ἐν ἀνθρώποισιν ὃς ἂν πρῶτός σε προσείπῃ
νηὸς σῆς ἀποβάντα φίλῃ ἐν πατρίδι γαίῃ

(Trad.: Imortal e louvado será entre os homens, ó Telesicles, teu filho, aquele que primeiro te dirigir a palavra, quando desembarcares da nau, na querida terra natal).

Companheiro de Telesicles, em sua missão de θεοπρόπος a Delfos, segundo a inscrição, foi Licambes, a quem o poeta faz menção no fragmento 172W. Há, ainda, numa parte bem mutilada da epígrafe, ligeira referência a uma παιδεία arquiloquéia, à má fama de ἰαμβικώτερο[ν , e ao deus Di

oniso.

A inscrição de Sóstenes mostra que o poeta se envolveu nos movimentos de colonização e sublinha as dissenções entre Parienses e Náxios, e a vitória daqueles - ἐνίκησαν καρτερῶς τοὺς Ναξίους (Trad.: venceram poderosamente os Náxios)

O iambógrafo refere-se a essa vitória no fragmento 94W:

τῶν δ' Ἀθηναίη μάχηι
ἴλαος παρασταθεῖσα παῖς ἐρικτύπου Διὸς
καρδίην ὤρινεν † αὐτῆς τῆς πολυκλαύτου λεώ
.[..]υτων[..]αλλα κείνης ἡμέρης ἐπὶ χθ[όν]α
ἄλλον † ἤειδεν· τόσους γὰρ ἐξεχώρησεν γύας
νηλε[....]παντος· ἀλλὰ θεῶν Ὀλυμπίων νόωι
νη[

E foi no campo de batalha, segundo a tradição, que Arquíloco morreu. Matou-o, de acordo com Plutarco [14], Calondas, apelidado Κόραξ , e acrescenta que por ter matado um homem consagrado às Musas, esse assassino foi punido.

Heroicizado pelos seus concidadãos, poeta brilhante, comparado por muitos a Homero e a Hesíodo, mereceu ele a glória de um μνῆμα , cuja epígrafe anônima, do século V a.C., gravada num capitel jônico, descoberta em Paros, em 1960, diz:

Ἀρχίλοχος Πάριος Τελεσικλέος ἐνθάδε κεῖται
το Δόκιμος μνημήιον ὁ Νεοκρέωντος τόδ' ἔθηκεν.

(Trad.: Arquíloco de Paros, filho de Telesicles, aqui jaz.)

Em sua honra, Dokimos, filho de Neocronte, ergueu este monumento).

3 - A ELEGIA E O IAMBO

Múltipla e vária é a poesia que viceja na Grécia, de meados do século VII até o V a.C. O passado, como tempo paradigmático, modelar, deixa de ser a matéria privilegiada do fazer poético e são enfatizadas as inquietações advindas das vicissitudes do cotidiano. É para o momento presente, para a realidade circundante, que se volta, sobretudo, o poeta, deixando-se, por vezes, levar pelas ondas das emoções e, nessa entrega, nesse abandono, fluem e refluem, no texto literário, os mais diversos e recônditos sentimentos. Outras vezes, a aproximação com o presente se revela oportunidade para reflexão acerca de sua πόλις natal, para exteriorizar suas preocupações em relação à sua terra, para exortar seus concidadãos, recordando preceitos morais, a cumprirem seus deveres, para louvar os que demonstrarem a sua ἀρετή . A poesia mostra-se expressão de subjetividade, quer explícita, quer veladamente. Por isso mesmo que, sob a ótica dos teóricos modernos, é dita "lírica" essa poesia.

Esta designação, desconhecida na Grécia arcaica, surgiu no período alexandrino e não servia para nomear, de maneira abrangente, todas as formas poéticas que, à exceção da poesia homérica e hesiódica, surgiram e floresceram no chamado período arcaico da literatura grega.

O adjetivo λυρικός / λυρικοί atestado, pela primeira vez, no século I a.C., em Filodemo, enfatizava, sobretudo, a relação texto/música, visto denotar, em primeira instância, a poesia cujos versos eram cantados ao som da

lira, λύρα , palavra, cuja primeira ocorrência na literatura grega se encontra em Arquíloco, frag.93a. Por extensão, λυρικός designa a poesia cujo traço distintivo fundamental residia na imprescindibilidade do canto e do acompanhamento musical de um instrumento de cordas - λύρα , κίθαρις , φόρμιγξ , βάρβιτος , μάγαδις . Assim, a expressão poesia lírica abrangia, apenas, um dos gêneros da poesia arcaica, a μελικὴ ποίησις , deixando de lado duas outras variedades poéticas - a elegia e o iambo. Tal é a lição extraída do cânone alexandrino dos poetas líricos, que nos chegou através de dois epigramas anônimos da Antologia Palatina 9,184 e 9,571. Lírica, para os teóricos alexandrinos, era a poesia de Píndaro, Baquílides, Safo, Anacreonte, Estesícoro, Simônides, Íbico, Alceu, Alcman. Eram eles os ἐννέα λυρικοί dentre os quais figuram somente os poetas cultores de odes corais e de monodias.

Convém assinalar, como adverte Pfeiffer [15], que

> um poema lírico era um μέλος na primitiva literatura grega, o poeta um μελοποιός , um compositor de canções, ou μελικός (ποιητής) e todo o gênero μελικὴ ποίησις ; e estes continuaram a ser os termos normais em posteriores investigações acerca de teoria poética e da classificação de poesia.

Empregava-se, porém, o termo λυρικοί em edições de textos e em relações de poetas. Somente a partir do século I a.C. a obra dos ἐννέα λυρικοί passa a ser designada como λυρικὴ ποίησις . Entre os escritores latinos, a

partir da época de Augusto, torna-se o termo usual e é de les que herdamos o emprego moderno da palavra lírico [16].

Como se pode observar, segundo os cânones da Poética antiga, toda ela alicerçada na relação texto/música e fundamentada na relação forma pré-estabelecida e o que é formado, a λυρικὴ ποίησις não abrangia a elegia e o iambo, variedades poéticas que, além de não terem por característica a variedade rítmica de metros, a constituição em estrofes, dispensavam, por vezes, o acompanhamento de um instrumento musical de sopro, o αὐλός . Eram elas consideradas "modalidades especiais de ἔπη " [17], visto que compostas, ou κατὰ στίχον , ou em dísticos, em ritmos dactílicos ou iâmbicos ou trocaicos.

Se, do ponto de vista da estrutura formal e da relação palavra/melodia, interpõe-se um grande distanciamento entre a chamada, pelos alexandrinos, "poesia lírica" e a elegia/o iambo, minimizam-se as diferenças, se atentarmos para a temática e para o tom de que se revestem. É por isso que Kirkwood diz que "lírico é, até certo ponto, mais uma questão do espírito e efeito que puramente de forma" [18].

Difícil, ou mesmo impossível, se torna, por vezes, distinguir-se, a partir do conteúdo, um poema mélico de um elegíaco ou de, por exemplo, um iâmbico de Arquíloco, uma vez que em muitos destes o "eu lírico" faz suas incursões, possibilitando a expressão dos mais íntimos sentimentos do homem. Daí inúmeras tentativas de se estabelecerem, na modernidade, características capazes de definirem os di-

versos gêneros da poesia arcaica, mormente a elegia e o iambo, como se verá a seguir.

Reconhece-se, de um modo geral, que tanto a elegia, quanto o iambo participam do lírico do ponto de vista de seu conteúdo, mas não se consegue defini-los, desprezando-se as relações forma/fundo, palavra/canto, texto/música. Todas as tentativas que se fizeram, revelam-se inócuas, ao final do percurso, e permitem inferir o quão pouco se avançou na decifração do enigma: qual o traço distintivo dos três grandes gêneros poéticos da Grécia arcaica? É o que será discutido a seguir.

3.1 - A elegia

A elegia faz ecoar os seus primeiros acordes em meados do século VII a.C., dedilhados por Calino, Arquíloco e Tirteu. Surge - como sói acontecer a toda a produção poética do período arcaico - perfeita. E sua perfeição é tal que faz pressupor uma tradição oral, coexistente com a épica. Ainda que, pela sua forma externa, se aproxime das poesias homérica e hesiódica, a elegia delas se distancia na medida em que é outra a perspectiva por que se estabelece a relação sujeito/objeto e, por conseguinte, diverso é o fazer poético. No entanto, definir a elegia como gênero literário é tarefa bastante complexa, visto que se dispõe de pequeno número de versos, preservados graças à citação de autores posteriores, de dados da epigrafia, de achados papirológicos, alguns em estado extrema -

mente precário. Acresce, ainda, que escassas são as informações acerca dessa variedade poética que se podem haurir da Antigüidade, sobretudo dos estudiosos alexandrinos.

Sabe-se que os poetas da Grécia arcaica, cultores da elegia, designavam seus poemas de ἔπη , ποίησις ou ἀοιδή , desconhecendo, pois, a palavra ἐλεγεία que parece ter sido cunhada no século V e tem seus primeiros usos atestados em Aristóteles, Ath. e Pol. 5,2 e 3 e em Teofrasto , Hist. plant. 9,15. Escritores anteriores a Aristóteles falam de ἐλεγεῖα [19].

De pouca ou nenhuma valia é a tentativa de caracterizar-se a elegia, a partir de seu sentido etimológico, como se verá. Ἐλεγεία , bem como ἐλεγεῖον , devem ser derivados de ἔλεγος , palavra,que foi usada no plural pelos alexandrinos, com o significado de "canto de lamento",sentido, aliás, corrente no século V a.C. É esta também a acepção que se encontra na Suda: " θρῆνος ; ἀπὸ τοῦ ἔ ἔ λέγειν". No entanto, a elegia grega arcaica não se caracteriza pelo tom lúgubre, não se colore das tintas escuras do lamento, do luto. De toda a produção elegíaca, legada pela Grécia arcaica, parece que somente os fragmentos 9W, 11W e 13W de Arquíloco buscam sua temática na morte de alguém querido. O poeta, contudo, não se compraz na tristeza, antes exorta a vencê-la. Por isso, Fowler diz que tais fragmentos parecem ser pertencentes a elegias paranéticas [20].

Ora, se se buscar a origem da palavra ἔλεγος , verificar-se-á que sua raiz corresponde à armênia "elēgn", en-

contrada numa família de palavras indo-européias, que significam cana, bambu, palheta de instrumento de sopro, tubo, flauta. Por isso, para Bowie, a palavra ἔλεγος, cujo significado seria "poesia cantada ao som do αὐλός", é a que melhor corresponde ao termo "elegia". Diz ele, ainda, que a introdução, na Grécia, do αὐλός trouxe como conseqüência a adoção da palavra designativa do canto que acompanhava o referido instrumento.

Convém assinalar que o primeiro aparecimento da palavra ἔλεγος ocorre, segundo citação de Pausânias, 10, 7,6, numa inscrição de Echémbrotos, vencedor de um concurso aulódico, realizado em 586 a.C., em Delfos. Diz a inscrição: "Vencedor nos jogos dos Anfictiões, Echémbrotos da Arcádia consagra a Héracles este monumento, cantando para os Gregos μέλεα e ἐλέγους" [21]. Distingue-se, aí, pois, ἔλεγοι de μέλεα, mas não há nenhum indício de que os ἔλεγοι se caracterizassem pelo tom lúgubre. Pausânias, ainda, refere-se, no mesmo passo, a três vitórias de Sacadas de Argos, como compositor de ἔλεγος e μέλος. Informa, contudo, Pausânias que, depois de 586 a.C. os concursos aulódicos devem ter sido interrompidos por serem muito tristes os nomos aulódicos. Da lição de Pausânias, em relação a Echémbrotos, tem-se somente a certeza de que os ἔλεγοι eram composições cantadas ao som do αὐλός, acepção encontrada também em Ps.-Plutarco, De musica 1132d, pois, ao enumerar os νόμοι αὐλωιδικοί, existentes no tempo de Clonas e Polimnestos, inclui entre eles o ἔλεγος. No entanto, Fowler [22] levanta a hipótese de terem sido trenódicos os ἔλεγοι de Sacadas. Segue ele a esteira de

Page, que supõe ter havido uma escola peloponésia, da qual Echémbrotos da Arcádia e Sacadas de Argos são representantes.

Na Ática, o uso da palavra ἔλεγος é posterior ao do Peloponeso, ocorrendo somente no século V a.C., entre 415-408, cinco vezes em Eurípides e uma, em Aristófanes, Aves, 517. Tanto o tragediógrafo como o iambógrafo usam a palavra, geralmente, no plural (uma só vez no singular em Eurípides) para significar canto de lamento, sem implicações métricas. Esta é também uma das acepções encontradas no período helenístico, que usa a palavra somente no plural, a par de um outro sentido que, sem levar em consideração o conteúdo, denota apenas uma unidade métrica, o dístico elegíaco.

Quanto a ἐλεγεῖον, segundo o fragm. 4,3 de Crítias, o termo denota um tipo especial de metro, pois se lhe opõe o ἰαμβεῖον : "pois, como não era possível adaptar o nome ao ἐλεγεῖον , agora será colocado em ἰαμβεῖον[23]. Ἐλεγεῖον significa, aqui, dístico elegíaco, acepção que é bem explicitada pelos "scholia" de Dionísio Trácio, ao fazer a distinção entre ἐλεγεῖον e ἐλεγεία:[24]

> ἐλεγεῖον ocorre quando há um yerso, seguido de pentâmetro; ελεγεια , quando todo o poema tem, alternados, os metros hexâmetro e pentâmetro.

Segundo West, da mesma maneira que algum teórico do século V criou o termo métrico ἰαμβεῖον , derivado de ἴαμβος , alguém deve ter cunhado ἐλεγεῖον para designar a unidade métrica usada por Mimnermo e outros[25].

O plural ἐλεγεῖα é usado, no séc. V a.C. por Ferecrates, como designativo de versos de um poema escrito em dísticos elegíacos. Também Platão, Mênon 95d, Repúbl. 368a, Arist., Retór. 1375b 12 e Poét. 1447 b 12, usam a forma ἐλεγεῖα na mesma acepção. Pode ainda o plural ἐλεγεῖα designar, ou toda a obra elegíaca de um poeta, tendo, pois, sentido semelhante ao de ἐλεγεῖαι (Arist. Rhet. 1405a 33), ou uma inscrição tumular. Usa-se também ἐλεγεῖα para nomear uma inscrição dedicatória formada por um único dístico. É interessante observar que, ocasionalmente, uma pequena inscrição ou epitáfio de circulação literária pode ser chamado ἐλεγεῖα , ainda que o metro não seja o dístico elegíaco.

Na época bizantina, usa-se o termo ἡρωελεγεῖον para designar o dístico, o que provém do fato de se reservar o termo ἐλεγεῖον para o pentâmetro, sentido, aliás, que já se encontra em Platão, Hipparchus 228d. Assim, ἐλεγεῖον e seu plural são usados, ora para designar qualquer verso, em dístico elegíaco, ora, uma inscrição em pedra, ora elegia literária.

Segundo West, ἐλεγεία, palavra, cujo aparecimento é posterior a ἔλεγος e ἐλεγεῖον , é a que melhor corresponde ao nosso "elegia" e

> parece ser uma cunhagem secundária, correspondendo à necessidade de uma palavra para denotar uma composição literária em ἐλεγεῖα [26].

Além de tal acepção, a palavra serve, como se infere de Estrabão, para nomear um gênero literário. Refere-se ele

a Calino, em 13,1,48, como "ὁ τῆς ἐλεγείας ποιητής" e a Mimnermo, em 14,1,28, como " ποιητὴς ἐλεγείας" . No plural, a palavra é usada como título de livro.

Poder-se-ia, então, afirmar que uma das características formais da elegia é o metro, o dístico elegíaco. Não é ele, contudo, metro exclusivo da elegia, já que se encontram inscrições, depois dos fins do séc. VI a.C., que também o elegem como unidade métrica. Pode-se, então, dizer, ratificando a opinião de Dover, que o metro tem um valor intrínseco, mas não é o traço distintivo fundamental. Opinião partilhada por Fowler, que pensa ser difícil que o metro tenha sido, na época arcaica, o único determinante do gênero.

Busca-se também caracterizar a elegia em função do dialeto que lhe serve de veículo. É ele o jônico, dialeto em que também são escritos os iambos. Ao se vincular o dialeto jônico à elegia, procura-se atribuir a esta uma origem jônica. Gentili, por exemplo, faz objeção a tal origem e duvida de que as elegias de Tirteu tenham sido escritas em jônico, uma vez que as inscrições elegíacas da Grécia não jônica são escritas em dialetos locais.

Embora o dístico elegíaco e o dialeto jônico não sejam características exclusivas da elegia, pode-se dizer, de maneira provisória, que a elegia é uma variedade da poesia arcaica que usa como unidade métrica o dístico elegíaco e como dialeto o jônico.

Costuma-se caracterizar a poesia grega arcaica, não só em função do metro e do dialeto, mas também segundo a relação verso/acompanhamento musical. Sabe-se, através

de Pausânias e Ps.-Plutarco que Echémbrotos, Sacadas, Olimpos e Clonas foram αὐλῳδοί . Estrabão 14,1,28 diz que Mimnermo foi αὐλητὴς ἅμα καὶ ποιητής.

O poeta elegíaco Teógnis faz menção, nos v. 241-243 Ad., ao som do αὐλός , ouvido durante a apresentação de elegias:

καί σε σὺν αὐλισκοισι λιγυφθόγγοις νέοι ἄνδρες
εὐκόσμως ἐρατοὶ καλὰ τε καὶ λιγέα
ᾄσονται.

(Trad.: ao som das flautas sonoras, jovens, sedutores, educadamente, te celebrarão bela e melodiosamente).

Não há, contudo, concordância entre os helenistas acerca do uso corrente desse acompanhamento musical. Bowra, por exemplo, é de opinião que a elegia não prescindia do som do αὐλός . Campbell, refutando a tese de Bowra, afirma que não se pode traçar uma relação permanente entre elegia e flauta, da mesma maneira que entre poesia lírica e lira, e aventa a hipótese de que a elegia tenha sido, necessariamente, acompanhada de flauta, somente em festivais e ocasiões formais.

Embora não seja possível afirmar, de maneira dogmática, que o αὐλός fora acompanhamento obrigatório da elegia, pode-se dizer que seu som ressoava, sempre que havia acompanhamento musical.

Quanto à temática, poucos são os temas que não podem ser explorados em dísticos. À guisa de exemplo, citem-se dois fragmentos elegíacos, o 1W de Calino e 1W de Mimnermo. Os versos de Calino constituem uma exortação à

luta, ao destemor diante da iminência da morte em combate e reiteram a crença de que os trabalhos de guerra podem conduzir à morte que não é fim, mas certeza de imortalidade. A elegia de Mimnermo, ao abordar a melancolia e a solidão da velhice, provocam a irrupção do "eu lírico".

Grande é, pois, o distanciamento que medeia entre os dois fragmentos, visto que, enquanto a poesia de Calino se mostra bem próxima do código heróico homérico, a de Mimnermo dela se afasta, aproximando-se por seu "clima lírico" da mélica monódica.

Convém, ainda, observar que poemas de tema semelhante podem ser expressos em metros diversos, como bem exemplificam dois fragmentos de Sólon; 5W em dísticos elegíacos; 36W, em trímetros iâmbicos. Em ambos os fragmentos, o poeta ateniense faz uma verdadeira prestação de contas de suas atividades e apresenta justificativas para a política,por ele desenvolvida.

Como se pode inferir, metro, dialeto, acompanhamento musical, temática não podem ser considerados traços distintivos específicos da elegia. Propõem então Dover e West que a característica primacial da elegia seja a ocasião em que era executada.

Aponta West oito situações propícias à apresentação de elegias, dentre as quais algumas, como o simpósio, as cerimônias fúnebres, os concursos aulódicos, podem encontrar fundamento ou na própria produção elegíaca, ou nas lições dos doxógrafos. Outras há, porém, passíveis de questionamento, como, por exemplo, a distinção em situa-

ções de guerra, entre iminência de uma batalha e situação militar menos formal. Ora, se se tomarem como exemplos,dessas duas últimas ocasiões, os fragmentos de Calino e de Tirteu, observar-se-á que o estabelecimento de tal diferenciação é quase impossível.

Fowler, por sua vez, mostra que a elegia não pode ser definida pela ocasião, uma vez que não há um momento particular a que ela esteja vinculada, podendo ser executada em muitas ocasiões. Divide ele a poesia arcaica em dois grandes grupos: a épica com seus derivados e os gêneros líricos. Procura, contudo, enfatizar que a elegia não pertence aos derivados do épico, uma vez que não tem, como a epopéia, um tema singular, nem pode ser definida por uma combinação de características literárias. Chega, então, à conclusão de que a elegia não é um gênero, mas uma forma jônica, e considera que todo verso jônico que não seja épico ou ἴαμβος é elegia.

Como se pôde observar, estabelecer as características que definem a elegia, distinguindo-a dos demais gêneros poéticos da Grécia arcaica, tem sido objeto de investigação de muitos helenistas. Não se chegou, contudo, à conclusões definitivas. Ora, do ponto de vista da temática, a poesia elegíaca utiliza temas que se encontram nas poesias iâmbica e mélica. Utiliza, por vezes, o tom confessional, tão caro à poesia mélica. Daí, West afirma que "elegia é, na realidade, uma variedade de poesia mélica" [27], opinião aqui partilhada. Dessa maneira, parece que o critério para designar-se elegia a um poema deve ter sido, sobretudo, o metro.

3.2 - O iambo

À diferença de ἐλεγεῖα / ἐλεγεία , cujos primeiros usos datam dos fins do séc. V a.C., a palavra ἴαμβος é atestada pela primeira vez, na literatura grega no fragmento 215W de Arquíloco:

καί μ'οὔτ'ἰάμβων οὔτε τερπωλέων μέλει

Segundo Tzetzes, que cita o verso, fora ele escrito num momento de dor profunda, advinda da morte do cunhado em um naufrágio, em resposta àqueles que lhe exigiam novos poemas. A explicação do gramático bizantino não elucida, contudo, o significado da palavra ἴαμβος, nem oferece qualquer informação que possibilite delimitar a sua abrangência. Constata-se a ocorrência do termo, mas permanece, como observa Dover, a indagação se a palavra ἴαμβος denota toda a obra do poeta ou, apenas, uma dada variedade poética. A busca de resposta a essa questão é tarefa complexa, a que se têm dedicado muitos helenistas, dentre os quais se destacam West e o mesmo Dover.

Costuma-se afirmar que, dentre os gêneros poéticos da Grécia arcaica, se destaca o iambo, cuja tônica é a invectiva, a zombaria, a crítica mordaz, o insulto. Cita-se Arquíloco de Paros como seu primeiro cultor. Píndaro, na Pit. 2,54-56, a ele atribui o epíteto de ψογερός:

Εἰδὸν γὰρ ἐκὰς ἐὼν τὰ πόλλ'ἐν ἀμαχανίᾳ
ψογερὸν Ἀρχίλοχον βαρυλόγοις ἔχθεσιν
πιαινόμενον

(Trad.:"Eu vi, se bem que de longe, o caluniador Arquílo-

co, freqüentemente, em dificuldades, engordar graças às iras maledicentes")

Este epíteto pejorativo, qual estigma, identificava, na Antigüidade, o poeta de Paros. Além de ser um divisor tendencioso da arte da criação poética, afeita, sobretudo, ao ἔπαινος , à loa, ao elogio, esse designativo não abrange o sentido da obra do poeta pariense, em sua totalidade.

Constata-se, numa análise cuidadosa dos fragmentos de Arquíloco, que, dentre aqueles que a tradição nos legou sob a denominação de iambos, muitos não se apresentam coloridos com as tintas da difamação, da calúnia, da invectiva: há, por exemplo, ternura na contemplação do objeto amado nos fragm. 30W e 31W; a temática da instabilidade da fortuna, da limitação do homem, contrapondo-se ao poder dos deuses, está presente nos fragm. 128W, 130W e 131W. Observa-se, ainda, uma identificação do ἦθος que assoma de alguns iambos com o que se apresenta em alguns fragmentos elegíacos, como o comprovam os de números 13W e 16W. Este último fragmento enfatiza a subordinação do homem a poderes sobrenaturais - à Τύχη e à Μοῖρα - e os versos 5-9 do fragm. 13, ao sublinharem esses laços, põem em relevo, em tom semelhante aos fragm. 128W e 130W, as alternâncias da fortuna, as vicissitudes a que estão sujeitos os mortais.

Se se deixarem de lado os fragmentos de Arquíloco e se examinar a poesia dita iâmbica de Sólon, observar-se-á que o poeta ateniense privilegia os temas políticos, re

lacionados à vida de sua cidade e a seu mister de homem público. Exemplifica-o bem o fragm. 36W, a que já se aludiu anteriormente. Nesses versos, o símile em que o poeta diz ter agido como lobo entre muitos cães, conotativo da impetuosidade, respaldada pela mente ardilosa no agir, induz a buscar algum ponto em comum com a caracterização de iambógrafo visto como um lobo, segundo a análise de Miralles. Afora esse aspecto, o fragm. 36W de Sólon dista da concepção de iambo, poesia da invectiva. Um outro exemplo, encontramo-lo em Semônides de Amorgos, em cujos fragmentos, a par do tom mordaz, há espaço, como explicita o fragm. 2 Adrados, para colocações em torno da antítese - lugar comum da poesia arcaica - da pequenez do homem, da vanidade de seu esforço e o poder incontestável dos deuses, mormente de Zeus.

Pode-se, então, pensar que a distinção entre elegia e iambo se baseia somente em critérios formais de metro. Sabe-se, porém, que somente o metro não pode ser característico de um gênero poético, pois, como diz West, "o metro iâmbico deve seu nome ao fato de ser particularmente característico de ἴαμβοι , não vice-versa" [28]

Ora, nem todos os fragmentos considerados iâmbicos, usam como metro o trímetro iâmbico. Há-os em trímetros trocaicos e em metros epódicos. Neles, como já se disse acima, a invectiva pode estar presente, mas não necessariamente.

Em favor da tese de que o metro não é o único traço distintivo fundamental, pode-se invocar o testemunho de Aristóteles. Na Retórica, 1418b, o Estagirista, ao dis-

correr sobre o procedimento retórico denominado "persona loquens", cita, a título de exemplificação, dois versos de Arquíloco, dizendo serem eles vazados " ἐν τῷ ἰάμβῳ ". Acontece que um verso tem como metro o trímetro iâmbico; o outro, o tetrâmetro trocaico.

A palavra ἴαμβος ocorre também em Aristóteles, Retórica 1408b 33, para denotar uma espécie de ritmo, distinto do τροχαῖος , que é o usual na linguagem coloquial:

ὁ δ'ἴαμβος αὐτὴ ἐστιν ἡ λέξις ἡ τῶν πολλῶν· διὸ μάλιστα πάντων τῶν μέτρων ἰαμβεῖα φθέγγονται λέγοντες.

(Trad.: o iambo possui a cadência da conversação corrente, por isso, os falantes usam mais trímetros iâmbicos que qualquer outro metro).

Já que metro e tema não constituem as características específicas do iambo, onde buscá-las? Dover aponta uma saída: o tipo de ocasião para o qual foram compostos os iambos. Postula o helenista, para ratificar sua tese, que as origens do iambo devem ser buscadas nas canções pré-literárias, em gêneros poéticos que existiram na Grécia desde tempos imemoriais: poesia de ocasião, que poderia tanto refletir a reação emocional a um evento, real ou imaginário, passado ou presente, quanto endereçado a uma pessoa ou a um grupo social restrito, a que o poeta estivesse ligado. Raiva, jactância, medo, vergonha, lamento, obscenidade, referência ao aspecto físico de alguém poderiam ser assim expressos. Mas, observa Dover, a emoção explicitada não é obrigatoriamente a do poeta;

podendo ser, portanto, também a do seu grupo ou a das circunstâncias em que ele se encontra. Sublinha, ainda, que o traço marcante das canções pré-literárias reside no fato de serem elas compostas em pequenas comunidades, cujos membros se conheciam uns aos outros. Essa distinção pode-se até constatar em relação a Arquíloco, visto que seu mundo se situa entre Paros e Tasos; mas, no tocante à expressão de emoções, se subjetivas ou alheias, parece ser quase impossível distingui-las.

Fecundando a semente lançada por Dover, têm-se as considerações judiciosas de West. Procura ele, inicialmente, relacionar o ἴαμβος ao διθύραμβος ao θρίαμβος e ao ἴθυμβος . Tal associação é também feita por Chantraine, ao chamar a atenção que há, entre essas palavras, alguma relação no que tange ao sentido e à forma. Considera West relevante a existência, em tais palavras, do morfema - αμβ -, presente também em Licambes, um dos alvos principais dos ataques de Arquíloco. Ressalta, também, que διθύραμβος e θρίαμβος , além de epítetos de Dioniso, são também hinos em honra ao Deus, e acrescenta, citando a definição de Hesíquio, que o θρίαμβος é um Διονυσιακὸς ὕμνος , ἴαμβος . Quanto ao ἴθυμβος diz que, além de dança apresentada em festivais dionisíacos, era um poema que visava à zombaria e ao riso. Assim, tal como os cantos em honra a Dioniso, o ἴαμβος deve ter sido, em sua origem, poema de ocasião, feito de improviso, onde o tom da zombaria, da alegria e talvez do dito obsceno deveria estar presente.

Além da esfera dionisíaca, como pretensa fonte do iam

bo, tem-se em Iambe, a escrava do Hino Homérico a Deméter, que com seus gracejos, chistes, faz rir a deusa, amargurada pelo rapto de sua filha Perséfone, o protótipo mítico da zombaria, do jogo lúdico que beira à obscenidade.

Nas χλεῦαι de Iambe parece residir a ancestralidade do iambo, gênero que bem pode ter seu nome dela derivado, visto que sua etimologia é desconhecida.

Relacionar o iambo aos rituais de Deméter encontra seu ponto de apoio no fato de que a deusa era cultuada na ilha de Paros, região considerada o seu segundo centro de devoção, imediatamente após Elêusis. Também Dioniso, divindade qual Deméter, protetora dos cultos agrários, pode ter sido honrado em Tasos, e West levanta a hipótese de que poderia ele ter desempenhado algum papel nos festivais em honra a Deméter.

A preocupação de West é, então, identificar, dentre o legado da tradição poética arcaica, aqueles fragmentos que constituem iambos, no sentido original do termo. Considera que o verdadeiro iambo tem como temática o sexo, a invectiva que substitui a zombaria graciosa e alguns outros assuntos de constante vulgaridade, tais como os relacionados a alimentos. Segundo eles, esses temas jamais ocorrem em fragmentos elegíacos. No tocante aos fragmentos que satirizam figuras públicas, 114W, 112W, por exemplo, de temática que se poderia rotular de política, West julga não serem genuínos iambos.

No que diz respeito à forma, afirma ser sempre um monólogo poético ou uma monodia de estrutura simples, onde pode haver, através de um narrador, a reprodução de um di

álogo. O narrador pode dirigir-se a um indivíduo, o alvo da zombaria, ou a um grupo, de que ele faça parte. O poeta pode ocultar-se sob o véu de um personagem, como no fragm. 19, em que, segundo Aristóteles, é Caronte que fala em lugar de Arquíloco. Não cabe, no momento, discutir acerca do "eu poético e do eu real", tarefa que será levada a termo, ao se tratar da produção do poeta de Paros.

Posicionamento um pouco diferente assume Fowler, que admite poder ter sido o iambo executado numa determinada ocasião de acontecimento público. Mas a criação poética, mormente a de Arquíloco, tem de ser evidenciada. Sua poesia iâmbica situa-se, parece, no segundo dos três estágios de desenvolvimento da poesia arcaica, propostos pelo helenista: poesia com desenvolvidas características literárias, mas ainda relacionada com uma ocasião. Constituem os outros dois estágios a poesia puramente circunstancial e a principalmente livresca. Chega Fowler à conclusão semelhante à de West: podem-se considerar os tetrâmetros reflexivos de Arquíloco, os trímetros iâmbicos políticos de Sólon, os versos de Semônides acerca da condição efêmera do Homem, na mesma categoria da elegia. É uma colocação mais coerente que sua inclusão no mesmo nível dos obscenos e maledicentes iambos de Hipônax.

Complexa é, pois, a conceituação do iambo como gênero poético. Metros vários - trímetro, iâmbico, tetrâmetro trocaico, metros epódicos - servem-lhe de instrumento. O erotismo, por vezes obsceno, o ataque mordaz a um indivíduo, as necessidades elementares da subsistência são, como afirmam West e Fowler, os temas dele característicos.

Ora, da produção poética de Arquíloco que nos chegou, muitos fragmentos neles se enquadram. São verdadeiros iambos,como postula West; são versos também, em sua maioria, de elevado nível artístico, como diz Fowler. São poemas de ocasião, ainda que, muita vez, não se possa precisar. Ora, aceita-se a teorização de West, mas, à falta de uma designação genérica capaz de nomear os fragmentos não elegíacos, que não se enquadram nos pressupostos do helenista inglês, adotar-se-á, neste trabalho, a denominação de iambos para todos os fragmentos, salvo os vazados em dísticos elegíacos ou em metro heróico.

4 - TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS

4.1 - Elegias

1W = 8LB Servidor eu sou do poderoso Eniálio
E do amável dom das Musas conhecedor.

2W = 7LB Com a minha lança tenho o pão; com a minha lança, o vinho Ismárico. Bebo, estendido, em minha lança.

3W = 9LB Não serão distendidos muitos arcos, nem movidas numerosas fundas, logo que Ares incitar o tumulto na planície. Das espadas será a dolorosa tarefa; pois, nesse combate, eles são excelentes, os senhores da Eubéia, ilustres lanceiros.

4W = 12LB Mas, vamos, passa com a taça por entre os bancos da rápida nau. Verte a bebida das bojudas jarras. Serve o vinho tinto até a última gota pois não poderemos ficar sóbrios nesta vigia.

5W = 13LB Exibe-se um Saio com meu escudo, arma irrepreensível que, junto de uma moita, abandonei, sem querer. Salvei-me. Que me importa esse escudo? Que o diabo o carregue! Logo terei outro melhor.

6W = 14LB Oferecendo aos inimigos funestos presentes de hospitalidade.

8W = 2LB Muitas vezes, nas profundezas do mar encapelado, de plúmbea espuma, implorando o doce retorno.

9W = 3LB se Hefestos envolvesse a cabeça dele e os graciosos membros, vestidos de vestes imaculadas.

11W = 5LB Chorando não me libertarei dessa aflição; nem a tornarei pior, se perseguir prazeres e festins.

12W = 4LB enterramos as dádivas funestas do poderoso Posseidon.

13W = 1LB Prantos lamentosos, Péricles, nenhum cidadão há que, ao reprová-los, venha a rejubilar-se com festas; nem a cidade.
Tão nobres foram os que as ondas do mar revolto tragaram. Temos nossos corações sufocados pela dor. Mas os deuses aos males irremediáveis, amigo, concederam um remédio: a inabalável resignação. Cada um, por sua vez, experimenta aflições. Agora, contra nós voltam-se elas. Choramos esta dor que sangra. Mais tarde a outros atingirá. Recobrai, logo, o ânimo e fugi do luto que é próprio de mulheres.

14W = 10LB Esímides, aquele que se inquietar com as críticas do povo, não usufruirá de muitos prazeres.

15W = 6LB Glauco, um mercenário só é amigo, enquanto combate.

16W =261LB Tudo a Τύχη e a Μοῖρα concedem, Péricles, ao homem.

4.2 - Trímetros

19W = 15LB Não me interessam os tesouros de Giges, rico em ouro. Não me domina a inveja, nem me irritam as ações dos deuses. Não desejo a poderosa tirania. Pois bem de longe está isso de meus olhos.

20W = 280LB Choro as infelicidades dos Tásios, não as dos Magnésios.

21W = 17LB ela (a ilha), como o dorso de um burro, ergue-se coroada de um bosque agreste.

22W = 18LB de fato, não é uma bela terra, nem atraente, nem encantadora, tal como as duas margens do Siris.

23W = 35LB eu respondi: "mulher, não tremas diante dos rumores ferinos dos homens. Ao anoitecer, eu me preocuparei... Sê amável comigo. Pareço-te ter chegado a tal grau de infelicidade? Mostro-me como covarde? Não sou, nem de tais descendo. Sei amar a quem me ama, odiar a quem me odeia, e também a formiga... Neste oráculo está a verdade: Volta para esta cidade que os homens jamais devastaram. Tu te apoderaste dela pela lança e alcançaste grande glória. Reina sobre ela e mantém a tirania absoluta. Serás invejado pela maioria dos homens."

25W = 36LB A natureza do homem ... Cada qual satisfaz, à sua maneira, o coração... membro viril...; para o vaqueiro, ... Nenhum outro adivinho, a não ser eu, te diz isto.

Pois Zeus, o pai dos Olímpicos, ofereceu a mim, entre os homens, algo ... e bom. Nem Eurimas censuraria...

26W = 37LB Senhor Apolo, envia flagelos aos culpados e destrua-os, como costumas destruir.

30W = 40LB Com um ramo de murta e a bela rosa ela se alegrava.

31W = 40LB Os cabelos cobriam-lhe os ombros e a nuca.

34W = 29LB de forma alguma te transportaremos de graça.

35W = 32LB Temos lá em casa um boi trabalhador, de chifres recurvos, experiente em suas tarefas,

36W = 28LB Eles se apoiaram à sombra, junto à parede.

38W = 202LB tal a filha mais velha de Licambes.

41W = 45LB o alcíone, sobre a rocha do promontório, agitava as asas.

42W = 46LB como um trácio ou um frígio suga a cerveja por um canudo: abaixada, ela trabalhava.

43W = 184LB Seu membro como o de um garanhão de Priene, farto de grãos, ejaculava.

48W = 38LB uma ama....Cabelos perfumados e peito de modo que um velho amaria apaixonadamente, ó Glauco...

49W = 20LB um ladrão, durante a noite, pela cidade, a vagabundear.

67W = 27LB pois eu conheço uma cura excelente para tal ferida.

4.3 - Tetrâmetros

88W = 80LB Erxíes, como, então, o pobre exército se reúne?

93aW= 98LB ... o filho de Pisístrato conduziu os homens ... ao som da flauta e da lira, a Tasos, levando para os cães trácios ouro puro como presente. Mas por causa da ganância pessoal, causaram danos.

94W = 101LB Na batalha, Atena, filha de Zeus tonitroante, colocando-se propícia, despertou a coragem deste povo que choramingava.... Desde esse dia, estabeleceram uma outra morada. Com efeito, abandonaram tantos territórios... Mas, por desígnio dos deuses olímpicos.

101W= 99LB Sete mortos por terra. Alcançamo-los na corrida. Somos mil os matadores.

102W= 97LB Como aconteceu a miséria do povo grego, corremos para Tasos.

105W= 103LB Olha, Glauco. Já o mar profundo começa a encapelar-se. Em volta dos rochedos de Gires uma nuvem se eleva, sinal de tempestade. De repente, o medo nos invade.

107W= 85LB Tenho a esperança de que Sirius faiscante reduzirá a cinzas muitos deles.

108W = 86LB Ouve, soberano Hefestos. Sendo eu suplicante, torna-te um companheiro de armas e ficaz. Concede-me os favores semelhantes aos que costumas conceder.

109W = 125LB Ah! Miseráveis cidadãos, prestei atenção às minhas palavras.

110W = 111LB Farei, pois, em verdade, Ares é o mesmo para os homens.

111W = 112LB Encoraja os jovens, mas o alcance da vitória está nas mãos dos deuses.

114W = 93LB Não gosto de um general imponente, de passadas largas,
Orgulhoso dos cabelos cacheados, de barba bem cuidada,
Que ele seja mirrado, de pernas arqueadas,
Firme em seus próprios pés, cheio de coragem.

115W = 122LB Agora Leófilo governa. Leófilo é senhor absoluto.
Para Leófilo tudo é estabelecido. Só se ouve Leófilo.

116W = 105LB Abandona Paros e aqueles figos e, ainda, a vida sustentada com os frutos do mar.

117W = 92LB Canta a Glauco, o de cabelos encaracolados.

118W = 89LB Oxalá meu braço pudesse tocar Neobula.

119W = 90LB e atirar-me sobre o odre excitado, colar ventre a ventre, coxas a coxas.

120W = 96LB como sei iniciar o belo canto do Soberano Dioniso, o ditirambo, após ter sido meu espírito fulminado pelo vinho.

121W = 88LB dando, eu mesmo, início ao peã, ao som do "aulós" lesbiense.

122W = 82LB Nada há de inesperado, nem de impossível, nem de surpreendente, desde que Zeus, pai dos Olímpicos, tendo ocultado a luz do sol brilhante, do meio-dia fez a noite. E o pálido temor invadiu os homens. A partir de então, tudo se tornou, para os homens, crível e possível. Nenhum de vós se espante se vir as feras trocarem com os golfinhos, as pastagens marinhas e, para elas, as vagas marulharentes do mar tornarem-se mais caras que a terra firme; para eles, ser mais agradável avançar pela montanha.

124aW= 94LB à maneira dos habitantes de Míconos.

124bW= 94LB Bebendo muito vinho e, ainda mais, sem mistura, não pagas a tua parte, sem seres convidado, compareces como um amigo. Mas teu ventre impele teu espírito e tua razão ao despudor.

125W = 121LB Desejo lutar contigo, de modo que, sedento, sacie minha sede.

126W = 120LB Uma única coisa, grandiosa, eu sei: retribuir a quem me faz mal, com males terríveis.

127W = 84LB Eu falhei e, seja como for, este desvario atinge a qualquer um.

128W = 118LB Coração, coração, perturbado por dores incuráveis, recobra o ânimo; defende-te, e lança o peito contra os inimigos. Posta-te, resoluto, perto deles, em emboscada. Vencedor, não faças alarde de teu sucesso; vencido, não te lamentes, prostrado em tua casa. Mas, alegra-te com tuas vitórias; não te irrites em demasia com tua derrota. Tomas consciência de qual ritmo estão sujeitos os homens.

129W = 119LB Tu és sufocado pelos teus próprios amigos.

130W = 123LB Aos deuses a eqüidade em tudo. Muitas vezes, do infortúnio eles soerguem os homens que jazem sobre a terra negra. Muitas vezes, porém, prostram os muito bem situados. A estes, sobrevêm, então, muitos males. Pela necessidade de sobrevivência (o homem) erra, tendo o espírito perturbado.

131W = 115LB O coração dos homens imortais, Glauco, filho de Leptino, é tal qual Zeus determina no correr do dia.

132W = 116LB e eles pensam de acordo com as situações em que se encontram.

133W = 117LB Morto, o homem não é mais venerado pelos concidadãos, nem digno de renome. Vivos, perseguimos o favor dos vivos. Ao morto acontece sempre o pior.

134W = 83LB pois injuriar os mortos não é digno.

4.4 - Epodos

168W = 153LB Charilaos, filho do Desejo, eu vou dizer-te, ó mais querido de meus companheiros, algo jocoso. Ao ouvires, tu te delicia-rás.

169W = 154LB elevando, súplice, as mãos a Deméter.

170W = 155LB dentre os cidadãos, uns estavam atrás; a maioria, porém,

171W = 156LB amá-lo, embora seja odioso, mas não conversar.

172W = 159LB Pai Licambes, que dizes? Quem perturbou teu espírito antes tão sensato? Agora tu és, para os cidadãos, motivo de muita chacota.

173W = 166LB Transgrediste um importante juramento: o sal e a mesa

174W = 168LB conta-se esta fábula: a raposa e a águia uniram-se em sociedade

176W = 171LB Vês onde está aquele alcantilado rochedo, pedregoso e inóspito.
Lá estão eles, menosprezando o teu bote

177W = 171LB Zeus, pai Zeus, do céu é o teu poder. Tu vês as ações dos homens, as ignóbeis e as retas. Tu te preocupas com a violência e também com a concórdia entre as feras.

178W = 211LB Oxalá não encontres ninguém de cauda negra.

179W = 169LB trazendo uma refeição funesta, apresentou-a aos filhotes.

180W = 174LB Mas uma centelha de fogo naquele local

182W = 217LB quando o povo se reunia para os jogos, Batousiades ali...

184W = 225LB astuta, levava, em uma mão, água; na outra, fogo

185W = 224LB Eu vou contar-vos uma fábula, ó Cericides, de triste mensagem: um macaco, apartado dos animais, ia, sozinho, pelo campo afora. Então, uma raposa matreira, de fina sagacidade, encontrou-se com ele,

186W = 232LB apoiando-se no alçapão da armadilha

187W = 233LB ó macaco, que tens tal rabo

188W = 235LB Não exibes mais a tua pele viçosa: já está ela marcada pelas rugas; estás condenada pela terrível velhice

189W = 238LB Acolheste muitas enguias cegas

190W = 244LB andando pelas escarpas das montanhas, como eu fazia na juventude

191W = 245LB Tal desejo de amor, enovelando-se em meu coração, espargiu densa névoa sob meus olhos e roubou de meu peito a doce lucidez.

193W = 266LB Infeliz, estou prostrado pelo desejo, exâmine, traspassado, pelo querer dos deuses, de dores terríveis pelos ossos.

194W = 260LB do lado de fora, cada um bebia, mas, dentro, a festa de Baco

195W = 257LB levar para casa um mal manifesto

196W = 249,1LB Mas, companheiro, o desejo, que enfraquece os membros, domina-me

197W = 175LB Zeus pai, não celebrei com festas meu casamento

200W = 176LB ele não me escapará impune

201W = 177LB A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço, uma só, importante.

202W = 201LB exceto eu e meu amigo.

4.5 - De gênero incerto

205W = 203LB como és velha, não te deverias perfumar.

206W = 186LB uma mulher prostituta, de tornozelos grossos

207W = 241LB uma meretriz

208W = 244LB prostituta

209W = 248LB promíscua

210W = 161LB que divindade está encolerizada? por quê?

211W = 33LB um bom e experiente pescador

212W = 206LB colocava-se no turbilhão da onda e do ven

to

213W = 282LB tendo suas vidas ao sabor das ondas

215W = 249,2LB Não me importam iambos, nem divertimentos

216W = 27LB e, então, serei chamado mercenário, como um cário

217W = 26LB cabelos cortados na nuca, rente à pele

218W = 188LB ao vir à tua procura, faço-te um pressá - gio

219W = 52LB não evitou...

222W = 198LB cortou os nervos do membro (os do meio)

225W = 195LB entra, pois tu és de origem nobre

228W = 124LB Tasos, a cidade três vezes miserável

4.6 - Duvidosos

298W = 223LB Zeus é, entre os deuses, um adivinho muito sério e conduz à realização

4.7 - Espúrios

322W = 296LB celebrando a festa solene da pura Deméter e de Kóre

324W = 298LB Ténela , glorioso vencedor; salve, ó soberano Heracles, tu e Iolao, dois guerreiros.

331W = 11LB Figueira agreste, alimentando muitas gralhas, bondosa Pasífila, acolhedora de estranhos.

4.8 - Papiro de Colônia, inv. 7511.1-35 = Fragmento 196a West

ἀ π̣ο̣

πάμπαν ἀνασχόμενος· ἶσον δὲ τολ̣μ̣[
εἰ̣ δ' ὧν ἐπείγε̣α̣ι καί σε θυμὸς ἰθύει,
ἔστιν ἐν ἡμετέρου ἣ νῦν μέγ' ἱμείρε̣[ι
καλὴ τέρεινα παρθένος· δοκέω δέ μι[ν]
εἶδος ἄμωμον ἔχειν· τὴν δὴ σὺ πο̣ί̣η̣[σαι φίλην."]
τοσαῦτ' ἐφώνει· τὴν δ' ἐγω ἀνταμει [βόμην·]
" Ἀμφιμεδοῦς θύγατερ, ἐσθλῆς τε καὶ[
γυναικός, ἣν νῦν γῆ κατ' εὐρώεσσ' ἔ[χει,]
[τ]έρψιές εἰσι θεῆς πολλαὶ νέοισιν ἀνδ[ράσιν]
παρὲξ τὸ θεῖον χρῆμα· τῶν τ̣ι̣ς ἀρκέσε[ι·]
[τ]αῦτα δ' ἐφ' ἡσυχίης εὖτ' ἂν μελανθη[
[ἐ]γώ τε καὶ σὺ σὺν θεῶι βουλεύσομεν·
[π]εί̣σομα ὥς με κέλε̣α̣ι· πολλόν μ' ἐ[
[θρ] ιγκοῦ δ' ἔνερθε καὶ πυλέων ὑπο̣[
[μ]ή τι μέγαιρε, φίλη· σχήσω γὰρ ἐς π̣ο̣η[φόρους̣]
[κ]ή̣πους· τὸ δὴ νῦν γνῶθι· Νεοβού̣λη[ν
[ἄ]λλος ἀνὴρ ἐχέτω· αἰαῖ πέπειρα δ̣[
[ἄν]θος δ' ἀπερρύηκε παρθενήϊον
[κ]αὶ χάρις ἣ πρὶν ἐπῆν· κόρον γὰρ οὐκ̣[
[ἥβ]ης δὲ μέτρ' ἔφηνε μαινόλ̣ι̣ς̣ γυνή·
[ἐς] κόρακας· ἄπεχε· μὴ τοῦτο ἐ̣φ̣ ι̣τ̣α̣ν̣[
[ὅ]πως ἐγὼ γυναῖκα τ[ο]ι̣αύτην ἔχων
[γεί]τοσι χάρμ' ἔσομαι· πολλὸν σὲ βούλο̣[μαι
[σὺ]μ̣ὲν γὰρ οὔτ' ἄπιστος οὔτε διπλ̣ό̣η,
[ἡ δ]ὲ μάλ' ὀξυτέρη· πολλοὺς δὲ ποιεῖτα[ι
[δέ]δοιχ' ὅπως μὴ τυφλὰ κἀλιτήμερα
[σπ]ο̣υδῆι ἐπειγόμενος τὼς ὥσπερ ἡ κ[ύων τέκω."]
[τοσ]αῦτ' ἐφώνε̣ο̣ν· παρθένον δ' ἐν ἄνθε[σιν]
τηλ[εθάεσσι λαβὼν ἔκλινα· μαλθακῆι δ̣[
[χλαί]νηι καλύψας, αὐχέν' ἀγκάληισ' ἔχω[ν]
[μ̣ατι πα̣ ̣ α̣μ̣έ̣νην τὼς ὥστε νεβρ̣[
[μαζ]ῶν τε χ̣ε̣ρσὶν ἠπίως ἐφηψάμ̣η̣ν·
[ἐφα^η^... νέ̣ον ἥβης ἐπήλυ̣σ̣ιν χρόα̣,
[ε̣ σῶμ̣α καλὸν ἀμφαφώμενος
[ον ἀφῆκα μένος, ξανθῆς ἐπιψαυ]

Se as postulações de Dover, em 1963, durante os "Entretiens" da Fundação Hardt, em Genebra, podem ser consideradas como propiciadoras de um novo enfoque acerca do poeta de Paros, foi, sobretudo, a partir de 1974 que estudos e discussões sobre a obra de Arquíloco se intensificaram. Deveu-se este novo interesse à descoberta, numa coleção de papiros de Colônia, de uma folha que continha, numa coluna, quarenta versos manuscritos - do I ou II, pertencentes a dois epodos -(cópia datada do I ou II séc. d.C.)

Apresentados esses fragmentos por West, como sendo da lavra de Arquíloco, em 18 de abril de 1974, em Treves, durante a reunião da Société Mommsen, foram eles objeto de seminários vários na Europa e nos Estados Unidos. Esses fragmentos tiveram sua primeira publicação em junho de 1974, editados por West e R. Merkelbach.

O fragmento maior - 35 versos (fragm196Wa) - é o fim de um epodo, cujos dísticos são formados por um trímetro iâmbico, seguido de um assinarteto, composto de um Semiepes datílico e de um dímetro iâmbico catalético. Convém assinalar que, embora não constitua a primeira ocorrência desse tipo de verso assinarteto na obra de Arquíloco, visto que já aparece no fragm. 196W, o dístico é novidade e, até ter vindo à luz esse achado papirológico, só se conhecia um exemplo idêntico - o epodo 11 de Horácio.

No tocante aos cinco outros versos, são eles "incipit", de um outro fragmento, cujos dois primeiros versos, que aparecem na edição de West sob o número 188, foram citados separadamente pelo metricista Hefestion. Um assinar-

teto, formado de um tetrâmetro datílico e um itifálico, e um trímetro iâmbico catalético compõem cada dístico. Trata-se de um metro epódico já conhecido, visto aparecer no fragm. 191W.

Não há unanimidade entre os helenistas no que diz respeito à autenticidade do papiro. Se West, Merkelbach, Degani, Rankin, Gentili, Van Siekle, dentre outros, atribuem a Arquíloco a autoria do fragmento, há aqueles que, como Marzullo e Gelzer, o vêem como um exercício retórico do séc. I ou II d.C.

Prefere-se compartilhar da opinião dos que o enquadram dentro da produção literária do iambógrafo. Além da referência explícita a Neóbula, personagem de outros fragmentos - 118W e, provavelmente 38W -, analogias outras há, no tocante ao estilo, vocabulário, metro e conteúdo.

Apresenta o fragmento 196 aW semelhança com o de número 23W, não só quanto à temática, que é amorosa, mas também quanto à estrutura formal. Trata-se de um poema narrativo, de motivo arquetípico, que reproduz o diálogo entre dois personagens - um rapaz, ardendo de desejo e uma jovem, esquiva a princípio, mas toda envolvida ao final, ao se encontrarem num lugar isolado. Este encontro, a despeito das diferenças, evoca aquele, narrado pela Odisséia homérica, entre Ulisses e Nausícaa.

Infere-se do diálogo que a jovem, objeto do desejo, bela e delicada, representa a antítese de Neóbula. Esta é vista como velha e libertina: velha tal qual a mulher dos fragmentos 188W, 205W; libertina, tal qual as características femininas que se depreendem dos fragmentos 189W,

207W, 208W e 209W.

Do verso 16 ao 27, a invectiva assume o primeiro plano no fragmento. Passa-se da admiração pela mulher cobiçada ao escárnio pela mulher rejeitada; converte-se o ἔπαινος da primeira em ψόγος da segunda. E os últimos oito versos revestem-se do mesmo tom erótico do fragm. 119W.

Tradução - Fragmento 196A

resistindo firmemente; da mesma maneira...
se, na verdade, tens pressa e teu coração te impele, há, em nossa casa, uma bela e delicada donzela que, neste momento, deseja enormemente... Parece-me ser ela de uma aparência irrepreensível. Toma-a como tua esposa. Assim ela falava.
Eu, então, lhe respondi: "Filha de Anfimedes, nobre e sensata mulher, que agora a terra úmida envolve, para os homens muitos são os prazeres da deusa, além da divina coisa. Dentre eles, um só bastará. Isto, harmoniosamente, assim que anoitecer, eu e tu decidiremos com a ajuda do deus. Farei como tu ordenares. Muito... sob a cumeeira e debaixo das portas. Não ponhas obstáculo algum, querida. Dirigir-me-ei, portanto, para os jardins verdejantes. Agora, fica sabendo: Que um outro homem possua Neobula. Ai! ela já está madura e a flor da juventude murchou e a grāça que possuía antes: ... o período de sua juventude revelou a louca mulher. Atire-a aos corvos. Não te apresses; de modo que, tendo eu tal mulher, serei objeto

de chacota dos vizinhos. Eu te quero muito. Tu não és infiel, nem dúplice; mas ela é muito matreira e faz muitos amigos. Temo que eu, levado pela pressa, faça filhos cegos e prematuros, assim como a cadela".

Dizia ele tais coisas. Tomando a moça, reclinou-a entre as flores luxuriantes, cobrindo-a com o leve manto, abraçando-lhe o pescoço. Ela deixou... como uma pequena corça. Toquei-lhe docemente com as mãos os seios. A pele viçosa da juventude mostrou-se. Apalpando todo o seu belo corpo, lancei meu sêmen, roçando seu pêlo dourado.

5 - ARQUÍLOCO E A TRADIÇÃO

5.1 - A Sabedoria do poeta

Costuma-se interpretar o fragmento 1W como a σφραγίς de Arquíloco: poeta e soldado. Ora, poeta ele foi. Comprovam-no os fragmentos legados pela Antigüidade e a sua fortuna crítica, iniciada nos séculos que se lhe seguiram. Soldado, provavelmente: justificativas para tais epítetos são buscadas, umas, em alguns de seus versos, cuja temática guerreira parece inclui-lo como participante dos combates a que se refere; outras, em informes dos Antigos, em dados fornecidos pela história, pela arqueologia e pela epigrafia. Deste ponto de vista, "eu" poético e "eu" real coincidem.

Sabe-se, contudo, que a despeito dos vínculos existentes entre o texto poético e a experiência pessoal, não se pode analisar a poesia, única e exclusivamente, sob uma perspectiva biográfica. Por outro lado, não é possível dissociá-la do contexto histórico-social de uma época e considerá-la como algo distinto da própria vivência do poeta. Sua obra, embora não tenha função documental e não seja o testemunho isento dos acontecimentos circundantes, recebe, em certa medida, os eflúvios daí emanados. O poeta transmite-os, de modo singular, filtrados pelo seu modo de sentir e conformados à sua experiência particular. Por isso, embora não se confira ao dístico em questão a responsabilidade total de identificação do

autor, pode-se e deve-se, segundo parece, analisá-los à luz da tradição literária da Grécia arcaica, na qual poesia e sabedoria estavam intimamente unidas.

No fragmento 1W, que numa primeira leitura soa segundo os acordes da poesia homérica, o sujeito do enuncia - do, que pode até ser o poeta, se define, através dos epítetos extraídos do código literário anterior, como soldado e poeta:

εἰμὶ δ' ἐγὼ θεράπων μὲν Ἐνυαλίοιο ἄνακτος
καὶ Μουσέων ἐρατὸν δῶρον ἐπιστάμενος,

Em Homero, o substantivo θεράπων , além de designar o escudeiro do guerreiro, o companheiro condutor do car - ro, o servidor devotado, como Pátroclo, que é θεράπων de Aquiles, aplica-se também aos guerreiros de primeira linha, aos mais notáveis, que são ditos θεράποντες de A- res, como, por exemplo, na Ilíada, 2, 110:

Ὦ φίλοι ἥρωες Δαναοί, θεράποντες Ἄρηος

(Trad.: Ó caros heróis Dânaos, servidores de Ares).

Deve-se observar que, em usos posteriores, o substan tivo θεράπων aparece, primeiro, relacionado às Musas; depois, aos deuses em geral. Assim é que, na Teogonia, 99-101, se lê:

..... αὐτὰρ ἀοιδὸς
Μουσάων θεράπων κλέεα προτέρων ἀνθρώπων
ὑμνήσῃ μακάρας τε θεοὺς οἳ Ὄλυμπον ἔχουσιν,

(Trad.: se, por outro lado, um poeta, servidor das Musas, celebra as glórias dos antigos e os deuses bem-aventura - dos, que habitam o Olimpo ...) Em Píndaro, Ol. 3, 16,

tem-se:

δᾶμον Ὑπερβορέων πείσαις Ἀπόλλωνος θεράποντα λόγῳ

(Trad.: persuadindo, através da palavra, o povo dos Hiperbóreos, servidor de Apolo).

Arquíloco, no entanto, substitui o nome mais usual do deus da guerra por um de seus epítetos " Ἐνυαλίοιο ",que, segundo Chantraine, é o nome de um deus da guerra, que aparece, muitas vezes, associado ao grito de guerra. Em sua origem, deve ter sido, diz o helenista francês, divindade distinta de Ares, provavelmente pré-helênica.

Em Homero, o substantivo Ἐνυάλιος era usado, ora como epíteto de Ares, como ocorre na Ilíada, 17,211 - ... δῦ δε μιν Ἄρης / δεινὸς ἐνυάλιος (Trad.: Ares, terrível, belicoso, penetrou nele); ora para designar o próprio deus, como, por exemplo, na Ilíada, 2,651 - Μηριόνης τ'ἀτάλαντος Ἐνυαλίῳ ἀνδρειοφόντῃ (Trad.: Meriones semelhante a Eniálio, matador de homens).

Confere-se a Ἐνυαλίοιο o epíteto ἄνακτος . O substantivo ἄναξ ,ἄνακτος já aparece nas tabuinhas micênicas designando tanto o soberano político de Pilos, como um deus do panteão pílio. O sentido primeiro do termo é, como informa Chantraine, "senhor", usado não só como termo de cortesia, mas também para designar o proprietário do οἶκος . Aparece, contudo, freqüentemente associado à acepção de "protetor", "salvador". Talvez por isso o substantivo ἄναξ se tenha cristalizado no estilo formular da

epopéia como epíteto dos deuses e, particularmente, de Apolo.

Além de soldado, o sujeito do enunciado se diz também poeta, Μουσέων ἐρατὸν δῶρον ἐπιστάμενος , possuidor do amável dom das Musas. Também Hesíodo o fora e, na Teogonia, 22-23, informa como se iniciara neste divino mister:

Αἵ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλὴν ἐδίδαξαν ἀοιδήν,
ἄρνας ποιμαίνονθ' Ἑλικῶνος ὑπὸ ζαθέοιο·

(Trad.: Elas (as Musas), um dia ensinaram a Hesíodo um belo canto, enquanto ele apascentava seu rebanho ao pé do Hélicon divino).

A poesia era, pois, uma dádiva concedida pelas Musas e o poeta, um iniciado e, em conseqüência, a palavra poética, mágico-religiosa. Arquíloco também, segundo a inscrição de Mnesiepes El., Col. 2, v. 22-38, tivera o privilégio da outorga de tão alta distinção:

Λέγουσι γὰρ Ἀρχίλοχον ἔτι νεώτερον
ὄντα πεμφθέντα ὑπὸ τοῦ πατρὸς Τελεσικλέους
εἰ]ς ἀγρὸν, εἰς τὸν δῆμον, ὃς καλεῖται Λειμῶνες,
ὥ]στε βοῦν καταγαγεῖν εἰς πρᾶσιν, ἀναστάντα
π]ρωΐτερον τῆς νυκτός, σελήνης λαμπούσης,
ἄγ]ειν τὴμ βοῦν εἰς πόλιν· ὡς δ'ἐγένετο κατὰ τὸν
τ]όπον, ὃς καλεῖται Λισσίδες, δόξαι γυναῖκας
ἰδ]εῖν ἀθρόας· νομίσαντα δ'ἀπὸ τῶν ἔργων ἀπιέναι
αὐτὰς εἰς πόλιν προσελθόντα σκώπτειν, τὰς δὲ
δέξασθαι αὐτὸν μετὰ παιδιᾶς καὶ γέλωτος καὶ
ἐ]περωτῆσαι, εἰπωλήσων ἄγει τὴμ βοῦν· φήσαντος δέ,

εἰ]πειν ὅτι αὐταὶ δώσουσιν αὐτῶι τιμὴν ἀξίαν·
ῥη]θέντων δὲ τούτων αὐτὰς μὲν οὐδὲ τὴμ βοῦν οὐκέτι
φα]νερὰς εἶναι, πρὸ τῶν ποδῶν δὲ λύραν ὁρᾶν αὐτόν·
καταπλαγέντα δὲ καὶ μετά τινα χρόνον ἔννουν
γεν]όμενον ὑπολαβεῖν τὰς Μούσας εἶναι τὰς φανείσας
καὶ] τὴν λύραν αὐτῶι δωρησαμένας·

(Trad.: Dizem que Arquíloco, ainda muito jovem, foi enviado por seu pai, Telesicles, ao campo, ao povoado chamado Leimones, com o objetivo de vender uma vaca. Tendo despertado muito cedo, - ainda era noite e a lua brilhava -, pôs-se a conduzir a vaca à cidade. Aconteceu que, no lugar chamado Líssides, pensou ver um grupo de mulheres e, julgando que estas iam do trabalho para a cidade, aproximou-se para divertir-se com elas. Mas as mulheres receberam-no com brincadeiras e risadas e perguntaram-lhe se ele levava a vaca com a intenção de vendê-la. Tendo, Arquíloco, respondido afirmativamente, disseram-lhe que lhe dariam uma recompensa muito preciosa. Após terem falado, não foram mais vistas, nem tampouco a vaca. Ele, porém, viu a seus pés uma lira. Ficou atônito. Depois de algum tempo, compreendeu que as mulheres que vira eram as Musas e que foram elas que lhe deram a lira, como presente).

É interessante observar que o campo é o ambiente, onde se desenrola a cena. À diferença do que acontecera a Hesíodo, não era Arquíloco um pastor. Acidentalmente, conduzia uma vaca. Ora, havia na Grécia uma estreita relação entre a arte da poesia e a do pastoreio. A poesia estava intimamente associada à música, e o pastor, enquan

to apascentava o rebanho, costumava fazer ecoar sua "sí - rinx". Acresce, ainda, que Apolo, o deus da inspiração poética, o deus que conduz o coro das Musas - Apolo Musageta - é também um deus pastor, cujo gado Hermes roubara outrora. Inventa este a lira que oferece a Apolo em troca do roubo.

A Arquíloco ofereceram as Musas a lira, atributo de Apolo. Assim, a epígrafe de Mnesiepes insere o poeta no contexto délfico. Representa uma tentativa de apolinizar sua poesia [29] que, como se pode inferir de testemunhos dos Antigos, se distanciava, muitas vezes, dos cânones literários vigentes, visto que a palavra poética, na Grécia arcaica, celebrava os deuses imortais e servia à expressão do ἔπαινος dos grandes feitos dos ἄριστοι. Era através dela, como diz Detienne [30], que as façanhas, consideradas favores dos deuses, se concretizavam realmente. O poeta, afirma ainda o helenista francês [31], era para a nobreza guerreira e aristocrática um personagem todo-poderoso, pois era ele quem concedia ou negava a imortalidade às ações dos homens.

Arquíloco se, por um lado, segue a tradição dos poetas inspirados, dos que cantam a Zeus - fragmentos 122W, 177W, 298W, por exemplo -, dos que levantam súplices as mãos a Deméter - fragm. 169W -, dos que reconhecem a excelência dos mortais - fragm. 3W; por outro lado, dela se afasta, ao substituir, como se verá mais adiante, a poesia do ἔπαινος pela do ψόγος, aspecto mais difundido de sua obra.

Merece relevo, ainda, a atitude zombeteira com que as Musas acolheram o poeta - μετὰ παιδιᾶς καὶ γέλωτος . Ora, se por um lado, elas lhe presentearam a lira, por outro, a recepção se procedeu à maneira de seu fazer poético, conhecido, sobretudo, pelo tom jocoso, irônico e, muitas vezes, sarcástico. Justifica-se, destarte, esse aspecto pouco valorizado de sua arte poética.

Investido do amável dom das Musas, o poeta se diz ἐπιστάμενος ; possui uma ἐπιστήμη , o "conhecimento". O verbo ἐπίσταμαι pertence ao campo semântico de "saber" e ocorre na Ilíada, 23, 705, com a acepção de "ser versado em": πολλὰ δ'ἐπίστατο ἔργα...

(Trad.: era versado em muitos trabalhos...)

Sendo ἐπιστάμενος , o poeta é possuidor de uma sabedoria. E, como diz Hesíodo, na Teogonia, 31-32, as Musas ἐνέπνευσαν δέ μ'ἀοιδὴν/ θέσπιν, ἵνα κλείοιμι τά τ'ἐσσόμενα πρό τ'ἐόντα, (Trad.: ensinaram-me um canto divino, a fim de que eu glorificasse o que será e o que foi).

Sendo sábio, o poeta exerce com sua arte uma παιδεία E a inscrição de Mnesiepes, El., Col. III, v. 19-23, em versos bastante mutilados, consegue conferir a Arquíloco tal missão:

φασίν Ἀρ[χίλοχον
σχεδιάΣ
τινὰς τῶν π[ολιτῶν (?)
διδάξαντα
παραδεδομ[ένα

(Trad.: Dizem que Arquíloco, tendo ensinado a alguns dos

cidadãos o que foi transmitido [através das gerações]...)

Pode-se relacionar esse posicionamento atribuído a Arquíloco ao assumido por Sólon no fragm.4W. Neste fragmento elegíaco, o poeta ateniense exorta seus concidadãos a renegarem as ações injustas e a pautarem seu comportamento pela Δίκη . Adverte-os das conseqüências funestas da Δυσνομία , das desgraças que causa à πόλις e enfatiza os benefícios da Εὐνομία . Assume ele o papel de um pedagogo, possuidor, portanto, de uma σοφία , ao dizer, no verso 30:

ταῦτα διδάξαι θυμὸς Ἀθηναίους με κελεύει,

(Trad.: Meu coração me ordena ensinar aos Atenienses estas coisas).

A vinculação entre poesia e sabedoria constitui uma constante na poesia grega arcaica. E o poeta se orgulha de ser também um σοφός , de ser aquele capaz de assumir, com sua arte, a função de guia da sociedade. Talvez seja o que o poeta de Paros queira expressar nesse fragm. 1W e também no 109W: ⟨ὦ⟩λιπερνῆτες πολῖται, τάμὰ δὴ συνίετε ῥήματα.

Utiliza Arquíloco, como se observou, os estereótipos tão caros ao estilo formular da epopéia homérica e da poesia hesiódica. E é desse uso do tradicional que emerge o novo. Na epopéia homérica, arte poética e arte guerreira eram τέχναι excludentes. A ἀνδρεία , ἀρετή do soldado não se harmonizava com a arte do poeta, ser privilegiado, amado das Musas e do deus Apolo, que, por amá-lo, o distinguiam, comunicando-lhe o seu ofício. Poeta e sol-

dado fundem-se, então, numa só pessoa. E essa fusão conduz ao distanciamento dos caminhos da tradição, pois

> ao reunir as duas divindades tradicionalmente separadas, Arquíloco está reivindicando um novo papel na sociedade, característico do século seguinte, desempenhado pelo elegíaco-político Sólon e pelo lírico-político Alceu, um papel em que o homem das Musas não é mais um espectador [32].

5.2 - A instabilidade da fortuna

A poesia grega da época arcaica privilegia, com acentuada constância, a temática da instabilidade e da incerteza da sorte dos homens. Enfatiza que sucessos e insucessos, vitórias e derrotas, fortuna e infortúnio se alternam, no decorrer da existência humana, qual pratos de uma balança, equilibrados ou desequilibrados por forças que escapam a quaisquer tentativas de controle humano.

Ao sublinharem as vicissitudes por que passam os homens, os poetas, desprovidos de uma justificativa fundamentada em princípios racionais, explicam-nas como obra de agentes sobrenaturais, que transcendem, portanto, à vontade do homem. Deuses, mormente Zeus, abstrações divinizadas, como a Τύχη , são os responsáveis pelas mutações diversas do ciclo vital dos homens. Detentores de um poder que se pode considerar absoluto, instalados numa instância superior, essas potências surpreendem freqüente

mente em suas irrupções. E, ao atuarem, evidenciam a subordinação do ser humano a seu jugo e, por conseguinte, a fragilidade deste último.

Arquíloco se mantém fiel aos ditames da tradição poética da Grécia arcaica, ao eleger como eixo temático de alguns de seus versos as oscilações da sorte. Encontramo-lo, por exemplo, no fragmento 130W. Cita-o Estobeu, como ilustração da afirmativa de que não há solidez na felicidade dos homens, visto que oscila, com rapidez, a instável fortuna [33]:

τοῖς θεοῖς τ'εἰθεῖά πάντα· πολλάκις μὲν ἐκ κακῶν
ἄνδρας ὀρθοῦσιν μελαίνηι κειμένους ἐπὶ χθονί,
πολλάκις δ'ἀνατρέπουσι καὶ μάλ'εὖ βεβηκότας
ὑπτίους, κείνοις δ' ἔπειτα πολλὰ γίνεται κακά,
καὶ βίου χρήμηι πλανᾶται καὶ νόου παρήορος.

A oração inicial do fragmento - τοῖς θεοῖς τ'εἰθεῖά πάντα - constitui um "locus communis" [34], que, explicitando a ausência de limites para o poder dos deuses, subentende a constatação da pequenez dos homens. A antítese frásica, que se inicia imediatamente após a diérese do primeiro verso e que, reforçada pela anáfora, contém em cada proposição um par antitético - πολλάκις μὲν ἐκ κακῶν ὀρθοῦσιν μελαίνηι κειμένους ἐπὶ χθονί, / πολλάκις δ'ἀνατρέπουσι καὶ μάλ'εὖ βεβηκότας ὑπτίους - funciona como prova do "locus communis" e evoca os θεῶν ἔργα do fragmento 19W. Reitera-se, a seguir, a superioridade dos deuses em confronto com a evocação dos males impostos aos homens, vítimas de sua indigência material e espiritual.

Essa constatação da imprevisibilidade da sorte dos homens e de sua subordinação a poderes transcendentes, tal como se observa no fragmento 13OW, modula-se pela mesma escala tonal dos versos 527-533 do canto 24 da Ilíada:

Δοιοὶ γάρ τε πίθοι κατακείαται ἐν Διὸς οὔδει,
δώρων οἷα δίδωσι, κακῶν, ἕτερος δὲ ἑάων·
ᾧ μέν κ' ἀμμίξας δώῃ Ζεὺς τερπικέραυνος,
ἄλλοτε μέν τε κακῷ ὅγε κύρεται, ἄλλοτε δ' ἐσθλῷ·
ᾧ δέ κε τῶν λυγρῶν δώῃ, λωβητὸν ἔθηκεν,
καί ἑ κακὴ βούβρωστις ἐπὶ χθόνα δῖαν ἐλαύνει,
φοιτᾷ δ' οὔτε θεοῖσι τετιμένος οὔτε βροτοῖσιν.

(Trad.: Duas jarras estão colocadas no solo de Zeus, com os dons que ele concede: uma de males; outra, de bens. A quele a quem Zeus, o que lança o raio, dá uma mistura, encontra ora o mal, ora uma vantagem. Mas aquele a quem Zeus concede coisas funestas, torna-se objeto de ultraje e a terrível fome o impele através da terra divina; anda de um lado para outro, sem ser honrado nem pelos deuses, nem pelos mortais).

Se há alguma variação, entre os textos supracitados, consiste ela em atribuir as vicissitudes a que estão sujeitos os homens a um θεός determinado, a Zeus. Mas, apesar da individualização do agente divino, os versos homéricos evidenciam que as atividades dos deuses constituem o fundamento das ações dos homens.

Desse jogo intertextual que se observa entre os versos homéricos e o fragmento 13OW do poeta de Paros, par-

ticipa também a poesia hesiódica:

Ῥέα μὲν γάρ βριάει, ῥέα δὲ βριάοντα χαλέπτει,
ῥεῖα δ'ἀρίζηλον μινύθει καὶ ἄδηλον ἀέξει,
ῥεῖα δὲ τ'ἰθύνει σκολιὸν καὶ ἀγήνορα κάρφει
(Hesíodo, Trabalhos e Dias, 5-7)

(Trad.: Facilmente Zeus concede força, facilmente arruina o forte, facilmente enfraquece o ilustre e exalta o obscuro; facilmente ergue o ímprobo e esgota o arrogante.)

Enfatiza Hesíodo essa inconstância da sorte dos homens e sua subordinação aos deuses através de três pares antitéticos, em que cada par pode ser considerado expressão metafórica dos dois pratos da balança, cujo fiel é Zeus. Também Teógnis, V 155-158 Ad., em posicionamento semelhante, se vale dessa metáfora:

Μήποτέ μοι πενίην θυμοφρόθον ἀνδρὶ χολωθείς
μηδ'ἀχρημοσύνην οὐλομένην πρόφερε·
Ζεὺς γάρ τοι τὸ τάλαντον ἐπιρρέπει ἄλλοτε ἄλλως,
ἄλλοτε μὲν πλουτεῖν, ἄλλοτε μηδὲν ἔχειν.

(Trad.: Nunca, ao ficares irritado, censures alguém por causa da pobreza que consome a vida ou da miséria funesta, pois Zeus inclina o prato da balança ora para um lado, ora para o outro: ora, tem-se riqueza, ora nada se tem.

E a inevitabilidade dos desígnios dos deuses, a inexorabilidade de seu poder evidenciam-se ainda, quando o poeta beócio atribui a autoria das doenças disseminadas

no mundo à cólera de Zeus, motivada pelo roubo do fogo, um de seus principais atributos, por Prometeu:

Οὕτως οὔ τί πη ἔστι Διὸς νόον ἐξαλέασθαι.

(Hesíodo, Trabalhos e Dias, 105)

(Trad.: Assim, não é possível, de maneira alguma, escapar aos desígnios de Zeus)

Constata-se, pois, na poesia grega arcaica, essa crença de que as forças superiores ocultam-se por trás das ações humanas. Sejam elas nomeadas θεοί , ou Ζεύς ou Τύχη e Μοῖρα , como as identifica Arquíloco no fragmento 16W, representam a única possibilidade de explicação para fatos cujas causas não são imediatamente perceptíveis pela inteligência humana:

πάντα Τύχη καὶ Μοῖρα Περίκλεες ἀνδρὶ δίδωσιν.

(fragm.16W)

(Trad.: Tudo, Τύχη e Μοῖρα concedem-no, Péricles, ao homem.)

Nesse hexâmetro, citado por Estobeu, e que alguns julgam não pertencer a Arquíloco, a advertência a Péricles pode ser considerada uma γνώμη [35], uma máxima que o homem da Grécia arcaica, e talvez de épocas posteriores, devesse adotar como medida de sua própria dimensão. Merecem relevo esses agentes sobrenaturais, detentores do ritmo que regula a vida dos homens.

Divindade desconhecida de Homero, Τύχη , a Fortuna, o Acaso, Abstração divinizada, é, segundo Hesíodo, na Teo-

gonia, 360, uma Oceânide, que, como suas irmãs, filhas de Oceano e Tétis, receberam de Zeus a missão de cuidar dos homens até a idade adulta. À sua benevolência, atribui Píndaro a obtenção da Vitória nos jogos pan-helênicos:

ἐν ἔγμασι δὲ νικᾷ τύχα
οὐ σθένος

(Fragm. Ἀδηλα 9)

(Trad.: Nas competições, a Fortuna vence, não a força)

Ao lado da Τύχη , a Μοῖρα é uma força coercitiva, irredutível, inflexível, que predetermina tanto os aspectos positivos, quanto os negativos com que se defrontará cada indivíduo ao longo de sua vida. Possui a Μοῖρα , em Homero, um poder superior ao das demais divindades, uma vez que a ela todos se curvam, até mesmo Zeus, como se pode inferir do canto 22 da Ilíada, quando o Olímpico, antes do duelo entre Heitor e Aquiles, pesa a "Moira" de cada um deles. Para Hesíodo, na Teogonia, não há uma única Μοῖρα , mas Μοῖραι , em número de três, distribuidoras, entre os mortais, do bem e do mal.

Os versos 63-66 do fragm13W de Sólon se afinam pelo mesmo tom dos fragmentos 16W e 130W de Arquíloco e dos versos hesiódicos e homéricos:

Μοῖρα δέ τοι θνητοῖσι κακὸν φέρει ἠδὲ καὶ ἐσθλόν,
δῶρα δ' ἄφυκτα θεῶν γίγνεται ἀθανάτων,
πᾶσι δέ τοι κίνδυνος ἐπ' ἔργμασιν, οὐδέ τις οἶδεν
πῆι μέλλει σχήσειν χρήματος ἀρχομένου.

(Trad.: A Μοῖρα traz para os mortais o mal e o bem; as dádivas dos deuses imortais se tornam inevitáveis,

Perigo há em todas as ações. Ninguém sabe, iniciada uma empresa, qual será seu fim)

C homem desconhece o que está por vir, pois, como diz Sólon, no fragm. 17 Ad., πάντῃ δ'ἀθανάτων ἀφανὴς νόος ἀνθρωποῖσιν. (Trad.: o pensamento dos imortais é inteiramente oculto para os homens)

E Arquíloco, no fragm. 122W, evidencia essa limitação do homem, ao sublinhar que este pode, muitas vezes, vivenciar um "estranhamento" [36], motivado por poderes que o transcendem:

χρημάτων ἄελπτον οὐδέν ἐστιν οὐδ'ἀπώμοτον
οὐδὲ θαυμάσιον, ἐπειδὴ Ζεὺς πατὴρ Ὀλυμπίων
ἐκ μεσαμβρίης ἔθηκε νύκτ', ἀποκρύψας φάος
ἠλίου † λάμποντος, λυγρὸν † δ'ἦλθ'ἐπ'ἀνθρώπους δέος.
ἐκ δὲ τοῦ καὶ πιστὰ πάντα καὶ ἐλπτα γίνεται
ἀνδράσιν· μηδεὶς ἔθ'ὑμέων εἰσορέων θαυμαζέτω
μηδ'ἐὰν δελφῖσι θῆρες ἀνταμείψωνται νομὸν
ἐνάλιον, καί σφιν θαλάσσης ἠχέεντα κύματα
φίλτερ'ἠπείρου γένηται, τοῖσι δ'ὑλέειν ὄρος.

Convém assinalar que Aristóteles, na Retórica 1418b 28, cita o primeiro verso desse fragmento como ilustração da "persona loquens", recurso usado pela poesia do ψόγος: ποιεῖ γὰρ τὸν πατέρα λέγοντα περὶ τῆς θυγατρὸς ἐν τῷ ἰάμβῳ "χρημάτων _ ἀπώμοτον."
(Trad.: pois [Arquíloco] coloca um pai falando sobre sua filha, no iambo χρημάτων - ἀπώμοτον). Ora, apesar da explicação do filósofo, nenhuma informação há que esclare

ça acerca dos personagens por ele aludidos.

Arquíloco inova, ao abordar, mais uma vez, o tema da sujeição do homem ao querer dos deuses. Dá ele forma literária à expressão do ἀδύνατον , cuja característica fundamental é, segundo Dutoit, "considerar como possível o que é oposto às leis naturais" [37].

Inicia o fragmento um polissíndeto, onde três adjetivos que se inserem no campo semântico do "imprevisível", do "impossível" estão coordenados pela aditiva negativa οὐδέ : ἄελπτον , "inesperado", cognato do verbo ἔλπομαι , "ter esperança de"; ἀπώμοτον que, geralmente traduzido por "impossível", tem o sentido primeiro de "o que se rejeita sob juramento", visto que é derivado de ἀπόμνυμι , "jurar que não","negar ou recusar sob juramento", verbo, por sua vez, composto de ὄμνυμι , "pronunciar um juramento", "jurar"; θαυμάσιον , "admirável", "espantoso", "assombroso", derivado de θαῦμα , "maravilha", "objeto de espanto e admiração", "espanto", "admiração".

Ilustra a sentença inicial (v. 1-2) a referência a um eclipse (o que já se aludiu em 2.1), provocador do "estranhamento", experimentado pelos homens: λυγρὸν † δ' ἦλθ' ἐπ' ἀνθρώπους δέος . Evidencia-o, sobretudo, a hipálage λυγρόν / δέος . O substantivo δέος , derivado do verbo δείδω , "temer", é distinto de φόβος , uma vez que expressa o temor que se experimenta por longo tempo e tem, segundo Chantraine, um sentido muito concreto e físico.

Converte-se, então, a sentença inicial negativa numa γνώμη : ...πιστὰ πάντα κἀπίελπτα γίνεται / ἀνδράσιν· . Os adjetivos πιστά e ἐπίελπτα servem de expressão à i-

déia de possibilidade: o primeiro, cognato de πείθομαι, "estar persuadido", "ter confiança em", "obedecer", tem o sentido etimológico de "aquilo em que se confia", donde "crível"; o segundo, cognato de ἔλπομαι, tem o sentido primeiro de "esperável", donde "possível".

Os versos finais explicitam o alcance da γνώμη, ao ser tomada como exemplo de conversão do impossível em possível, a transgressão às leis que regem a natureza, expressa através de antíteses: θῆρες / δελφῖσι - κύματα / ἠπείρου - ὄρος / κύματα (subentendido).

A certeza da inflexibilidade e arbitrariedade da atuação dos deuses, a consciência de que não há mecanismos que possam deter as oscilações da fortuna e de que estas atingem a todos, em momentos distintos, constituem a tônica do fragmento 131W:

τοῖος ἀνθρώποισι θυμός, Γλαῦκε Λεπτίνεω πάϊ,
γίνεται θνητοῖς, οἵην Ζεὺς ἐφ' ἡμέρην ἄγηι.

(Trad.: O coração dos homens imortais, Glauco, filho de Leptino, é tal qual Zeus determina no correr do dia).

Podem-se relacionar esses versos - que enfatizam, mais uma vez, a dependência dos homens aos deuses e que parecem revelar uma postura cética - aos versos 18, 136-137 da Odisséia:

τοῖος γὰρ νόος ἐστὶν ἐπιχθονίων ἀνθρώπων,
οἷον ἐπ' ἦμαρ ἄγῃσι Πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε.

(Trad.: a mente dos homens, que vivem sobre a terra é tal qual o dia que o Pai dos deuses e dos homens lhes envia).

Tanto o fragmento de Arquíloco, quanto os versos do poema homérico põem em evidência a precariedade do destino humano. Como afirma Fränkel, "o homem é inteiramente efêmero, isto é, sujeito ao dia e subordinado às suas vicissitudes" [38]. Sentimentos e pensamentos estão intimamente ligados às circunstâncias, sempre inevitáveis. Dessa maneira, para Arquíloco, como para Ulisses, no canto XVIII da Odisséia, o dia não é mais caracterizado pelo evento, porém é determinante dos acontecimentos. Tal é a reflexão que se encontra no verso final do fragmento 128W:

θυμέ, θύμ', ἀμηχάνοισι κήδεσιν κυκώμενε,
†ἄναδευ δυσμενῶν† δ'ἀλέξεο προσβαλὼν ἐναντίον
στέρνον†ἐνδοκοισιν ἐχθρῶν πλησίον κατασταθεὶς
ἀσφαλέως· καὶ μήτε νικέων ἀμφάδην ἀγάλλεο,
μηδὲ νικηθεὶς ἐν οἴκωι καταπεσὼν ὀδύρεο,
ἀλλὰ χαρτοῖσίν τε χαῖρε καὶ κακοῖσιν ἀσχάλα
μὴ λίην, γίνωσκε δ'οἷος ῥυσμὸς ἀνθρώπους ἔχει.

Oculta-se, nesse monólogo, o "eu" poético sob o nome de θυμός , palavra que, distinta de ψυχή , significa tanto alma, coração, como princípio de vida, quanto ardor, coragem. É a ele que se destina a exortação final - γίνωσκε δ'οἷος ῥυσμὸς ἀνθρώπους ἔχει . Trata-se de um pedido, quase súplica, de aceitação das alternativas da fortuna, aliado a um apelo à moderação nos momentos de êxito e ao combate à passividade, nos momentos de fracasso.

O poeta sabe que existe algo que é inerente ao homem e o designa por ῥυσμός , palavra que não abarca, ainda, as posteriores noções de forma e movimento. Significa, antes, o estado, a condição característica do homem, as dis-

posições de sua humanidade, distintas da natureza dos deuses, de que o homem deve tomar consciência. Usa também Teógnis esse termo com idêntica acepção:

Μήποτ' ἐπαινήσῃς πρὶν ἂν εἰδῇς ἄνδρα σαφηνέως,
ὀργὴν καὶ ῥυθμὸν καὶ τρόπον ὅστις ἂν ᾖ

(Teógnis, 963-964)

(Trad.: Nunca louves um homem antes de saber claramente quem ele é, em relação ao temperamento, à sua maneira de ser e ao seu caráter)

Arquíloco não inova em sua proposta de aceitação dos males e no convite a enfrentá-los, dentro das possibilidades humanas. Já na Odisséia 20, 18-19 Ulisses, após a cena do lava-pés, deitado no vestíbulo de seu palácio, diz:

Τέτλαθι δὴ κραδίη· καὶ κύντερον ἄλλο
ποτ' ἔτλης

(Trad.: Suporta, coração; já suportaste um outro mal mais terrível)

Mas Ulisses, como o comprovam os versos da Odisséia, é πολύτλας , "aquele que é capaz de suportar muitas provas, muitas desventuras". É a esta capacidade de resistir, de aceitar sem se rebelar contra o querer dos deuses, que o poeta de Paros chama τλημοσύνη . E aí instaura-se o novo, por que τλημοσύνη não é uma qualidade inata ao homem, é um dom dos deuses:

ἀλλὰ θεοὶ γὰρ ἀνηκέστοισι κακοῖσιν
ὦ φίλ' ἐπὶ κρατερὴν τλημοσύνην ἔθεσαν
φάρμακον. ἄλλοτε ἄλλος ἔχει τόδε· νῦν μὲν ἐς ἡμέας

ἐτράπεθ', αἰματόεν δ' ἕλκος ἀναστένομεν,
ἐξαῦτις δ' ἑτέρους ἐπαμείψεται. ἀλλὰ τάχιστα
τλῆτε, γυναικεῖον πένθος ἀπωσάμενοι.
(fragm. 13W, 5-10)

O sentido primeiro da raiz, *tlea$_2$, que aparece nos cognatos τλημοσύνη , πολύτλας , τλῆτε, τέτλαθι, ἔτλης é "tomar sobre si". Daí se derivam as acepções de "suportar", "tomar responsabilidade de", "ter confiança em si" que se encontram nas formas verbais τλῆτε, τέτλαθι , ἔτλης. Ora, o substantivo τλημοσύνη, dicionarizado sob o sentido de "prova", "resignação", significa, do ponto de vista etimológico, "a qualidade daquele que toma algo sobre si, daquele que suporta alguma coisa".

Daí ler-se no Thesaurus [39] Τλημοσύνην Archilochus vocavit τὴν ἐπὶ λυπηροῖς καρτερίαν " (Trad.: Arquíloco designou por " τλημοσύνη " a força interior nos momentos de aflição)

Arquíloco, no fragmento 13W, ao apontar a τλημοσύνη como dom divino, que cura os infortúnios humanos, reitera o distanciamento que se interpõe entre os deuses e os mortais e ratifica a certeza dos limites a que estão subordinados.

Também o iambógrafo Semônides de Amorgos enfatiza essa limitação do homem, sua ignorância do futuro e, ao contrário de Arquíloco, considera vão o esforço humano. Para ele, só restam a confiança e, à maneira hesiódica, a esperança.

Ὦ παῖ, τέλος μὲν Ζεὺς ἔχει βαρύκτυπος

πάντων ὅσ' ἐστὶ καὶ τίθησ' ὅπῃ θέλει.
Νόος δ' οὐκ ἐπ' ἀνθρώποισιν· ἀλλ' ἐφήμεροι
ἃ δὴ βοτὰ ζώομεν οὐδὲν εἰδότες,
ὅπως ἕκαστον ἐκτελευτήσει θεός.
Ἐλπὶς δὲ πάντας καὶ πιθεία τρέφει
ἄπρηκτον ὀρμαίνοντας· οἱ μὲν ἡμέρην
μένουσιν ἐλθεῖν, οἱ δ' ἐτέων περιτροπάς

(Semônides, 2 Ad ., 1-8)

(Trad.: Ó filho, Zeus tonitroante conduz o termo de tudo o que existe e dispõe segundo seu querer. Não há projetos para os homens. Mas, efêmeros, vivemos como gado, ignorando como o deus realizará cada coisa. A esperança e a confiança sustentam em nós a ânsia do impossível: uns aguardam-no em um só dia; outros, na sucessão dos anos).

O homem e sua sorte, preocupação constante na poesia grega arcaica, manifesta-se - tanto nos tetrâmetros trocaicos quanto nos versos elegíacos do poeta de Paros - numa tentativa de compreensão ou de busca incipiente da verdadeira essência do homem.

6 - A POESIA DO ΨΟΓΟΣ

Aristóteles, na Poética 1448b 24-27, ao discorrer acerca da história da poesia, diz: Διεσπάσθη δὲ κατὰ τὰ οἰκεῖα ἤθη ἡ ποίησις· οἱ μὲν γὰρ σεμνότεροι τὰς καλὰς ἐμιμοῦντο πράξεις καὶ τὰς τῶν τοιούτων, οἱ δὲ εὐτελέστεροι τὰς τῶν φαύλων, πρῶτον ψόγους ποιοῦντες, ὥσπερ ἕτεροι ὕμνους καὶ ἐγκώμια. (Trad.: Dividiu-se a poesia segundo os caracteres peculiares a cada poeta; pois os mais nobres imitam as belas ações e as dos homens de tal caráter; os mais vulgares, imitam as ações dos homens comuns, compondo, primeiramente, censuras, como aqueles compõem hinos e encômios.

Segundo o Estagirita, há no fazer poético dos gregos uma dicotomia bem definida: de um lado, a poesia celebra as ações daqueles que se distinguem pela excelência, sendo, pois, sinônimo de ἔπαινος ; de outro, ela privilegia as ações ordinárias do homem comum, censurando-as, criticando-as, depreciando-as. A esta poesia confere-se o epíteto de ψόγος e o filósofo, na Retórica 1418b, num passo já aludido no capítulo acerca do iambo, deixa bem evidente que a invectiva de caráter pessoal lhe constitui a tônica. Nomeia, então, a Arquíloco como seu representante.

A lição aristotélica se coaduna com a acepção corrente da palavra ψόγος, pois, como se lê na Suda, ψόγος significa κακολογία , ou seja, "insulto", "injúria", "calúnia", "difamação". Esse significado está, ainda, em consonância com a reputação do poeta na Antigüidade, conforme já dito anteriormente [40]. Parece, contudo, como pos-

tula Gentili [41], que os limites do ψόγος não se restringem ao vitupério, diretamente dirigido a um indivíduo determinado. Ultrapassam-no. Pode-se dizer que a poesia do ψόγος serve de expressão não somente à crítica mordaz e depreciativa, ao posicionamento escarnecedor e injurioso, à contestação do estabelecido, mas também configura-se como zombaria e jocosidade, abrangendo assim "no seu campo semântico toda a dimensão do γελοῖον, do jocoso ou do 'sério-cômico', no sentido que este termo adquiriu na teoria do texto literário de M. Bakhtin" [42]

Ao buscar as raízes do romance europeu [43] e ao analisar o romance de Dostoiévski [44], o teórico russo encontra os autênticos predecessores dessa variedade narrativa na Antigüidade Grega, em gêneros que, a despeito de suas características específicas, apresentam peculiaridades comuns, a ponto de serem reunidos num domínio que "os Antigos denominavam de maneira expressiva "spoudogelion" [45] e onde "incluíam os mimos de Sofron, o 'diálogo de Sócrates' (como gênero específico), a vasta literatura dos simpósios (também gênero específico), a primeira Memorialística (Íon de Chios, Crítias), os panfletos, toda a poesia bucólica, a sátira menipéia (como gênero específico)" [46] No entanto, pode-se ascender, como adverte Gentili, o sério-cômico a uma fase muito mais antiga da literatura grega [47], possivelmente - é o que se propõe aqui - a Arquíloco, visto estarem presentes, em muitos de seus fragmentos, algumas das características estabelecidas por Bakhtin para os gêneros do sério-cômico.

Distingue o estudioso russo três peculiaridades fundamentais desses gêneros, dentre as quais as duas primei-

ras são indissociáveis, uma vez que se inserem na esfera da temática:

> 1 - o objeto da representação séria (e simultaneamente cômica) é dado sem qualquer distância épica ou trágica, no nível da atualidade, na zona do contato imediato e até profundamente familiar com os contemporâneos vivos e não no passado absoluto dos mitos e lendas.
> 2 - os gêneros do cômico-sério não se baseiam na lenda, nem se consagram através dela. Baseiam-se conscientemente na experiência (se bem que ainda insuficientemente madura) e na fantasia livre; na maioria dos casos seu tratamento da lenda é profundamente crítico, sendo, às vezes, cínico-desmascarador;
> 3 - peculiaridade de estilos e variedade de vozes [48]

que se manifestam, por exemplo, através da fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, do emprego de discursos relatados, de paródias dos gêneros elevados, de citações recriadas em paródias, do uso de disfarces vários do autor, etc.

Infere-se das duas primeiras características que os gêneros do sério-cômico extraem seus temas, sobretudo, do momento presente, da realidade circundante, desprezando a contemplação e a exaltação do passado, como tempo modelar, arquetípico. Podem, por vezes, recorrer ao mito e ao passado como objeto de representação, mas interpretam-no sob a ótica do mundo que lhes é contemporâneo.

Há, em muitos dos fragmentos do poeta de Paros, sobretudo nos de temática guerreira, um distanciamento da postura épica de encarecimento dos valores heróicos, presen-

tes numa sociedade aristocrática, como era a da Grécia arcaica, que prezava o ἔπαινος como galardão da ἀρετή , como traço distintivo de realce dentro da comunidade. Bravura guerreira, destemor face ao inimigo, glória "post mortem", valores tão decantados na epopéia homérica e privilegiados pelos soldados não encontram, muita vez, ressonância no microcosmo do poeta, conforme se pode depreender, por exemplo, dos fragmentos 5W, 101W, 133W. E essa desconstrução do ideal heróico adquire, em muitos casos, o tom de ironia, o que parece ocorrer nos fragmentos acima referidos. Observa-se também que os fragmentos onde são mencionados personagens como Glauco e Péricles parecem nomear pessoas próximas ao círculo social do poeta, tal é a familiaridade com que a eles se dirige. Pode-se exemplificar com o fragm. 124a/b, em que, a julgar da lição de Ateneu, que o transmite, há referência a Péricles, considerado glutão, avaro e transgressor das normas sociais [49]:

(a) Μυκονίων δίκην

(b) πολλὸν δὲ πίνων καὶ χαλίκρητον μέθυ,
οὔτε τῖμον εἰσενείκας ⟨ - ∪ - x - ∪ - ⟩
οὐδὲ μὲν κληθεὶς ⟨∪ - x⟩ ἦλθες οἷα δὴ φίλος,
ἀλλά σεο γαστὴρ νόον τε καὶ φρένας παρήγαγεν
εἰς ἀναιδείην,

Convém assinalar que mesmo helenistas, defensores da tese de que os iambos de Arquíloco representam muito mais um tratamento literário dado às canções populares do que emoções e posicionamentos do poeta (tais como Dover e West, dos quais alguns postulados foram expostos no cap.

3), admitem que alguns fragmentos refletem experiências do iambógrafo. Dover afirma:

> Eu não sugiro, ou acredito, que os fragmentos endereçados a Glauco e Péricles expressem emoções outras que aquelas do próprio poeta [50].

West, apesar de preconizar que personagens como Licambes e suas filhas são "stock characters", aventa a hipótese de que, no fragm. 23, o narrador seja o próprio poeta [51].

Acresce ainda que achados arqueológicos revelaram a existência de monumentos dedicados a personagens nomeados nos fragmentos, dentre os quais se pode destacar o μνῆμα a Glauco, em Tasos, conforme indicado no cap. 2.

Merecem atenção as várias referências, na Antigüidade, a Arquíloco e a alguns de seus personagens -como para citar apenas uma delas - as do epigrama 17 de Dioscórides [52], cujo eixo temático são as Licâmbides:

οὐ μὰ τόδε φθιμένων σέβας ὅρκιον αἰδὲ Λυκάμβεω
αἳ λάχομεν στυγερὴν κληδόνα θυγατέρες
οὔτε τι παρθενίην ᾐσχύναμεν οὔτε τοκῆας
οὔτε Πάρον, νήσων αἰπυτάτην ἱερῶν,
ἀλλὰ καθ' ἡμετέρης γενεῆς ῥιγηλὸν ὄνειδος
φήμην τε στυγερὴν ἔφλυσεν Ἀρχίλοχος.
Ἀρχίλοχον μὰ θεοὺς καὶ δαίμονας οὔτ' ἐν ἀγυιαῖς
εἴδομεν οὔθ' Ἥρης ἐν μεγάλῳ τεμένει·
εἰ δ' ἦμεν μάχλοι καὶ ἀτάσθαλοι, οὐκ ἂν ἐκεῖνος
ἤθελεν ἐξ ἡμέων γνήσια τέκνα τέκειν.

(Trad.: Não, por este respeito jurado aos mortos, nós, as

filhas de Licambes, que recebemos uma odiosa reputação, não desonramos a virgindade, nem os nossos pais, nem Paros, a mais elevada das ilhas sagradas. Mas, contra a nossa raça, Arquíloco disseminou a medonha vergonha, a terrível fama.

Arquíloco, pelos deuses e divindades, não o vimos nem nas ruas, nem no grande recinto sagrado de Hera. Se fôssemos lascivas e dementes, não quereria ele ser o pai de nossos filhos)

Ainda que os testemunhos avocados pertençam a momentos posteriores à época do poeta de Paros, e por isso sejam freqüentes vezes tomados sob suspeição, não deixam eles de provocar a indagação: por que se preocuparam tanto os Antigos com o iambógrafo e seus personagens, se estes não correspondiam a pessoas reais? A resposta é difícil. Talvez porque, valendo-se do código literário à sua disposição - poesia homérica e hesiódica -, Arquíloco, por vezes, desconstrua-o, subverta-o e construa um outro que se constitua na antítese do existente, do convencional, do aceito pela tradição. E este desvio da norma, do estabelecido é provocador. Em muitos de seus versos, a palavra parece instaurar um novo estatuto e "não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação", como postula Vernant [53].

É bom observar que, embora se acredite que, a par da utilização do material oriundo das canções pré-literárias, a poesia de Arquíloco reflita, em muitos passos, uma par

cela de sua experiência pessoal, como deixam entrever as lições dos doxógrafos, não se partilha da opinião que seja ela autobiográfica, o que a reduziria à função de testemunho [54]. Isto porque, ainda que o "eu poético" conte - nha, em seu substrato, muito do "eu real" do poeta, não é possível estabelecer entre ambos uma total identifica - ção, visto não ser o texto poético nem biografia, nem história. Há de convir-se, contudo, que o poeta vive num determinado momento histórico, sofre suas influências, tem uma história pessoal e, ao interpretar o mundo que o rodeia, fá-lo de acordo com esta.

No tocante à terceira peculiaridade do sério-cômico apontada por Bakhtin, observa-se, em alguns iambos de Arquíloco, a combinação do sublime com o vulgar, evidenciada, sobretudo, no uso de uma linguagem elevada, próxima à da epopéia homérica, para expressão de temas vulgares e até mesmo grosseiros. À guisa de exemplo, pode-se citar o fragm. 42W.):

ὥσπερ αὐλῶι βρῦτον ἢ Θρέϊξ ἀνὴρ
ἢ Φρὺξ ἔμυζε· κύβδα δ' ἦν πονεομένη.

que merecem de Page [55] o seguinte comentário:

> A obscenidade é expressa em termos altamente poéticos, com um toque de cor tradicional na frase ἢ Θρείξ ἀνὴρ/ ἢ Φρύξ, cf. Il. 3,401 ἢ Φρυγίης ἢ Μηονίης, 6, 457 Μεσσηίδος ἢ Ὑπερείης."

Ocorrem, ainda, discursos relatados, como nos fragmentos 23W e 196aW e, em 19W e 122W, o uso do procedimento retó-

rico da "persona loquens".

Os fragmentos de Arquíloco, denominados aqui de poesia do ψόγος , partilham do domínio do sério-cômico, como preceitua Bakhtin. Tendo como fundamento a censura, a crítica, são eles expressão, ora da invectiva e do insulto, ora de questionamentos do ideal heróico e dos valores tradicionais, ora da zombaria e do gracejo. Ainda que outros fragmentos apresentem essas características, tratar-se-á somente daqueles cuja temática é a vida militar, os assuntos políticos e o erotismo.

6.1 - Temas militares

Considera-se o fragm.5W, que trata da perda do escudo, uma das inovações temáticas da poesia de Arquíloco:

ἀσπίδι μὲν Σαίων τις ἀγάλλεται, ἣν παρὰ θάμνωι,
ἔντος ἀμώμητον, κάλλιπον οὐκ ἐθέλων·
αὐτὸν δ' ἐξεσάωσα. τί μοι μέλει ἀσπὶς ἐκείνη;
ἐρρέτω· ἐξαῦτις κτήσομαι οὐ κακίω.

Citado por vários escritores na Antigüidade, esse fragmento que, segundo o escoliasta de A Paz, de Aristófanes [56], refere-se a um episódio ocorrido na guerra contra os Saios, povo da Trácia, mereceu de Plutarco, que o cita em Instit. Lac. 34p. 239b [57], o seguinte comentário:

Ἀρχίλοχον τὸν ποιητὴν ἐν Λακεδαίμονι γενόμενον αὐτῆς ὥρας ἐδίωξαν, διότι ἐπέγνωσαν αὐτὸν πεποιηκότα ὡς κρεῖττόν ἐστιν ἀποβαλεῖν τὰ ὅπλα ἢ ἀποθανεῖν.

(Trad.: Quando o poeta Arquíloco esteve na Lacedemônia, perseguiram-no, porque des-

cobriram que ele dissera ser preferível perder as armas a morrer).

É evidente que, embora se saiba que a Trácia, rica em minas de ouro, foi objeto de cobiça de Tasos, não se pode assegurar que o poeta de Paros tenha participado de incursões àquela região. Pode-se, no entanto, dizer que, ao abordar o tema da perda do escudo, o poeta fá-lo sob uma ótica totalmente diversa da do mundo homérico.

Muitos episódios da Ilíada narram a experiência dolorosa e humilhante - assim considerada pelo código de valores heróicos - de guerreiros que, ao serem vencidos, são despojados de suas armas pelos adversários, sofrendo, assim, o pior dos ultrajes. Ilustra-o bem a dor experimentada por Aquiles, ao saber que seu fiel amigo Pátroclo morrera e que o inimigo troiano Heitor ostentava a sua armadura. Diz Aquiles à sua mãe Tétis:

".....τὸν ἀπώλεσα, τεύχεα δ' Ἕκτωρ
δηώσας ἀπέδυσε πελώρια, θαῦμα ἰδέσθαι,
καλά· τὰ μὲν Πηλῆι θεοὶ δόσαν ἀγλαὰ δῶρα
ἤματι τῷ ὅτε σε βροτοῦ ἀνέρος ἔμβαλον εὐνῇ

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . , ἐπεὶ οὐδ' ἐμὲ θυμὸς ἀνώγει
ζώειν οὐδ' ἄνδρεσσι μετέμμεναι, αἴ κε μὴ Ἕκτωρ
πρῶτος ἐμῷ ὑπὸ δουρὶ τυπεὶς ἀπὸ θυμὸν ὀλέσσῃ,
Πατρόκλοιο δ' ἕλωρα Μενοιτιάδεω ἀποτίσῃ."

(Ilíada, 18, 82-85/90-93)

(Trad.: Perdi-o (Pátroclo). Heitor, tendo-o matado, despojou-o das prodigiosas armas, belas - maravilha de se

ver. A Peleu deram os deuses esses presentes magníficos, no dia em que te fizeram partilhar do leito de um mortal. ..... pois meu coração não me impele a viver, nem a estar entre os homens, se, primeiro, Heitor, golpeado pela minha lança, não perder a vida e pagar por ter feito de Pátroclo, filho de Menetes, sua presa).

No fragm. 5W, a perda do escudo, longe de ser experiência muito dolorosa, como o fora para o Aqueu "de pés ligeiros", significa, ante a iminência da morte em combate, morte gloriosa como diria Calino [58], optar pela vida inglória. E o tom é de ironia e irreverência.

Inicialmente, a ironia é expressa através da ênfase [59] dada ao escudo, que fora deixado "sem querer, junto de uma moita". Era ele " ἔντος ἀμώμητον ", "arma irrepreensível", ou seja, arma perfeita, não passível de crítica, de censura, como se depreende de ἀμώμητον . Adjetivo verbal, derivado de ἀμωμάομαι , "censurar", verbo cuja raiz provém de μῶμος , - ου (ὁ), "crítica viva e escarnecedora", " ἀμώμητος" é, segundo Page [60], usado de um modo significativo, visto aplicar-se a um substantivo comum concreto, emprego distinto, portanto, do que ocorre, por exemplo, em Ilíada, 12, 109 - Πουλυδάμαντος ἀμωμήτοιο (Trad.: do irrepreensível Polidamas). Reitera-se, ainda, a ênfase dada à perfeição do escudo, através da forma verbal média ἀγάλλεται ,presente de ἀγάλλειν verbo que, na voz ativa, segundo Chantraine, tem o sentido de "ornar", "enfeitar" e, na voz média, o de "exultar", sentir um alegre orgulho de", sendo, sobretudo, empregado a propósito de armas, carros e navios de guer -

ra. E esse escudo, objeto de orgulho do Saio, converte-se, num jogo que se poderia dizer antitético, num escudo qualquer - ἀσπὶς ἐκείνη -, desprezível, como se depreende de ἐρρέτω , imperativo geralmente usado como fórmula de imprecação e da litote do último hemiepes - κτήσομαι οὐ κακίω.

Arquíloco inova, pois. A perda do escudo significa, no fragm. 5W, distanciamento do código heróico e fruição do prazer de assumir um posicionamento de contestação à norma.

Servem-se também desse tema dois outros poetas da Grécia arcaica, posteriores a Arquíloco - Alceu e Anacreonte.

Considerado intraduzível por Reinach, por se apresentar bastante mutilado, o fragm. 153 R.P. é assim interpretado por Bowra: "Alceu está salvo; as suas armas não. Os Atenienses as penduraram no templo da deusa dos olhos glaucos" [61]. Informes acerca desse fragmento encontram-se em Estrabão, 13,600 [62] e Heródoto, 5, 95. Lê-se no primeiro: Ἀλκαῖος φησὶν ὁ ποιητὴς ἑαυτὸν ἔν τινι ἀγῶνι κακῶς φερόμενον τὰ ὅπλα ῥίψαντα φυγεῖν. (Trad.: O poeta Alceu diz que, estando em situação difícil num combate, atirou longe o escudo e fugiu). O historiador, ao discorrer acerca da guerra entre Atenas e Mitilene, diz:

Πολεμεόντων δέ σφέων παντοῖα καὶ ἄλλα ἐγένετο ἐν τῇσι μάχῃσι, ἐν δὲ δὴ καὶ Ἀλκαῖος ὁ ποιητὴς συμβολῆς γενομένης καὶ νικώντων Ἀθηναίων αὐτὸς μὲν φεύγων ἐκφεύγει, τὰ δὲ οἱ ὅπλα ἴσχουσι Ἀθηναῖοι καί σφεα ἀνεκρέμασαν πρὸς

τὸ Ἀθήναιον τὸ ἐν Σιγείῳ. Ταῦτα δὲ Ἀλκαῖος ἐν μέλεϊ ποιήσας ἐπιτιθεῖ ἐς Μυτιλήνην ἐξαγγελόμενος τὸ ἑωυτοῦ πάθος Μελανίππῳ ἀνδρὶ ἑταίρῳ.

(Trad.: Enquanto eles combatiam, aconteceram naquelas batalhas os mais variados incidentes e, dentre eles, aquele em que, tendo havido um combate e sendo vencedores os Atenienses, o poeta Alceu, ao ser perseguido, foge. Os Atenienses, porém, apoderam-se de suas armas e depositam-nas no templo de Atena, em Sigeu. Tendo composto um poema, em que contava o seu infortúnio ao amigo Melanipo, Alceu envia-o a Mitilene). Ora, não se pode afirmar, embora tenha sido Alceu participante das lutas políticas de sua terra, que esse fragmento reflita uma experiência pessoal.

O fragmento de Anacreonte resume-se a um único verso: ἀσπίδα ῥῖψ' ἐς ποταμοῦ καλλιρόου προχοίας (28 Ed.). (Trad.: lança o escudo na foz do rio de belo curso). Atilius Fortunatius, que o cita, nada informa sobre o contexto.

Também o fragm. 2W constitui um exemplo da tendência, presente em grande parte da poesia de Arquíloco, de minimizar o ideal heróico:

ἐν δορὶ μὲν μοι μᾶζα μεμαγμένη, ἐν δορὶ δ' οἶνος
Ἰσμαρικός· πίνω δ' ἐν δορὶ κεκλιμένος.

Ainda que Page [63] afirme que a anáfora ἐν δορί é do tipo tradicional, bem como o sintagma ἐν δορὶ κεκλιμένος, tem este dístico sido objeto de investigação constante, por considerarem muitos helenistas que a anáfora ἐν δορί

deve ter o mesmo valor e sentido em suas três ocorrências.

Bruno Gentili[64] que, como Davidson[65], atribui a δόρυ o sentido de navio, considera o sintagma ἐν δορί um dativo locativo e acrescenta que o único sentido possível para κλίνω / κλίνομαι, seguido de ἐν e dativo, é o de "jazer", "estar estendido". Aproxima ele o substantivo δόρυ da expressão homérica δόρυ νηΐον e admite que este dístico venha a ser a seqüência do fragm. 4W, que trata de uma experiência marítima, num momento de vigia, e o vinho deve representar fuga, esquecimento das agruras da vida de soldado:

ἀλλ' ἄγε σὺν κώθωνι θοῆς διὰ σέλματα νηὸς
φοίτα καὶ κοίλων πώματ' ἄφηλκε κάδων,
ἄγρει δ' οἶνον ἐρυθρὸν ἀπὸ τρυγός· οὐδὲ γὰρ ἡμεῖς
νηφέμεν ἐν φυλακῆι τῆιδε δυνησόμεθα.
(fragm. 4W)

Gentili fundamenta a hipótese na observação de Sinésio que cita o fragmento, para estabelecer um paralelo com uma sua experiência pessoal: ἐγὼ δ' ὑπὸ μεσοπυργίῳ τεταγμένος ὑπνομαχῶ... " ἐν δορὶ μέν — κεκλιμένος"· οὐκ οἶδ' εἰ μᾶλλον Ἀρχιλόχῳ προσήκοντα ἢν ταῦτα εἰπεῖν.
(Trad.: eu, colocado sob a muralha, luto contra o sono ..." ἐν δορὶ μέν - κεκλιμένος" . Não sei se dizer isto seria mais apropriado para Arquíloco)

Admitindo o sentido usual de δόρυ "lança" -, Bowra[66] interpreta a anáfora ἐν δορί como expressão de uma idéia de proximidade. Assim, para ele, ἐν δορί significa "under arms", "at (his) post" e confere a κεκλιμένος, como faz Gentili, a acepção de reclinado, à maneira dos convi

vas de um banquete.

Parece, contudo, como propõe Dominique Arnould [67], baseando-se, principalmente, em exemplos extraídos dos trágicos e na época pós-clássica, que a anáfora ἐν δορί tenha o sentido de "armado com a lança" e o particípio κεκλιμένος a acepção de "estendido", "deitado".

Colocada em posição enfática, em anáfora, a expressão ἐν δορί não põe em relevo a reverência, quase sagrada, que os guerreiros homéricos atribuíam, de um modo geral, a suas armas, conforme,por exemplo, se lê na Ilíada, 16,57, quando Aquiles, ao permitir que Pátroclo fosse em socorro dos gregos, rememora a ofensa que lhe infligira Agamêmnon: κούρην .../ δουρὶ δ' ἐμῷ κτέατισα (Trad.: conquistei a jovem com a minha lança). Confere-se à lança um caráter prosaico, inserindo-a num contexto que diz respeito às necessidades elementares de sobrevivência. Não se quer com isso dizer que haja, neste dístico, alusão à vida do soldado mercenário, que poderia ser a do próprio poeta, como, dentre outros, admite Bonnard [68]. Isto porque crê-se hoje, como já dito em 2.1, que Arquíloco não foi tão miserável, nem Paros tão pobre, conforme se supunha. Esta é, como diz Arnould [69], uma interpretação baseada numa visão romântica da colonização.

Desenha-se um quadro em que, colocada em primeiro plano, a lança deixa de ser metonímia de heroicidade e adquire o valor concreto de simples arma e o soldado sacia sua fome e sede numa atitude descompromissada com a bravura guerreira, como se infere, sobretudo, de " πίνω δ' ἐν δορὶ κεκλιμένος". Servem-lhe de refeição μᾶζα μεμαγ-

μένη e οἶνος Ἰσμαρικός , alimentos cujas qualidades são antitéticas. Μᾶζα , dicionarizado na acepção de pão, bolo de cevada, distinto de ἄρτος , pão de trigo, é um alimento ordinário, uma pasta, algo triturado, amassado, como se infere de seu cognato μεμαγμένη . Οἶνος Ἰσμαρικός é o vinho precioso a que alude Ateneu, ao citar o fragmento: Ἀρχίλοχος τὸν Νάξιον τῷ νέκταρι παραβάλλει (Trad.: Arquíloco compara o vinho de Naxos ao néctar). É o bom vinho com que Ulisses embriagara o ciclope Polifemo . É também o vinho que bebe o soldado, estendido, deitado, numa postura que confere ao dístico um toque de jocosidade.

No fragm. 114W, desenha-se o retrato de um novo modelo de herói, um στρατηγός , que West [70], sem apresentar maiores explicações, supõe ser Leófilo:

οὐ φιλέω μέγαν στρατηγὸν οὐδὲ διαπεπλιγμένον
οὐδὲ βοστρύχοισι γαῦρον οὐδ' ὑπεξυρημένον,
ἀλλά μοι σμικρός τις εἴη καὶ περὶ κνήμας ἰδεῖν
ῥοικός, ἀσφαλέως βεβηκὼς ποσσί, καρδίης πλέως.

Partindo de características que enfatizam aspectos físicos, tais como estatura, cabelos, modo de andar, cria-se um στρατηγός que não possui, à maneira dos heróis homéricos, a beleza como um dos seus traços essenciais. Longe está ele de merecer o epíteto ἰσόθεος, conferido a vários guerreiros, como, por exemplo, a Menelau - ὁ δ' ἐν μέσσοισι παρίστατο ἰσόθεος φώς (Ilíada, 4,212) (Trad.: no meio, estava ele, mortal igual a um deus)

De baixa estatura, σμικρός portanto, contrastando com o rejeitado μέγας στρατηγός , deveria ser o gene -

ral modelo. Ora, ainda que alguns heróis homéricos, dentre os quais se pode citar Tideu [71] Τιδεύς τοι μικρὸς μὲν ἔην δέμας ἀλλὰ μαχητής (Ilíada, 5, 801) (Trad.: Tideu era de baixa estatura mas combatente) - sejam assim caracterizados, constituem eles exceção. Aquiles, por exemplo, se diz καλός e μέγας - οὐχ ὁράᾳς οἷος καὶ ἐγὼ καλός τε μέγας τε; (Ilíada, 21, 108) (Trad.: não vês como eu sou belo e grande?) Alto também era o herói Cébrion que fora morto por Pátroclo - ὁ δε στροφάλιγγι κονίης / κεῖτο μέγας μεγαλωστί (Ilíada 16, 775-6) (Trad.: ele, num turbilhão de poeira, jazia, grande corpo ocupando um grande espaço).

Mas, sobre ser alto, fora o grande general aquinhoado com a imponência do porte, como se infere não só do particípio διαπεπλιγμένοι, mas também do adjetivo γαῦρος em íntima relação com o substantivo βοστρύχοισι.

A partir do verbo πλίσσομαι, "afastar as pernas para andar", "caminhar a passos rápidos e cadenciados", que ocorre na Odisséia 6, 318, - ε'δὲ πλίσσοντο πόδεσσιν (Trad. (as mulas) trotavam) -, Arquíloco cunha o particípio διαπεπλιγμένον, cujo sentido primeiro é "aquele que anda com as pernas afastadas", isto é, "aquele que anda com passadas largas" ou, como propõe Sherer [72], "com andar afetado". À elegância do andar do μέγας στρατηγός opõe-se a ausência de movimentos do pequeno general. Ademais, é ele ῥοικός em relação às pernas. Este porme - nor evoca a descrição caricata do Tersites homérico:

φολκὸς ἔην, χωλὸς δ'ἕτερον πόδα· τὼ δέ οἱ ὦμω
κυρτώ, ἐπὶ στῆθος συνοχωκότε· αὐτὰρ ὕπερθε

φοξὸς ἔην κεφαλήν, ψεδνὴ δ' ἐπενήνοθε λάχνη.
(Ilíada, 2, 217-219)

(Trad.: ele era vesgo, manco de uma perna, os ombros curvados, contraídos sobre o peito. Além disso, tinha a cabeça pontuda, no alto da qual despontavam ralos fios de cabelo).

Silencia o poeta quanto aos cabelos do pequeno general. No entanto, completa-se a aparência radiosa do outro com a menção à barba quase cerrada - ὑπεξυρημένον - e aos cabelos cacheados - βοστρύχοισι . Ora, sabe-se que aos heróis homéricos e à aristocracia, de um modo geral, preocupava o cuidado com os cabelos. Encontram-se, na Ilíada, referências várias aos Aqueus de longos cabelos, como, por exemplo, em 3,43 - κομόωντες Ἀχαιοί. Também no fragm. 117W de Arquíloco - τὸν κεροπλάστην ἄεισε Γλαῦκον -, Glauco, um dos notáveis de Tasos, é caracterizado como κεροπλάστην . Trata-se de um epíteto burlesco, uma vez que o substantivo composto, formado pela justaposição dos radicais de κέρας , "chifre" e de πλάττω"modelar", tem o sentido originário de "aquele que arruma os cabelos em forma de chifre". É esta a lição do escólio de Ilíada 24,81 [73] οἱ δὲ νεώτεροι κέρας τὴν συμπλοκὴν τῶν τριχῶν /ὁμοίαν κέρατι (Trad.: os mais novos [chamam] κέρας ao entrelaçamento dos cabelos, à maneira de chifre). Com os cabelos anelados, o grande general se mostra radioso, como se depreende do adjetivo γαῦρος que, aparentado a γάνυμι e γαίω , verbos que exprimem alegria e também orgulho, significa, primeiramente, "exultante" e, depois, "orgulhoso".

Possui o σμικρός στρατηγός uma qualidade superlativa - πλέως καρδίης . O substantivo καρδία , "coração", usado, por vezes, como sede dos sentimentos, dos desejos, conhece aqui um emprego metonímio, visto conotar a característica que se pensa ser essencial a um guerreiro, ou seja, a coragem, o ardor no desempenho de seu ofício. Se sob este aspecto, o paradigma do general lembra os valentes guerreiros homéricos, deles, conforme se observou, se distancia em muitos outros. Assim sendo, representa ele, como diz Gallavotti, "quase um repúdio ao conceito apolíneo da καλοκάγαθία"[74].

Contrastando com a louvação das sobre-humanas façanhas individuais dos heróis homéricos, herança dos ancestrais e dádiva dos deuses, o fragm. 101W apresenta uma outra concepção de ἀρετή guerreira:

ἑπτὰ γὰρ νεκρῶν πεσόντων, οὓς ἐμάρψαμεν ποσίν,
χείλιοι φονῆες εἴμεν,

Nada há que lembre a bravura de um guerreiro, como Diomedes que, no ardor da luta,

θῦνε γὰρ ἂμ πεδίον ποταμῷ πλήθοντι ἐοικὼς
χειμάρρῳ, ὅς τ'ὦκα ῥέων ἐκέδασσε γεγύρας
. . . . . .
ὣς ὑπὸ Τυδείδῃ πυκιναὶ κλονέοντο φάλαγγες
Τρώων, οὐδ'ἄρα μιν μίμνον πολέες περ ἐόντες

(Ilíada, 5, 84-85/93-94)

(Trad.: Atirava-se pela planície, semelhante a um rio, que, transbordante por causa da tempestade, destrói as fontes com a sua correnteza. Assim, as falanges cerra-

das dos troianos eram perseguidas pelo filho de Tideu e, embora numerosos, não lhe resistiam)

Nada há também que traga à lembrança aquele que Calino compara a uma fortaleza - πύργον-, "pois sozinho executa façanhas dignas de muitos" - ἔρδει γὰρ πολλῶν ἄξια μοῦνος ἐών (Calino, fragm. 1W, 21).

Nada há que se assemelhe ao guerreiro que, como encarece Tirteu, no fragm. 12W, 21-31, por sua ἀρετή , será, para sempre, objeto de glória e renome:

αἶψα δὲ δυσμενέων ἀνδρῶν ἔτρεψε φάλαγγας
- τρηχείας· σπουδῇ δ' ἐσχεθε κῦμα μάχης,
αὐτὸς δ' ἐν προμάχοισι πεσὼν φίλον ὤλεσε θυμόν,
- ἀστύ τε καὶ λαοὺς καὶ πατέρ' εὐκλείσας,
πολλὰ διὰ στέρνοιο καὶ ἀσπίδος ὀμφαλοέσσης
- καὶ διὰ θώρηκος πρόσθεν ἐληλάμενος.
τὸν δ' ὀλοφύρονται μὲν ὁμῶς νέοι ἠδὲ γέροντες,
ἀργαλέωι δὲ πόθωι πᾶσα κέκηδε πόλις,
καὶ τύμβος καὶ παῖδες ἐν ἀνθρώποις ἀρίσημοι
καὶ παίδων παῖδες καὶ γένος ἐξοπίσω·
οὐδέ ποτε κλέος ἐσθλὸν ἀπολλύται οὐδ' ὄνομ' αὐτοῦ,

(Trad.: Em breve derrota as falanges furiosas dos inimigos,
com o seu ardor detém as vagas da batalha.
Se ele cair na primeira fila, perdendo a cara vida,
deu glória à cidade, ao povo e ao pai,
Se for mal ferido, na frente, através do peito,
do escudo bombeado e da couraça,
Choram igualmente os novos e os velhos,
Aflige-se a cidade com amarga saudade.
O seu túmulo, os seus filhos serão notáveis entre os homens,

bem como os filhos dos filhos, e toda a posteridade.
Jamais perecerá a sua nobre glória e o seu renome [75].

Transmuda-se o ἔπαινος dos atos heróicos em fanfarronice, em ἀρετή às avessas, uma vez que é antitética aos posicionamentos assumidos pelos heróis da epopéia homérica e às exortações da elegia marcial de Calino e Tirteu.

Ratifica essa postura o fragm. 133W em que se nega qualquer validade ao renome, à fama que, pondo em relevo as ações dos homens, perpetua sua memória através dos tempos:

οὔτις αἰδοῖος μετ' ἀστῶν οὐδὲ περίφημος θανὼν
γίνεται· χάριν δὲ μᾶλλον τοῦ ζοοῦ διώκομεν
⟨οἱ⟩ζοοί, κάκιστα δ' αἰεὶ τῶι θανόντι γίνεται.

A morte nada mais é que finitude, esquecimento, por isso, ao contrário do tradicionalmente estabelecido, honrarias devem ser buscadas durante a vida. Dessa maneira, "o apego dos vivos aos vivos é uma das leis da existência" [76].

A conversão do ἔπαινος em ψόγος colore-se, por vezes, das tintas de um desdém tão grande pelo ardor guerreiro, que a coragem, valor privilegiado pelo soldado, nivela-se com a satisfação das necessidades mais elementares do homem:

μάχης δὲ τῆς σῆς, ὥστε διψέων πιεῖν,
ὣς ἐρέω.

(fragm. 125W)

Ao citar o fragmento, Ateneu observa que " τὸ δίψος γὰρ πᾶσιν ἰσχυρὰν ἐπιθυμίαν ἐμποιεῖ τῆς περιττῆς ἀπολαύσεως" (Trad.: a sede provoca em todos forte desejo do desmedido prazer dos sentidos). Ora, o objeto de desejo é μάχης . Este desejo, porém, iguala-se-como se depreende não só da conjunção ὥστε , mas também da observação do escritor grego-à premência de saciar a sede. É bom lembrar que, segundo Chantraine, o substantivo δίψα do qual se deriva o verbo διψάω , raramente conhece um emprego metafórico. No entanto, talvez a satisfação do desejo da luta se nivele com a saciedade do apetite sexual, visto que o sentido primeiro de ἐρέω , forma jônica de ἐράω , verbo cognato de ἔρως , - ωτος , é "amar de forma sensual".

É interessante observar que a irreverência, em relação ao código heróico, se revela também nas relações estabelecidas entre homens e deuses. Se, em alguns fragmentos, como se viu em 5.2, o poeta enfatiza a reverência aos imortais, outros há em que, por detrás de uma aparente reiteração da dependência dos mortais a estas divindades, se oculta uma ironia, expressão possível de uma pretensa atitude de descompromisso com os valores religiosos vigentes. Dessa maneira, enquanto no fragm. 110W, o deus da guerra é nomeado como protetor de todos os guerreiros, o fragm. 108W invoca os favores de Hefesto para os trabalhos da guerra:

κλῦθ' ἄναξ Ἥφαιστε, καί μοι σύμμαχος γουνουμένωι
ἵλαος γενέο, χαρίζεο δ' οἷά περ χαρίζεαι,

Reveste-se este fragmento do tom da súplica, como se

depreende de γουνουμένωι , particípio presente de γουνουμαι, "abraçar os joelhos, numa atitude de súplica","suplicar", verbo derivado de γόνυ , "joelho". É este o verbo posto nos lábios de Tétis, no v. 427 do canto I da Ilíada, a qual prometera a Aquiles solicitar a Zeus que reabilitasse a honra do filho ultrajado: καὶ μιν γουνάσομαι (Trad.: e abraçarei, súplice, os seus joelhos).

E a ironia aflora quando, ao se solicitarem os favores de Hefesto, deus artífice e coxo e, por isso mesmo, incapaz para as lides guerreiras, se lhe atribui o predicado σύμμαχος, "o que combate junto", "o companheiro de armas". A súplica torna-se imprecação, visto que os favores pedidos não se inserem na esfera da ἀρετή guerreira. Pede-se a destruição, a morte, através de um dos elementos, dominado pelo deus e utilizado em seu mister de artífice - o fogo.

Também o fragm. 26W é, aparentemente, uma súplica reverente a Apolo:

ὦναξ Ἄπολ[λον, καὶ σὺ τοὺς μὲν αἰτίους
πήμαινε [καὶ σφας ὄλλυ'ὥσπερ ὀλλύεις,

Invoca-se o auxílio do deus flecheiro, num tom que evoca a prece do Crises homérico. Mas, à diferença do sacerdote, que apresenta justificativas para seu pedido, observa-se, nesse iambo, que sob o véu do solene se esconde uma terrível imprecação. A invectiva aflora, sobretudo, graças ao jogo de palavras Ἄπολλον/ὄλλυ/ὀλλύεις É o mesmo tom mordaz que se depreende também dos fragmentos 12W e 6W, onde mordacidade e ironia se expressam a-

através dos oxímoros ἀνιηρὰ δῶρα e ξείνια λυγρά:

†κρύπτομεν ἀνιηρὰ Ποσειδάωνος ἄνακτος
δῶρα.
(fragm. 12W)

ξείνια δυσμενέσιν λυγρὰ χαριζόμενοι
(fragm. 6W)

Como se pôde observar nesses fragmentos por último analisados, o poeta despoja o heroísmo de qualquer conotação convencional. Pode-se, por isso, dizer que participam todos eles das características do γελοῖον, como preceitua Bakhtin.

4.2 - Temas políticos

Entre Paros e Tasos, conforme se observou antes, dividiu-se a vida de Arquíloco e, em alguns fragmentos, emerge a contemporaneidade dessas πόλεις com o poeta. A esses versos atribuir-se-á a denominação de "políticos", ou seja, fragmentos que dizem respeito à vida dessas πόλεις.

No fragm. 115W, o objeto de crítica é Leófilo:

νῦν δὲ Λεώφιλος μὲν ἄρχει, Λεωφίλου δ' ἐπικρατεῖν,
Λεωφίλωι δὲ πάντα κεῖται, Λεώφιλον δ' †ἄκουε.

Através do poliptoto, enfatiza-se o personagem. Λεώφιλος, "o amigo do povo". Esse antropônimo, provavelmente cunhado pelo poeta, soa irônico e crítico, uma vez que a amizade devotada ao povo se efetiva pelo exercício de um poder dominador, cerceador de liberdades, co-

mo se infere, sobretudo, de ἐπικρατεῖν . Trata-se de um verbo cognato de κράτος , "força", principalmente "força física", substantivo cuja raiz contém, segundo Chantraine, a noção de "rigor". Reitera o verbo ἐπικρατεῖν, de maneira mais incisiva, a noção de comando antes expressa por ἀρχει . A submissão aos caprichos do "amigo do povo" é total: Λεωφίλωι δὲ πάντα κεῖται . Só a ele cabem as decisões, o que se evidencia através do sujeito πάντα , "tudo", ou seja, "todas as deliberações" e κεῖται , verbo cujo sentido concreto é "estar deitado", logo "submisso".

Leófilo é, provavelmente, a alcunha de um στρατηγός, como já foi dito em 6.1. Essa hipótese talvez se fundamente na distinção, estabelecida nos poemas homéricos, entre δῆμος e λαός , palavras geralmente traduzidas por "povo". Segundo Benveniste [78], δῆμος designa, ao mesmo tempo, território e o povo que nele habita; λαός denota a comunidade guerreira, que se submete às ordens do chefe, devendo-lhe fidelidade e obediência.

Leófilo exerce, pois, um poder absoluto e, por isso mesmo, não cobiçado, como se depreende do fragm. 19W:

οὔ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,
οὐδ' εἰλέπω με ζῆλος, οὐδ' ἀγαίομαι
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἐρέω, τυραννίδος·
ἀποπροθεν γαρ εστιν οφθαλμων εμων.

Segundo Aristóteles, como a tônica desses versos é o vitupério, vale-se o poeta do recurso retórico da "persona loquens", expondo seus posicionamentos através do

carpinteiro Caronte. Nada há que permita a identificação do alvo do ψόγος . Talvez seja ele um dos homens ricos e poderosos que, como o Leófilo do fragm. 115W, se distinguem também pela prepotência. Daí dizer o carpinteiro: μεγάλης δ'οὐκ ἐρέω τυραννίδος. Como se disse anteriormente, é esta a primeira ocorrência do substantivo τυραννίς , "poder absoluto", "tirania", palavra, segundo Chantraine, de origem não indo-européia, provavelmente um substrato ou empréstimo provindo da Ásia Menor.

Desprovido de ambição, desconhece Caronte o ζῆλος, sentimento ambíguo que evoca as duas Ἔριδες de que fala Hesíodo.

Na Teogonia, 383-385, ζῆλος , irmão de Νίκη e também de Κράτος e Βία , é uma força positiva, personificação do Ardor, do Estímulo, da Competição:

Στὺξ δ'ἔτεκ' Ὠκεανοῦ θυγάτηρ Πάλλαντι μιγεῖσα
Ζῆλον καὶ Νίκην καλλίσφυρον ἐν μεγάροισιν·
καὶ Κράτος ἠδὲ Βίην ἀριδείκετα γείνατο τέκνα,

(Trad.: A Estige, filha do Oceano, tendo-se unido a Palas, deu à luz ao Ζῆλος e à Vitória de belos tornozelos, em seu palácio; e também pôs no mundo o Poder e a Força, seus filhos ilustres.

Em Os Trabalhos e os Dias 195-196, Ζῆλος é uma força negativa, é a rivalidade que amesquinha; é, pois, a inveja:

ζῆλος δ'ἀνθρώποισιν ὀιζυροῖσιν ἅπασι
δυσκέλαδος κακόχαρτος ὀμαρτήσει στυγερώπης,

(Trad.: ζῆλος , de aspecto terrível, maledicente, que se

compraz com as infelicidades alheias, acompanhará todos os humanos miseráveis)

Caronte se refere a este ζῆλος , terrível de aspecto. Mostra-se ele também indiferente aos ἔργα Θεῶν , como se depreende de ἀγαίομαι , forma épica e jônica de ἄγαμαι , verbo formado a partir de ἀγα -, que denota a constatação de algo digno de nota ou excessivo. Daí a ambigüidade: "admirar", "ficar encantado com" e também "ficar irritado", "invejar". É uma postura antitética não só à hesiódica e à que se encontra em alguns outros fragmentos do poeta de Paros, como já visto antes, mas também à de toda a idade arcaica.

Inconformismo, não aceitação da prepotência dos que detêm o poder, afastados dos ditames da justiça equitativa, evidenciam-se, ainda, nestes versos; por isso, conclui Caronte, ἀπόπροθεν γὰρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

A crítica aos poderosos, enfatizada nos fragmentos 115W e 19W, é substituída, no fragm. 14W, por uma advertência a Αἰσιμίδης , talvez um dos políticos ilustres da cidade, como admite Pouilloux [79], ou um antropônimo criado pelo poeta, um disfarce, no dizer de Bakthin. É um nome digno de um aristocrata, como se infere de sua etimologia: Αἰσιμίδης é o filho de Αἴσιμος , "daquele que é marcado pelo destino (αἶσα)"e, conseqüentemente, "daquele que é justo", "sensato", "moderado":

Αἰσιμίδη, δήμου μὲν ἐπίρρησιν μελεδαίνων
οὐδεὶς ἂν μάλα πολλ' ἱμερόεντα πάθοι.

Assinala esse dístico um novo posicionamento, distin

to dos princípios que norteavam a sociedade arcaica. Dominava-a o encarecimento da honra como valor mais alto, o que motivava, em cada um, a preocupação de usufruir do respeito de seus concidadãos. Ora, nesses versos, minimiza-se a importância das críticas do povo, " δήμου ἐπίρρησιν", críticas, sinônimo de censura, invectiva, como se depreende de ἐπίρρησις , substantivo formado pelo acréscimo do prefixo ἐπί- "contra", ao substantivo ῥῆσις , "palavra", "discurso". Coloca-se, pois, o esquecimento das ἐπίρρησεις do povo num plano bem próximo dos elogios tão desejados pelo homem da Grécia arcaica.

Ao eleger a πόλις como eixo temático de alguns versos, Arquíloco abre caminho para aqueles que, posteriormente, farão da poesia uma tribuna, um espaço para refletir acerca dos negócios de suas πόλεις.

6.3 - Temas amorosos

O amor, em suas mais diversas manifestações, constitui a temática de alguns fragmentos de Arquíloco. Pode ser ele, como ocorre no fragm. 118W, expressão de ternura:

εἰ γὰρ ὡς ἐμοὶ γένοιτο χεῖρα Νεοβούλης θιγεῖν.

Observa-se, aqui, uma referência explícita a Neobula, a "aquela que tem um novo querer", a "aquela que muda de opinião". Segundo a tradição, era ela não só uma Licâmbide, talvez a mencionada no fragm. 38W - οὐκ

Λυκάμβεω παῖδα τὴν ὑπερτέρην -, mas também a amada do poeta, a quem rejeitara por suas maledicências. Nada há, entretanto, que comprove essa hipótese. Neobula pode ser, como muitos outros nomes próprios -Χαρίλαος (fragm. 168W), Κηρυκίδης (fragm. 185W), uma criação poética ou um personagem-tipo.

O fragmento parece expressar, através do optativo aoristo γένοιτο , acompanhado das partículas εἰ γάρ um desejo terno de aproximação -τιγεῖν - do objeto amado. Este aoristo de τιγγάνω , verbo desconhecido de Homero, possui o sentido primeiro de "tocar", "alcançar", "atingir" e tem, em ático, significação análoga à de ἅπτεσθαι , ψαύειν , "tocar", "sentir pelo tato". Não parece, contudo, que haja neste tetrâmetro, como querem Bonnard [80] e Kirkwood [81], conotação de vingança ou violência.

Delicadeza de sentimentos, face à contemplação do objeto amado, evidencia-se também nos iambos 30W e 31W:

ἔχουσα θαλλὸν μυρσίνης ἐτέρπετο
ῥοδῆς τε καλὸν ἄνθος.
(fragm. 30W)

ἡ δε οἱ κομη
ὦμους κατεσκίαζε καὶ μετάφρενα.
(fragm. 31W)

Sinésio [82], ao citar os fragmentos, afirma que se referem a uma ἑταῖρα . Se assim for, talvez se oculte sob o elogio, a zombaria, a invectiva.

Podem-se relacionar aos fragmentos de temática amorosa os de número 172W a 180W, cujo alvo é Licambes, consi

derado pela tradição o pai de Neobula. Deveriam constituir esses iambos um poema narrativo, como se pode inferir do uso do discurso direto, da possível existência de um narrador, indiciada por αἰνός τις ἀνθρώπων ὅδε (fragm. 174W) e do uso da fábula.

O ataque a Licambes é direto e sarcástico:

πάτερ Λυκάμβα, ποῖον ἐφράσω τόδε;
τίς σὰς παρήειρε φρένας
ἥις τὸ πρὶν ἠρήρησθα; νῦν δὲ δὴ πολὺς
ἀστοῖσι φαίνεαι γέλως.

Ilustra a atitude do transgressor do juramento(fragm. 173W) a fábula da águia e da raposa, da qual se conhece a versão completa em Esopo. É bom assinalar que Arquíloco se utiliza, outras vezes, da fábula como recurso literário de alegoria, o que lhe possibilita esclarecer determinadas formas do comportamento humano. Não tem ela, contudo, o caráter parenético e moralista da posterior fábula esópica.

Fragmentos há em que Ἔρως esparge seus dons de maneira pródiga, como no iambo 196W:

ἀλλά μ' ὁ λυσιμελὴς ὤταῖρε δάμναται πόθος.

Impera πόθος , "o desejo ardente", "o desejo do objeto amado ausente", já que πόθος é substantivo cognato de ποθέω , "desejar aquele ou aquilo de que se está privado". Seu poder manifesta-se de maneira invencível, como se infere do adjetivo λυσιμελής e do verbo δάμναται . Nome composto, formado pelos radicais justapostos do verbo λύω , "desatar", "desligar" e do substantivo μέλος ,

cujo sentido primeiro é "membro", "parte do corpo humano onde se localiza a força", significa "aquele que enfraquece ou afrouxa os membros". O verbo δάμνημι , cuja raiz indo-européia *d°mn-ā / *d°mə$_2$ expressa a idéia de domínio pela força, significa "submeter pela força" e por conseguinte "domar", "domesticar".

Evoca este iambo os fragmentos 97-98 R de Safo:

Ἔρος δήυτε μ'ὁ λυσιμέλης δόνει,
γλυκύπικρον ἀμάχανον ὄρπετον,
Ἄτθι.....

(Trad.: De novo, apodera-se de mim Eros, o que enfraquece os membros, criatura doce-amarga, invencível, ó Átis)

Nos fragmentos 191W e 193W, o poder de Ἔρως e Πόθος manifestam-se de maneira mais incisiva, como forças irracionais, instintivas e dominadoras. Utilizando-se de fórmulas épicas, como observa Page [83], Arquíloco enumera os efeitos físicos do desejo sexual. Trazem esses iambos à lembrança os versos 9-16 do fragm. 2R de Safo, onde a poetisa põe em evidência a progressão de sensações amorosas que culminam com um estado de total envolvimento:

ἀλλὰ κὰμ μὲν γλῶσσα ϝέαγε, λέπτον
δ'αὔτικα χρῶι πῦρ ὑπαδεδρόμακεν,
ὀππατεσσι δ'οὐδ'ἓν ὄρημμ', ἐπιῤῥόμ-
βεισι δ'ἄκουαι·
ἁ δέ μ'ἴδρως κακχέεται, τρόμος δὲ
παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δὲ ποίας
ἔμμι, τεθνάκην δ'ὀλίγω' πιδεύην
φαίνομ' ∪ - -.

(Trad.: Mas logo, sutilmente, minha língua
paralisa-se e, sob minha pele, de repente, um fogo escorre.
Nada vejo com os olhos, zumbem-me
os ouvidos.

O suor poreja, inunda-me, um tremor
me invade e, toda, mais verde
do que a relva fico, por pouco estou morrendo,
e assim pareço [84].

Prepara-se, pois, o caminho para aqueles iambos em que a expressão do erotismo desnuda-se do tom amoroso propriamente dito, vulgariza-se, convertendo-se, por vezes, em expressão de obscenidade. Cite-se, como exemplo, o fragmento 119W:

Instinto, amor carnal, constituem a tônica do fragm. 119W:

καὶ πεσεῖν δρήστην ἐπ' ἀσκόν, κἀπὶ γαστρὶ γαστέρα
προσβαλεῖν μηρούς τε μηροῖς,

O escoliasta de Medéia, de Eurípides, cita estes versos, a propósito do substantivo ἀσκός, que ocorre no v. 679, explicando, assim, seu significado: ἀσκὸν τοίνυν λέγει τὸν περὶ τὴν γαστέρα τόπον [85] (Trad.: certamente, denomina-se ἀσκόν à parte do ventre. O substantivo ἀσκός é tomado como sinônimo de γαστήρ, havendo, pois, como adverte Gerber [86], uma tantologia. Para Scherer [87], ἀσκός designa o órgão genital feminino, hipótese que se poderia endossar, uma vez que ἀσκός, cujo sentido primeiro é "pele de animal esfolado", conhece por metonímia a acepção corrente de "odre", como recipiente de vi-

nho, bebida que é, muita vez, usada metaforicamente para designar a secreção vaginal [88].

No tocante a δρήστην, derivado do verbo δράω, "agir", "executar", tem ele, como freqüentes vezes ocorre com palavras do campo semântico de "trabalhar", "agir", conotação erótica.

Merecem, ainda, relevo dois fragmentos que constituem exemplos de poesia iâmbica jônica, de caráter erótico, cujas raízes se perdem no passado da Grécia arcaica - 23W e 196aW. Podem-se citar como seus paradigmas dois episódios da epopéia homérica: o encontro entre Zeus e Hera no Monte Ida, narrado no canto 14 da Ilíada e o encontro entre Ulisses e Nausícaa, narrado no canto 6 da Odisséia.

São ambos poemas narrativos, em primeira pessoa do singular, que reproduzem, através do uso do discurso direto, um diálogo, ocorrido durante um encontro num lugar isolado, entre um narrador e uma mulher por ele desejada.

Divide-se o fragmento 23W em duas partes: na primeira - v. 7-15, o narrador dirige-se à mulher, com o objetivo de dissipar as dúvidas que pairam a seu respeito e seduzi-la; na segunda - v. 15-21, o narrador, na tentativa de persuasão, confere a seu discurso um tom solene, apelando para uma verdade oracular:

ἤμειβόμ[ην·
"γύνα[ι], φάτιν μὲν τὴν πρὸς ἀνθρώπω[ν κακὴν
μὴ τετραμήνης μηδέν· ἀμφὶ δ' εὐφ[ρόνηι,
ἐμοὶ μελήσει. [θ]υμὸν ἴλ α ον τίθεϱ. [

ἐς τοῦτο δή τοι τῆς ἀνολβίης δοκ[έω
ἥκειν; ἀνήρ τοι δειλὸς ἄρ' ἐφαινόμην[,
οὐ]δ' οἷός εἰμ' ἐγὼ[ο]ὗτος οὐδ' οἷων ἄπο. [
ἐπ]ίσταμαί τοι τὸν φιλ[έῳ]ν[τα]μὲν φ[ι]λεῖν[,
τὸ]ν δ' ἐχθρὸν ἐχθαίρειν τε [κα]ὶ κακο[
μύ]ρμηξ. λόγωι νυν τ[ῶιδ' ἀλη]θείη πάρ[α.
πό]λιν δὲ ταύτη[ν ...]α[.... ἐ]πιστρέ[φεα]ι[
οὔ]τοι ποτ' ἄνδρες ἐξε[πόρθη]σαν, σὺ δ[ὲ
ν]ῦν εἶλες αἰχμῆι κα[ὶ μέγ' ἐ]ξήρ(ω)κ[λ]έος.
κείνης ἄνασσε καὶ τ[υραν]νίην ἔχε·
π[ο]λ[λοῖ]σ[ἰθ]η[ν ζ]ηλωτὸς ἀ[νθρ]ώπων ἔσεαι."

Na primeira parte do iambo, a atitude inicial do narrador reveste-se de um tom terno, próximo ao da súplica - θυμὸν ἵλαον τίθεο . Mas, ao procurar dissipar a pecha de δειλός, "covarde", que lhe atribuem, afirma possuir um saber que lhe possibilitou eleger, como norma de conduta, a antítese amor X ódio:

ἐπίσταμαί τοι τὸν φιλέοντα μὲν φιλεῖν,
τὸν δ' ἐχθρὸν ἐχθαίρειν

Subjaz nesta afirmação uma ameaça que evoca o fragm. 126W:

ἔν δ' ἐπίσταμαι μέγα,
τὸν κακῶς μ' ἔρδοντα δεινοῖς ἀνταμείβεσθαι κακοῖς.

Como parâmetro de sua opção, o narrador escolhe μύρμηξ , o que talvez seja, ou alusão a uma fábula, ou ao provérbio ἔνεστι κἀν μύρμηκι κἀν σέρφῳ χολή (Trad.: há fel tanto na formiga, como no mosquito).

Do v. 17 ao 21 reitera o narrador, através da citação de um oráculo, o objetivo que se propusera; seduzir a mulher. Convém assinalar que os helenistas divergem quanto à interpretação destes versos. Optou-se pela apresentada por Henderson [89] que considera metafórica a alusão à cidade. Representa ela o próprio narrador que elogia a mulher, como se fosse tão guerreira quanto ele e apela para que ela satisfaça sua paixão.

No fragm. 196aW, o epodo de Colônia, a temática da sedução amorosa também aflora como nuclear. E periféricos a ela desenvolvem-se sub-temas, tais como, o efêmero da beleza e da juventude, a ἀχολασία feminina, a agressão injuriosa e o desprezo mordaz por Neobula, privada então dos filtros da paixão.

Pode-se dividir o epodo em três segmentos: recusa da jovem à proposta do narrador (v. 1-5); a sedução amorosa, sob a forma de réplica às palavras da jovem (v.6-27); a descrição do ato de amor (v. 28-35).

Ao rejeitar o rapaz, a interlocutora oferece-lhe uma outra jovem καλή e τέρεινα. O adjetivo τέρην ,- ειvα , -εv , "tenro", está intimamente relacionado a sensações táteis, visto aplicar-se, de um modo geral, à pele ou a objetos perceptíveis pelo tato. Pode-se dizer, então, que, de certo modo, indicia os versos finais.

Inicia-se a resposta do rapaz solene e gravemente, à maneira do estilo épico. O vocativo, Ἀμφιμεδοῦς θύγατερ, filha de Anfimedes, filha "daquela que se caracteriza pela sensatez", tanto pode ser uma forma de "captatio benevolentiae", como pode servir à expressão da ironia.

A partir do v. 9, o poema começa a revestir-se do tom erótico. Expressa-o, sobretudo, o sintagma παρὲξ τὸ θεῖον χρῆμα , que a considerar o comentário de Hesíquio, significa relação sexual completa. Explicita-o, ainda, a tentativa do rapaz de obter a cumplicidade da jovem (v. 12) e a sua decisão de "ir para os jardins verdejantes". A oração σχήσω γὰρ ἐς ποηφόρους / κήπους é ambígua: denota o lugar, mas conota atividade sexual. Isto porque, o verbo ἔχω no aoristo, acompanhado de um acusativo de direção introduzido pela preposição εἰς , expressão corrente da linguagem náutica, indica metaforicamente que a aventura erótica tem uma meta definida - ποηφόρους κήπους . Pode ela designar tanto o lugar onde se concretizará o ato de amor, como também o púbis feminino ou, mais precisamente, o monte de Vênus.

Irrompe, então, na narrativa o escárnio, que tem como alvo a jovem, antes oferecida ao rapaz, agora identificada como Neobula. É ela retratada de maneira antitética à caracterização feita nos versos iniciais: à beleza irrepreensível - εἶδος ἄμωμον - contrapõe-se o envelhecimento - πέπειρα / ἄνθος δ'ἀπερρύηκε παρθενήϊον / χάρις ἣ πρὶν ἐπῆν . Pinta-se uma mulher tão desprezível quanto a do fragm. 188W:

οὐκέθ'ὁμῶς θάλλεις ἁπαλὸν χρόα· κάρφεται γὰρ ἤδη
ὄγμοις, κακοῦ δὲ γήραος καθαιρεῖ

O vitupério chega ao clímax, quando é feita referência à ἀκολασία de Neobula: é ela tal qual a Pasífila, do fragm. 331W.

Há, porém, justificativas para o repúdio, idênti -

cas às alegadas por Hesíodo, em Os trabalhos e os dias, v. 700-701, quando apresenta o retrato ideal da mulher casadoura -γείτοσι χάρμ' ἔσομαι.

Delicadeza e sensualidade dominam o último segmento do iambo.

Observa-se, pois, que Arquíloco, ao eleger o amor como tema de alguns fragmentos, o modula, segundo tons diversos: ternura, paixão e obscenidade. Contrapõe o fascínio da sedução à virulência do desprezo. Expressa o vulgar, utilizando-se da linguagem sublime da epopéia. Pode-se, então, dizer que alguns fragmentos de temática amorosa participam das características da poesia do ψόγος.

7 - CONCLUSÃO

À maneira de conclusão, pode-se afirmar que Arquíloco de Paros, poeta cultor de elegias e, sobretudo, de iambos, ocupa um lugar de relevo, digno do atribuído a Homero, Hesíodo e Safo, dentro da floração poética da Grécia arcaica. Embora sua obra se revele, sob muitos aspectos, herdeira do legado da tradição poética que lhe antecede, dela, muitas vezes, se afasta, ao privilegiar como principal temática o momento que lhe é contemporâneo e ao conferir literariedade a temas, considerados menores, por não se enquadrarem nos limites do ἔπαινος.

Convém assinalar que é quase impossível distinguir, dentre os fragmentos remanescentes do poeta de Paros, os elegíacos dos iâmbicos. Há, de um modo geral, coincidência temática entre eles, se bem que alguns temas explorados nos iambos, tais como o sexo, a obscenidade, o vitupério, sejam desconhecidos da elegia. No tocante ao metro, a distinção é maior, uma vez que elegia e iambo se utilizam de metros diversos. No entanto, nem todos os iambos elegem o trímetro iâmbico como metro específico.

Conhece bem o poeta, como registro literário do grego arcaico, os acordes do estilo formular da epopéia. Dedilha-os com maestria, modulando-os, por vezes, segundo os tons elevados da épica homérica e hesiódica, muitos dos quais se converteram em constantes da poesia grega arcaica.

A sujeição dos mortais a poderes que os transcendem, as oscilações da sorte humana, a reverência aos i-

mortais são notas que ecoam, na poesia de Arquíloco, numa mesma escala tonal das que ressoam na produção poética que lhe é anterior e na posterior. Mas, a despeito dessa proximidade, inova o iambógrafo, quando introduz variações tais como: o ἀδύνατον , reiteração enfática da antítese limitação dos homens X poder incomensurável dos deuses; a τλημοσύνη , força interior que permite suportar os infortúnios; a tentativa da busca de compreensão da verdadeira dimensão do homem.

Relaciona-se, intimamente, o poeta com a tradição literária, ao seguir os passos dos homens que, distinguidos pelos deuses com o dom da inspiração poética, se tornaram guias de suas πόλεις . Distancia-se, no entanto, desses poetas inspirados ao aproximar τέχναι consideradas antitéticas - a τέχνη da poesia da τέχνη da guerra; mas prepara o caminho para a poesia de tom político, que surgirá depois.

Se muitos dos versos do poeta evidenciam posicionamentos que se podem considerar homéricos, outros, além de deixarem transparecer que os elos temáticos com a épica se romperam, assinalam um distanciamento em relação à grande parte da produção poética da Grécia pré-clássica.

Em muitos dos fragmentos, o poeta questiona os valores que norteavam a sociedade arcaica; critica os poderosos; dá relevo à invectiva e à zombaria. Acresce, ainda, que, utilizando-se da linguagem solene da epopéia, apresenta, de forma sublime, temas ditos populares e vulgares, como os que se inserem no domínio do amor-paixão,

chegando até o do obsceno. Esta é a poesia do ψόγος, poesia que instaura um novo fazer poético, tão grandioso quanto a poesia do ἔπαινος. É a poesia que está nas origens do sério-cômico, como propõe Bakhtin.

A poesia de Arquíloco, inserta entre o épico e o lírico, vem a constituir, portanto, um marco indiscutível na criação poética da Grécia.

8 - BIBLIOGRAFIA

1. ADKINS, A.W.H. Archilochus. In: ---. Poetic craft in the early Greek elegists. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1985. p. 33-54.

2. ADRADOS, Francisco Rodríguez. El mundo de la lírica griega. Madrid, Alianza Editorial, 1981. 331p.

3. ALCEU. SAFO. Texte établi et traduit par Théodore Reinach. Paris, Les Belles Lettres, 1966. 336p.

4. ARCHILOCHUS. Edidit Iohannes Tarditi. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1968. 298p.

5. ARCHILOQUE. Fragments. Texte établi par François Lasserre et trad. et commenté par André Bonnard. Paris, Les Belles Lettres. 1958. 105p.

6. ARISTOTE. Poétique. Texte établi et trad. G. Hardy. 2.ed. Paris, Les Belles Lettres, 1952. 99p.

7. _____. Rhétorique. Texte établi et trad. Médéric Dufour. 3eme tirage. Paris, Les Belles Lettres, 1967. 3v.

8. ARNOULD, Dominique. Archiloque et le vin d'Ismaros (Fr. 2 Diehl = 2West = 7 Lasserre - Bonnard). In: Revue de Philologie. Paris, Éditions Klincksieck, 1980, 54 (2). p. 284-294.

9. BAILLY, A. Dictionnaire grec-français. Éd. rev. L. Séchan et P. Chantraine. Paris, Hachette, 1950. 2230p.

10. BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense, 1981. 239p.

11. _____. Récit épique et roman. In: --- Esthétique et théorie du roman. Trad. Daria Olivier. Paris, Gallimard, 1978. p. 440-473.

12. BENVENISTE, Émile. Vocabulario de las instituciones indoeuropeas. Trad. Versión castellana de Mauro Armiño. Madrid, Taurus, 1983. 461p.

13. BOARDMAN, John. Los griegos en la costa macedonica y Tracia. In: ---. Los griegos en ultramar: comercio y expansión colonial antes de la era clá - sica. Versión española de Antonio Escohotado. Ma drid, Alianza Editorial, 1975. p. 227-231.

14. BONANNO, Maria Grazia. Nomi e soprannomi archilo - chei. In: Museum Helveticum, 1980, vol. 37 (2). p. 65-88.

15. BONNARD, André. Arquíloco, poeta e cidadão. In: --- Civilização grega, da Ilíada ao Pártenon. Trad. José Saramago. Lisboa, Estúdios Cor, s/d. 280p.

16. BOSSI, Francesco. Archil. fr. 2 (e 4)W. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1980, 34. p. 23-27.

17. BOWIE, El. Early Greek Elegy, Symposium and Public Festivals. In: Journal of Hellenic Studies, 106, 1986. p. 13-35.

18. BOWRA, C.M. A couplet of Archilochus. In: On Greek margins. Oxford, Clarendon Press, 1970. p. 67-71.

19. _____. La lirica greca da Alcmane a Simonide. Trad. Giuliana Lanata. Firenze, La nuova Italia, 1973.

20. BURN, Andrew Robert. The new age and the new poetry: Archilochos. In: --- The lyric age of Greece. p. 157-170.

21. BYZOS, M. Syntaxe grecque. 3.ed. Paris, Vuibert, 1955. 271p.

22. CALAME, Claude. Réflexions sur les genres litérai -

res en Grèce archaïque. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1974, 17. p. 113-128.

23. CAMPBELL, David A. Flutes and elegiac couplet. In: The Journal of Hellenic Studies, 1964, 84 p. 63-68.

24. _____. Greek lyric poetry. Bristol, Bristol Classical Press, 1982. XXXIV. 466p.

25. _____. The Cologne Archilochus: "a beard coming"? In: The Classical Quarterly, 28, 2. 1978. Oxford, Clarendon Press. p. 473-474.

26. _____. The language of the new Archilochus. In: Arethusa, 1976. vol. 9 (2). p. 151-157.

27. CAREY, C. Archilochus and Lycambes. In: The Classical Quarterly, 36 (1), 1986. Oxford, Oxford University Press. p. 60-67.

28. CHANTRAINE, Pierre. Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Paris, Klincksieck, 1968. 1977. 4t.

29. CLAY, Jenny Strauss. Archilochus and Gyges: An interpretation of Fr. 23 West. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1986, 24. p. 7-17.

30. DAIN, A. Traité de métrique grecque. Paris, Klincksieck, 1965. 273p.

31. DAVISON, J.A. Archilochus fr. 2 Diehl [7 LB] In: From Archilochus to Pindar. London/Melbourne/Toronto, Macmillan, 1968. p. 141-145.

32. DEGANI, Enzo. Il nuovo Archiloco. In: Atene e Roma, 1974, 19 (3-4). Firenze. p. 113-128.

33. _____. Note archilochee. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1976, 21. p. 23-25.

34. DESCAT, Raymond. Idéologie et communication dans la poésie grecque archaique. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1981, 38. p. 7-27.

35. DETIENNE, Marcel. Les maîtres de vérité dans la Grèce archaique. Paris, Maspero, 1973. 160p.

36. DOVER, K.J. The poetry of Archilochos. In: Entretiens de la Fondation Hardt, tome X. Vandouvres, 1963. p. 183-222.

37. _____. Review of Lasserre and Bonard's Archiloque. In: Greek and the Greeks. Oxford, Brasil Blackwell, 1987. p. 122-125.

38. DUTOIT, Ernest. Archiloque. In: --- Le thème de l' adynaton dans la poésie grecque. Paris, Les Belles Lettres, 1936. p. 5-8.

39. FRANKEL, Hermann. Ancient lyric - the founder: Archilochus. In: --- Early Greek poetry and philosophy. London, Alden Press, 1962. p. 132-151.

40. FOWLER, R.L. Elegy and the genres of Archaic Gree - ce. In: --- The nature of early Greek lyric: three preliminary studies. Toronto/Buffalo/Lon - don, Univ. of Toronto Press, 1987. p. 86-104.

41. GALLAVOTTI, Carlo. Archiloco. In: La parola del passato, 11, 1949. p. 130-153.

42. GASPARI, Carlo. Archiloco a Taso. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1982, 40. p. 32-41.

43. GENTILI, Bruno. Archiloco e la funzione politica della poesia del biasimo. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1982, 40. p. 7-28.

44. _____. Poesia e pubblico nella Grecia Antica. Roma, Editori Laterza, 1984. 414p.

45. _____. Interpretazioni di Archiloco fr. 2D. = 7L.B. In: Rivista di Filologia e Istruzione

Classica, 1965, 93 (2). p. 130-134.

46. GENTILI, Bruno. Note ad Archiloco, P. Col. 7511; Fr. 2 Tard., 2 West. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1976, 21. p. 17-21.

47. _____. Note ad Archiloco fr. 65D. In: Rivista di Filologia e Istruzione Classica, 1962, vol. 90 (1). p. 33-34.

48. GERBER, Douglas E. Archilochus, fr. 42 West. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1976, 22. p. 7-14.

49. _____. Archilochus fr. 119W. In: Phoenix, 1975, 29,2. p. 181-184.

50. _____. Eels in Archilochus. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1973, 16. p. 105-109.

51. GIANGRANDE, Giuseppe. Archiloque au pilori. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1972, 14. p. 37-40.

52. GIGANTE, Marcello. Il testo del fr. 1 D di Archiloco. In: La parola del passato, 1957, vol. 12. p. 358-362.

53. _____. Il testo del fr. 6, 3 di Archiloco. In: La parola del passato, 1956, vol. 11. p. 196-200.

54. GRAHAM, A.J. The role of the oikist. In: --- Colony and mother city in Ancient Greece. Manchester, Manchester University Press, 1964. p. 29-39.

55. HENDERSON, Jeffrey. The cologne epode and the conventions of early Greek erotic poetry. In: Arethusa, 1976, 9 (2). p. 159-179.

56. HÉRODOTE. Histoires. Texte établi et traduit par Ph. E. Legrand. Paris, Les Belles Letters, 1964-1968. 10v.

57. HOMÈRE. Iliade. Texte établi et trad. Paul Mazon. 4.ed. Paris, Les Belles Lettres, 1957. 4v.

58. HOMÈRE. L'Odysée. Texte établi et trad. Victor Bérard. Paris, Les Belles Lettres, 1956. 3v.

59. HORTA. Guida Nedda Barata Parreiras. Os gregos e seu idioma. Rio de Janeiro, Di Giorgio, 1978. 2v.

60. _____. Ode à bem-amada. In: Calíope, presença clássica, 6. Rio de Janeiro, Di Giorgio, jan./jun. 1987. p. 24.

61. HUMBERT, Jean. Syntaxe grecque. 3.ed. revue et augm. Paris, Klincksieck, 1972. 470p.

62. IAMBI ET ELEGI GRAECI ANTE ALEXANDRUM CANTATI. Edidit M. L. West. London, Oxford University Press, 1971. 256p.

63. JEFFERY, L.H. Paros and Thasos. In: --- Archaic Greece. The city-states C. 700-500 B.C. London, Methuen, s/d. p. 181-183.

64. KAMERBEEK, J.C. Archiloche. In: Mnemosyne, 14 (1), 1961. p. 1-15.

65. _____. Remarques sur le nouvel Archiloque (P. Colon. Inv. 7511). In: Mnemosyne, 1976, 29 (2). p. 113-128.

66. KIRKWOOD, G.M. Archilochus and the beginning of extant lyric poetry. In: --- Early Greek poetry. Ithaca and London, Cornell University Press, s/d. p. 20-52.

67. LASSERRE, François. Archiloque et la fille aux cheveux blonds. In: L'Antiquité Classique, 1975, 44 (2). p. 506-530.

68. LAUSBERG, Heinrich. Elementos de retórica literária. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d. 294p.

69. LEFKOWITZ, Mary R. Fictions in literary biography: the new poem and the Archilochus legend. In: Arethusa, 1976, 9 (2). p. 181-189.

70. LIDDELL, Henry George & SCOTT, Robert. A Greek- English lexicon. Oxford, Clarendon, 1968. 2042p.

71. LÍRICOS GRIEGOS ELEGÍACOS Y YAMBÓGRAFOS ARCAICOS (Siglos VII - V a.C.). Texto y tradución por F. R. Adrados. Barcelona, Alma Mater, 1956. 2v.

72. LYRA GRAECA. Newly/ed. J.M. Edmonds. London/ Cambridge, William Heinemann Ltd/ Harvard University Press, 1967. 3v.

73. LLOYD-JONES, Hugh. The new Archilochus fragment. In: ---. Females of the species. London, Duck - worth, 1975. p. 99-101.

74. MALKIN, Irad. Thasos: "A conspicous city in the dim ly seen island" In: ---. Religion and coloniza - tion in Greece. Leiden/New York, E.J. Brill, 1987. p. 56-59.

75. MIRALLES, Carles. L'iscrizione di Mnesiepes (Arch. test. 4 Tarditi). In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1981, 38. p. 29-46.

76. MIRALLES, Carles & PORTULAS, Jaume. Archilochus and the iambic poetry. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1983. 157p.

77. MOSINO, Franco. Σῖρις ποταμός (Nota ad Archil. 18D). In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1975, 20.

78. MOSSÉ, Claude. La colonisation grecque. In: --- La colonisation dans l'Antiquité. Paris, Fernand Nathan, s/d. p. 27-68.

79. NAGY, Gregory. Iambos: typologies of invective and praise. In: Arethusa, 1976, 9 (2). p. 191-203.

80. PAGE, Denys. Archilochus and the oral tradition. In: Entretiens sur d'Antiquité Classique, tome X. Vandoeuvres, 1963. p. 119-179.

81. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Hélade. Antologia da cultura grega. 4.ed. Coimbra, Imprensa de Coimbra Ltda., 1982. 538p.

82. PFEIFFER, Rudolf. History of Classical Scholarship. Oxford, Clarendon Press, 1968. 311p.

83. PINDARE. Isthmiques/Fragments. Texte établi et trad. Aimé Puech. Paris, Les Belles Lettres, 1961. 257p.

84. _____. Pythiques. Texte établi et trad. Aimé Puech. Paris, Les Belles Lettres, 1966. 170p.

85. PLATON. La République. Texte établi et trad. Emile Chambry. Paris. Les Belles Lettres, 1947. t. VI. 140p.

86. PODLECKI, A.J. Archilochus and Apollo. In: Phoenix, 1974, 28 (1). p. 1-17.

87. _____. Archilochus, Callinus and Mimnermus. In: The early Greek poets and their times. Vancouver. University of British Columbia Press, 1984. p. 30-61.

88. PÒRTULAS, Jaume. Archilochus, fr. 213 West = 21 Tarditi. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1982, 40. p. 29-32.

89. POUILLOUX, J. Archiloque et Thasos: histoire et poesie. In: Entretiens sur d'Antiquité Classique, tome X. Vandoeuvres, 1963. p. 3-36.

90. PRETASGONI, Roberto. Archiloco "salsa di Taso" negli Archilochi di Cratino (fr. 6K). In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1982, 40. p. 43-52.

91. RANKIN, H.D. Archilochus Fr. 2D, Fr. 7 (L-B). In: Emerita, 1972, 40 (2). p. 469-474.

92. _____. Archilochus (Pap. Ox. 2310 Fr 1, Col. 1). In: Eranos, 1974, 72 (1.2). p. 1-15.

93. _____. Archilochus and Achilles. Hermathena, 1974, Winter, 88. p. 91-98.

94. _____. The new Archilochus and some Archilochean questions. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1978, 28. p. 7-27.

95. _____. The Cologne Papyrus and Archilochus association with Lycambids. In: L'Antiquité Classique, 1975, 44 (2). p. 605-609.

96. RÖSLER, Wolfgang. Persona reale o persona poetica? L'interpretazione dell "io" nella lirica greca arcaica. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1985, 19. p. 131-144.

97. SCHERER, Anton. Die Sprache des Archilochos. In: Entretiens sur l'Antiquité Classique, tome X. Vandoeuvres, 1963. p. 83-112.

98. SICKLE, John Van. Introduction. In: Arethusa, 1976, vol. 9 (2). p. 133-147.

99. _____. The New erotic fragment of Archilochus. In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1975, 20. p. 123-155.

100. STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972. 199p.

101. SUIDAE LEXICON. ed. Ada Adler. Stuttgart, Teubner, 1971.

102. TARDITI, Giovanni. In margine alla cronologia di Archiloco. In: Rivista di Filologia e Istruzione Classica, 1959, 87. p. 113-118.

103. _____. La nuouva epigrave archilochea e la tradizione biografica del poeta. In: La parola del passato, 1956, 11. p. 122-139.

104. THESAURUS GRAECAE LINGUAE, ab Henrico Sthefano constructus nova editio auctior et emendatior. Austria, Akademishe Druck - v. Verlagsanstalt. 1954.

105. TOOHEY, Peter. Archilochus' General (fr. 114W): Where did he come from? In: Eranos, 1988, 86 (1). p. 1-15.

106. VOX, Onofrio. Il poeta e il carpentiere (Archilo - co e Carone). In: Quaderni Urbinati di Cultura Classica, 1988, 29 (2). p. 113-118.

107. WEST, Martin L. Studies in Greek elegy and iambus. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1974. 198p.

108. _____. Archilochus' message-stick. In: Classical Quarterly, 1988, 38 (1), p. 42-48.

109. ZANETTO, Giuseppe. Archiloco: la τέρψις e la νεβρός. In: Graeco-Latina Mediolanensia. Milão, 1985, 5. p. 35-47.

9 - NOTAS

[1] GENTILI (1984), p. 143, n. 10: "Le implicazione postulate da Bachtin a mio avviso essere approfondite e ricondotte, como si è visto, a un'epoca molto più remota della cultura greca".

[2] MOSSÉ (s/d), p. 35: "D'autre part, la mentalité grecque archaïque liait étroitement la qualité de citoyen à la possession d'un lot de terre.

[3] Pausânias, 10,28,3: "Portanto, a esse respeito Polignoto pintou Caronte em idade provecta. Mas Telis parece estar em plena juventude. Cleobéia, ainda donzela, tem nas mãos um cofre daquele tipo que se pensa ser feito para Deméter. Em relação a Télis, ouvi dizer que o poeta Arquíloco era seu descendente em terceiro grau. Por outro lado, dizem que Cleobéia foi a primeira a trazer para Tasos os misté - rios de Deméter". In: TARDITI (1968), p. 40.

[4] POUILLOUX (1964), p. 23: "les 'Missionaires', comme on a dit, vinrent les premiers, à la fin du VIII siècle, avant le premier foyer politique dans les années 680, avant la domination incontestée au milieu du siècle".

[5] In: TARDITI (1968), p. 39.

[6] Idem, ibidem, p. 167.

[7] ADRADOS (1981), p. 144: "la lírica es un instrumento de acción, aunque incluya a veces la autojustificación del poeta o la expresión de un sentimiento profundo".

[8] In: TARDITI (1968), p. 20.

9 Idem, ibidem, p. 18.

10 ARCHILOQUE (1958), p. XXIV-XXV.

11 In: TARDITI (1968), p. 21.

12 POUILLOUX (1964), p. 23: "attestent le rôle de Glaucos comme chef de guerre soit pour conduire à Thasos une expédition nouvelle, soit pour guerroyer sur le continent thrace".

13 Idem, ibidem, p. 14.

14 In: TARDITI (1964), p. 44.

15 PFEIFFER (1968), p. 182: "a lyric poem was a μέλος in early Greek literature, the poet a μελοποιός, a maker of songs, or μελικός (sc. ποιητής), and the whole genre μελικὴ ποίησις; and these remained the normal terms in later disquisitions about poetical theory and the classification of poetry".

16 Idem, ibidem, p. 183.

17 Idem, ibidem, p. 182.

18 KIRKWOOD (s/d), p. 2: "lyric is to some degree a matter of spirit and effect rather than purely of form".

19 WEST (1974), p. 3.

20 FOWLER (1987), p. 86.

21 WEST (1974), p. 4-5.

22 FOWLER (1987), p. 87.

23 WEST (1974), p. 3.

24 Idem, ibidem, p. 3.

25 Idem, ibidem, p. 6.

26 Idem, ibidem, p. 6. "It seems to be, therefore, a secondary coinage answering the need for a word to denote a literary composition in ἐλεγεῖα.

27 Idem, ibidem, p. 18: "elegy is actually a variety of melic poetry".

28 Idem, ibidem, p. 22: "iambic metre got its name from being particularly characteristic of ἰαμβι , not vice versa".

29 MIRALLES, Carles. PÒRTULAS Jaume (1983), p. 76.

30 DETIENNE (1973), p. 20.

31 Idem, ibidem, p. 27.

32 KIRKWOOD (s/d), p. 31: "By pairing the two traditionally separate activities, Archilochus is asserting a new role in society, characteristic of the century that followed him, and played both by the elegist-politician Solon and by the lyricist-politician Alcaeus, a role that makes the man of the Muses no longer the onlooker".

33 In: ARCHILOQUE (1958), p. 40.

34 Usa-se a expressão "locus communis", segundo preceitua LAUSBERG (1967), p. 236.

35 LAUSBERG (1967), p. 236.

36 Usa-se a palavra "estranhamento", seguindo a lição de LAUSBERG (1967), p. 112.

37 DUTOIT (1936), p. 3: "le caractère propre de l'adynaton est de donner comme possible ce qui est opposé aux lois naturelles".

38 FRANKEL (1962), p. 134:"man is wholly ephemeral, that is, subject to day and liable to its vicissitudes".

39 THESAURUS (1954), v. VIII, p. 2251.

40 Cf. cap. 3, p. 46-47.

41 GENTILI (1984), p. 143 e ss.

42 Idem, ibidem, p.143: "ma abbracia nel suo campo semantico tutta la dimensione del 'geloîon', del giocoso, ovvero del serio-comico, nel senso che questo termine ha assunto nella teoria del testo letterario di M. Bachtin".

43 BAKHTINE (1978), p. 455-473.

44 Idem (1982), especialmente p. 92-113.

45 Idem (1978), p. 456.

46 Idem (1982), p. 92.

47 GENTILI (1984), p. 143, n. 10.

48 BAKHTIN (1982), p. 93.

49 Ath. (epit.) 7 f.: ὅτι περὶ Περικλέους φησὶν Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος ποιητὴς ὡς ἀκλήτου ἐπεισπαίοντος εἰς τὰ συμπόσια " Μυκονίων δίκην". Δοκοῦσι δ'οἱ Μυκόνιοι διὰ τὸ πένεσθαι καὶ λυπρὰν νῆσον οἰκεῖν ἐπὶ γλισχρότητι καὶ πλεονεξίᾳ διαβάλλεσθαι...(Trad.: O poeta Arquíloco de Paros diz a respeito de Péricles, porque, sem ser convidado, comparecia aos simpó -

sios "Μυκονίων δίκην". Parece que os habitantes de Miconos, por serem pobres e habitarem uma ilha miserável, são acusados de mesquinharia e de cobiça). In: WEST (1971), p. 49.

50 DOVER (1963), p. 212: "I do not suggest, or believe, that the fragments in which Glaukos or Perikles is addressed express emotions other than those of the poet himself".

51 WEST (1974), p. 119: "The narrator (whom I shall assume to be Archilochus rather than some assumed character...)"

52 Dioscórides, epigr. 17. In: WEST (1971), p. 15.

53 VERNANT (1984), p. 34.

54 RÖSLER (1985), p. 138: "Una ricostruzione biografica non può essere altro che una valutazione di qualità, per cosi dire, secondaria dei testi, mai la verifica degli intenti communicativi a cui servono; questo metodo, se lo si applica in modo conseguente, ridurrebbe dunque la letteratura ad una funzione di testemonianza".

55 PAGE (1963), p. 153: "The obscenity is expressed in highly poetical terms, with a touch of traditional colour in the phrase ἢ Θρέιξ ἀνήρ/ ἢ Φρύξ cf. Il. 3, 401 ἢ Φρυγίης ἢ Μηονίης , 6.457 Μεσσηίδος ἢ Ὑπερείης."

56 schol. Ar. Pax, ad. 1298-1301. In: ARCHILOQUE (1958), p. 5.

57 In: WEST (1971), p. 3.

58 Calino, fragm. 1W In: WEST (1971), p. 47.

59 Empregam-se as palavras ênfase e ironia, segundo Lausberg.

60 PAGE (1963), p. 132: "There is no trace of the contemporary in the phrasing, except the use of a traditional epithet, ἀμώμητον , in a significant manner".

61 BOWRA (1973), p. 199.

62 In: ALCEU, SAPHO (1966), p. 123.

63 PAGE (1963), p. 133: "The anaphora of the phrase ἐν δορί is of a traditional type... Plainly traditional is the phrase ἐν δορὶ κεκλιμένος".

64 GENTILI (1965), p. 30 e ss/ (1976), p. 18-20.

65 DAVIDSON (1968), p. 144.

66 BOWRA (1970), p. 69.

67 ARNOULD (1980), p. 293.

68 BONNARD (1958), p. 3.

69 ARNOULD (1980), p. 286.

70 WEST (1974), p. 130.

71 PAGE (1963), p. 159.

72 SHERER (1963), p. 94.

73 In: WEST (1971), p. 46.

74 GALAVOTTI (1949), p. 142: "quasi un ripudio dell'apollineo concetto della καλοκἀγαθία.

75 Tradução de PEREIRA (1982), p. 94-95.

76 BONNARD (s/d), p. 104.

77 WEST (1971), p. 49.

78 BENVENISTE (1983), p. 291-292.

79 POUILLOUX (1963), p. 12.

80 ARCHILOQUE (1958), p. 29-30.

81 KIRKWOOD (s/d), p. 41.

82 In: WEST (1971), p. 16: "οὐκοῦν ἅπαντες οἴονταί τε καὶ λέγουσιν αὐτοφυὲς εἶναι σκιάδειον τὴν κόμην· καὶ ὁ κάλλιστος ποιητῶν Ἀρχίλοχος ἐπαίνεσας αὐτὴν, ἐπαινεῖ μὲν οὖσαν ἐν ἑταίρας σώματι".
(Trad.: sem dúvida, nem todos pensam e dizem que o cabelo é uma sombrinha natural. O mais belo dos poetas, Arquíloco, elogiando-o, louva o cabelo de uma ἑταῖρα.

83 PAGE (1963), p. 138 e 141.

84 Tradução de HORTA (jan.jun.1987), p. 24.

85 WEST (1971), p. 47.

86 GERBER (1975), p. 182.

87 SHERER (1963), p. 96.

88 WEST (1974), p. 142.

89 HENDERSON (fall 1976), p. 162.

90 παρὲξ τὸ θεῖον χρῆμα· ἔξω τῆς μίξεως , segundo Hesíquio. In: SICKLE (fall 1976), p. 137.

RESUMO

PESSANHA, Nely Maria. A poesia de Arquíloco. Rio de Janeiro, 1989, 147 páginas. Tese para obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas, em Língua e Literatura Grega - Faculdade de Letras da UFRJ. Analisa a obra de Arquíloco, no contexto da poesia grega arcaica, procurando discernir as semelhanças herdadas da tradição da epopéia e a renovação temática do poeta, que representa a transição entre a épica e o surgimento da lírica. Comenta os diversos fragmentos, alguns à luz da teoria do sério-cômico de Bakhtin. Apresenta, ainda, a tradução dos fragmentos menos corrompidos e tece considerações acerca da elegia e do iambo arcaico.

RÉSUMÉ

PESSANHA, Nely Maria. La poésie d'Archiloche. Rio de Janeiro, 1989,147 pages. Thèse proposée pour obtenir le titre de Docteur ès-Lettres, secteur Langue et Littérature Grecque Ancienne, à la Faculté de Lettres de l'UFRJ. On y analise l'œuvre d'Archiloche, dans le contexte de la poésie grecque archaïque, dans le but de distinguer les ressemblances héritées de la tradition de la poésie épique et le renouvellement thématique accompli par le poète, le quel représente la transition entre la poésie épique et la naissance de la lyrique. On y commente quelques fragments à la lumière de la théorie du sérieux-comique de Bakhtin, parmi la production connue du poète. On y trouve aussi la traduction des fragments les moins mutilés, en exprimant des considérations à propos de l'élégie et de l'iambe archaïques.

ABSTRACT

PESSANHA, Nely Maria. The poetry of Archilochus. Rio de Janeiro, 1989, 147 pages. Thesis presented in order to obtain the degree of Doctor in Greek Classic Letters and Litterature of the UFRJ - Faculdade de Letras. Analyses the work of Archilochus in the context of Greek poetry, of the archaic period, attempting to distinguish the similarities inherited from the tradition of the epopee and the thematic renewal of the poet who represents the transition between the epic and the appearance of lyric. Comments on the various fragments, some of which in the light of the seriocomic theory of Bakhtin. It further presents the translation of the less corrupted fragments and ponders the archaic elegy and iambus.